



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O NOME COMO LUGAR ATRIBUÍDO, CONCEDIDO E
SENTIDO - UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
TRANSGERACIONAL

LIA ALEXANDRA BERNARDINO RODRIGUES

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

**Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau
de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques pela sua orientação, entusiasmo e confiança transmitida, ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À minha mãe por todo o apoio transmitido e convicção de que com trabalho se alcança o sucesso. Ao meu pai e ao meu irmão.

À Guilhermina por todo o amor e carinho com que sempre me tratou ao longo da minha vida.

À Doutora Fátima Sequeira que me guiou e acompanhou no processo de resgate ao que de mais original existe em mim. Pelo seu apoio e prontidão na caminhada que temos vindo a efectuar pelo universo do inconsciente.

Aos participantes deste estudo, sem eles o trabalho não seria possível. Um obrigada especial à Bárbara e ao Miguel.

Às colegas de seminário Catarina Veiga e Filipa Clemente pela disponibilidade e trabalho desenvolvido no grupo de interpretação.

À minha madrinha Filipa Pacheco e ao João Álvaro pela sua amizade, presença e apoio ao longo desta etapa agora finalizada - a vida académica.

À Filipa Andrade por todas as horas de conversa e debate de ideias. E acima de tudo por me (re)lembrar o sentido da amizade. Agradeço o carinho, o apoio e o entusiasmo.

À Filipa Valentim pelo olhar que tem sobre mim. Por ser uma presença contínua e incansável tanto nos momentos bons, como nos menos bons.

À Sofia Vargas pela amizade e todos os momentos de descontração e diversão vividos ao longo destes anos.

À Maria Elisabete pelo seu espírito aventureiro e companheirismo. Foram horas de trabalho que guardo com estima.

À Laura, à Eunice, à Diniz e à Jéssica, pelas conversas e debates, pela amizade e pela prontidão com que me coclocam um sorriso no rosto.

À Teresa por todo o carinho e amizade e por todos os momentos partilhados que guardo ao longo deste percurso académico e de vida.

Ao Miguel Ângelo pela sua amizade incondicional e diálogos contrutivos tanto sobre a psicologia como a respeito da Humanidade.

À Catarina Ramos pela sua permanente presença e apoio inesgotável: "Um brinde! Sim, um brinde!".

"Aquilo que se olha e não se vê, chama-se invisível

Aquilo que se escuta e não se ouve, chama-se inaudível

Aquilo que se abraça e não se possui, chama-se impalpável

Estes três não podem ser revelados

Por isso se fundem e se tornam um

Enquanto superior não é luminoso

Enquanto inferior não é vago

O Constante que não pode ser nomeado

É o retorno à não-existência

É a expressão da não-expressão

É a imagem da não-existência

A isso se chama indeterminado

Encarando-o, não se vê sua face

Seguindo-o, não se vê suas costas

Quem mantém o Caminho Ancestral

Poderá governar a existência presente

Quem conhece o Princípio Ancestral

Encontrará a ordem do Caminho."

Tao Te Ching

RESUMO

O objectivo deste estudo é analisar a telescopagem geracional, ou seja, a transmissão psíquica de conteúdos inconscientes de pais para filhos aquando da atribuição do nome.

Os processos de transmissão ocorrem alienados da consciência e inserem o sujeito numa cadeia genealógica de significantes que estão ancorados ao seu nome.

Os participantes do presente estudo são duas famílias. A família A constitui-se pelo pai, pela mãe e por dois irmãos, um rapaz e uma rapariga. A família B constitui-se pelo pai, pela mãe e por um filho.

O instrumento utilizado foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre. A sua aplicação resultou na obtenção de sete narrativas (uma por cada participante) que foram analisadas em separado e em conjunto numa análise guiada pelas elaborações que se destacam no discurso dos participantes.

Em ambas as famílias, tendo o nome como texto e pretexto, é possível a análise da inscrição filiativa, fantasma transgeracional e objecto transgeracional de cada um dos filhos. Na família A a Bárbara e o Hugo herdaram conteúdos psíquicos distintos de cada um dos pais. Na família B o Miguel apresenta a ausência de conteúdos transmitidos directamente pelos pais, sendo o irmão mais velho depositário e responsável pela transmissão destes conteúdos.

Os estudos relativos à transmissão psíquica não existem em abundância na literatura e produzem-se a partir da análise de casos clínicos. Este estudo contribui com desenvolvimentos relevantes para a compreensão do fenómeno da transmissão psíquica uma vez não é tido em conta na prática clínica actual.

Palavras-Chave: Nome; Transmissão psíquica; Identidade.

ABSTRACT

The objective in this study is to analyze the generational telescoping, that is, the psychic transmission of unconscious contents from parents to their children's, when assigning their name.

The processes of transmission occur alienated from the conscious and put the subject in a family chain of signifiers that are anchored to its name.

The Participants of this study are two families. The Family A is by the father, the mother and two siblings, a boy and a girl. The B family is by the father, the mother and a son.

The instrument used was the interview Narrative in Free Association. Its application resulted in obtaining seven narratives (one per participant) that were analyzed separately and then together in an analysis guided by the elaborations that stand out in the speech of participants.

In both families, with the name as text and pretext, the analysis of filiative registration, transgenerational phantom and transgenerational object to each of the children is possible. The family A, Barbara and Hugo inherit distinct psychic contents of each parent. In the family B, Miguel, the eldest brother and depositary responsible for the transmission of content, shows the lack of content transmitted directly by the parents.

The studies on the psychic transmission do not exist in abundance and are produced from the analysis of clinical cases. This study contributes with relevant developments to understand the psychic transmission phenomenon, since it's something not taken into account in the current clinical practice.

Key-words: Name, Psychic Transmission, Identity

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. O SENTIDO DO NOME.....	6
3. A TRANSMISSÃO PSÍQUICA.....	10
4. TIPO DE ESTUDO.....	17
5. MÉTODO.....	18
5.1 Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI)	18
5.2 Participantes.....	20
5.3 Recolha de dados.....	20
5.4 Procedimentos de análise	21
6. RESULTADOS.....	23
6.1 Família A.....	23
6.2 Análise dos grandes temas na família A.....	35
6.2.1 Inscrição Filiativa e Transmissão Psíquica.....	35
6.2.2 Objecto Transgeracional.....	36
6.2.3 Fantasma Transgeracional.....	37
6.3 Família B.....	37
6.4 Análise dos grandes temas na família B	42
6.4.1 Inscrição Filiativa e Transmissão Psíquica.....	42
6.4.2 Objecto Transgeracional.....	42
6.4.3 Fantasma Transgeracional.....	43
7. DISCUSSÃO.....	43
8. CONCLUSÃO.....	53
9. REFERÊNCIAS.....	56
10. ANEXOS.....	59
ANEXO A - Formulário do consentimento informado	60

**ANEXO B - Transcrição das entrevistas dos participantes pertencentes
à família A:62**

Entrevista da Bárbara (filha).....63

Entrevista do Hugo (filho).....69

Entrevista da Dulce (mãe).....73

Entrevista do António (pai)81

**ANEXO C - Transcrição das entrevistas dos participantes pertencentes
à família B:84**

Entrevista do Miguel (filho).....85

Entrevista da Filipa (mãe)89

Entrevista do João António (pai).....94

1. INTRODUÇÃO

Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa, intitula a sua obra de "*O Guardador de Rebanhos*", não será por mero acaso que não a denomina de "O Pastor". Nomear é confinar, criar limites ao que pode condensar em si, o objeto, alvo de nome.

Clarice Lispector na sua obra "*Um Sopro de Vida*" escreve na primeira pessoa "*Me deram um nome e me alienaram de mim.*". Nomear não tem necessariamente de colocar fora aquilo que é a essência do objeto, mas delimita a sua expansão e há que pensar na intenção com que qualquer objeto é nomeado. A atribuição de nome é sempre feita do exterior, logo não poderá nunca compreender a totalidade de tons que compreende a existência do objeto em causa.

Qualquer nome tem um poder e uma função organizadora para a comunicação humana, o que não quer dizer que traduza a verdade completa do objeto alvo de nome. Voltando a Alberto Caeiro que escreve no poema IX:

<<*sou um guardador de rebanhos:*
O rebanho são os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.>>

Nesta estrofe contemplamos a imensidão de significado que se perderia se a Obra se denominasse de "O Pastor", porque pastor e guardador de rebanhos, à primeira vista, até podem evocar a mesma imagem: alguém que pasta ovelhas. No entanto, o significado de guardador de rebanhos, nesta obra, adquire todo um outro sentido, distinto da linguagem comum. Não será que todos os nomes significam algo, que pode ser evocado coletivamente, mas que numa apreciação mais focal, como no seio de uma família, adquirem toda uma outra significação própria com nuances de significados não atingíveis por outra pessoa longe desse meio? A obra de Caeiro é evocada nesse sentido, de colocar em evidência que a simples

evocação não torna inteligível a todas as pessoas o seu significado profundo. À frente, no mesmo poema:

<<Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la

E comer um fruto é saber-lhe o sentido.>>

Saber um objeto é diferente de lhe conhecer o nome. O nome é uma definição estática, apoiada na linguagem universal do Humano, em que assenta a possibilidade de transmitirmos e perdurarmos no tempo conteúdos criados pelo Homem. Sem a linguagem convertida em escrita não conheceríamos nada do que se teria passado nos anos anteriores à nossa existência. Estaríamos confinados a um aqui e agora sem conhecimento do passado e sem conseguir prever o futuro. A linguagem e a escrita em si mesmas não significam nada, carecem sempre de um interlocutor que proporciona uma interpretação relativa ao que se está a ouvir, ler. Se se evocar o nome "Papoila", a Humanidade que conhece a língua e o vocabulário português terá a percepção de que nos estamos a referir a uma flor. No entanto, "Papoila" por si só, não caracteriza o cheiro, a forma ou a cor da flor que recebeu este nome. Saber uma "Papoila" não é saber-lhe o nome, é poder experienciá-la através dos sentidos na experiência de Caeiro.

No que toca a objetos inanimados, parece fácil poder perceber esta distinção, no entanto quando passamos para as pessoas, a objetivação do significado do seu nome é bem mais complexa, não só na forma como é vista do exterior, pelo outro, mas também na forma como é sentida pela pessoa que o nome denomina. É fácil pensar que "Eva", nos dias de hoje, ao ser nome de uma criança, não está a significar a mulher existente no Paraíso segundo a Bíblia Católica e outros escritos. No entanto "Eva", não deixa de significar também essa mulher tão mítica da nossa história, do Génesis da Humanidade.

Saber a "Eva" é muito mais do que saber-lhe o nome, eventualmente a única pessoa capaz de saber "Eva", será ela mesma, e mesmo assim talvez não reconheça todos os recantos de si própria. "Eva" de seu nome, atribuído por um outro, não se confina a esta designação, a sua essência é extensível, mutável e não fixa. "Eva" vive confinada a um espaço, a um tempo e a uma denominação, nenhuma destas coisas foi escolhida pela pessoa a que nos referimos. Para o mundo ser inteligível e a comunicação possível, estas são algumas impossibilidades que confrontam a existência da humanidade como a conhecemos.

De volta ao poema:

<<Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
Eme deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.>>

A realidade é algo que é impossível definir por si só. Cada pessoa encerra em si um ponto de vista, diversas perspetivas, diferentes sensações e entendimentos do que experiencia no mundo. Nomear a realidade não é sabê-la. Para a saber, temos de a viver.

A forma que dispomos para saber alguém, ou melhor, para nos aproximarmos do que é aquela pessoa, como no exemplo "Eva", é relacionando-nos com ela, experienciando os meandros e contornos do que "Eva" nos diz, nos faz sentir, nos revela, aquando do momento da relação e do encontro conjunto que não irá apenas refletir o que é a essência de "Eva", mas sim os frutos da intersubjetividade vivida, partilhada e conseqüentemente sentida.

Freud (1974a) descreve o tabu dos mortos, em várias civilizações ao longo do mundo, verificando a invariante representada pelo tabu em pronunciar o nome da pessoa falecida. Em algumas civilizações os nomes atribuídos às pessoas são também designações para objetos/animais. Nestes casos, durante o período de luto, que é variável de cultura para cultura, os objetos/animais sofreriam alterações na sua denominação com a finalidade de não evocar os espíritos, que se creem demoníacos.

O facto de, em civilizações mais primitivas, estar muito vincado o tabu dos mortos com expressão ligada ao nome dos mesmos, advém da convicção de que o nome é componente essencial da personalidade de um homem, e é encarado como uma posse importante.

Na cultura atual verifica-se, junto das crianças, a dificuldade em aceitar que a semelhança entre duas palavras é desprovida de sentido. O adulto civilizado é capaz de inferir certas peculiaridades do seu comportamento, com isto pode pensar que o seu nome está de uma maneira muito vincada, ligado à sua personalidade (Freud, 1974a).

Partindo da obra de Freud, e em particular de Totem e Tabu, verificamos que pronunciar o nome de uma pessoa, é uma forma de manter contacto com ela. O tabu em pronunciar o nome dos mortos, não explica por si só o impacto que essa ação/intenção terá nas pessoas vivas, no entanto é algo que parece ser universal nas civilizações mais antigas.

Com o avançar dos tempos, Freud (1974a) evidencia que o luto influencia a prática do tabu, contudo tem em vista propósitos bem diferentes. A expressão do nome não é proibida porque a pessoa morreu, mas sim porque a representa na sua singularidade e evoca. No estudo de civilizações mais atuais verifica-se que os pais nomeiam crianças, depois dos ancestrais falecidos, em forma de homenagem. Há claramente uma relação entre o nome, e aquilo que se transmite e existe, na pessoa que o porta.

Levi-Strauss (1982) apresenta a origem do Homem podendo esta advir de um acontecimento, o que se deve a uma origem histórica e livre de racionalidade, ou de uma intenção, em que a sua origem se cinge a um propósito deliberado. O Homem possui propriedades inatas à sua existência, constituídas através da experiência conotada de valor racional embora não concebido racionalmente.

Podemos pensar no nome que o indivíduo carrega como uma propriedade inata, não nascendo com ele, é-lhe dado à nascença. Não há escolha para o indivíduo, é algo que lhe pertence desde que se lembra de si, e por vezes já existe mesmo antes do seu nascimento.

A experiência desenvolve-se através do processo automático de associação de ideias e estas têm uma conexão espacial advinda da Magia "contagiosa" (Freud, 1974a). A magia é o reflexo de desejos humanos que devido à sua natureza não podem ou não devem ser concretizados. O nome dado a cada indivíduo é fruto de uma experiência, ou seja, de associações de ideias onde a magia ocupa um lugar fantasmático na intenção do ancestral na forma como este escolhe nomear o seu sucessor. O nome, por si só, remete para algo real e para algo simbólico.

Como o Homem não existe sem nome, sem uma denominação, o próprio indivíduo que recebe o nome possui ligações ainda que de forma "não escolhida" a algo que é real e que tem também um significado simbólico dotado de duas polaridades.

No homem primitivo, como nos fala Freud (1974a), uma das partes mais importantes de uma pessoa é o seu nome, desta forma sabendo o nome de um homem ou de um espírito adquire-se uma certa quantidade de poder sobre o seu possuidor. É aqui que se prende a origem das precauções e restrições que o uso de um nome pode acarretar. Freud (1974a) fala-

nos também acerca do elo profundo de ligação no uso de nomes que podem ser semelhantes, ou mesmo iguais, partilhados por membros do mesmo totem, ou seja, da mesma família. Existem certamente dinâmicas simbólicas importantes, a serem estudadas, em torno desta questão da contiguidade familiar, filiação, origem do indivíduo e o lugar que lhe é concedido na família.

A atribuição de nome condiciona o processo de construção de identidade no sujeito alvo de nomeação. Este é um fenómeno transversal a todas as culturas, bem como o envolvimento por parte do ancestral na formação da identidade do seu sucessor (Falk, 1975).

Agindo conscientemente no momento da escolha do nome, é ao nível inconsciente que ocorrem transmissões de conteúdos psíquicos dos pais que se alojam na vida mental dos filhos condicionando o desenvolvimento do seu processo de individuação, única e singular, diferente dos seus antecessores (Faimberg, 2005). É também nesta transmissão de conteúdos que se estabelece uma continuidade familiar e que se concede ao bebé um lugar na estrutura filiativa. O nome é então uma cripta que esconde conteúdos e dinâmicas inconscientes presentes na família e que, ao definir o sucessor, garante a continuidade familiar inserindo-o numa linhagem filiativa de pertença (Abraham & Torok, 1984), espelhando e refletindo o lugar da sua origem.

Pretende-se com este estudo olhar a pessoa que porta o nome, sobre a sua significância, bem como a significância atribuída pelas pessoas que lho deram. Irão ser analisadas ligações inconscientes e conteúdos transmitidos de geração para geração que caracterizam e esboçam a vivência na realidade através do modo como habitam o mundo psíquico dos sujeitos em causa. Procurou-se, em primeira instância, recolher dados através de instrumentos privilegiados na investigação psicanalítica; de seguida, foi feita uma análise dos dados obtidos. Após este levantamento, e com base numa revisão de literatura referente ao nome e ao impacto que este terá no desenvolvimento da identidade, levantou-se o presente objetivo do estudo – analisar e compreender o conteúdo psíquico transmitido dos pais para os filhos condensado na escolha e na atribuição do nome. Em primeira instância aborda-se a revisão da literatura sobre o sentido do nome e a transmissão psíquica.

Segue-se uma decomposição das Entrevistas Narrativas em Associação Livre. Num terceiro momento é realizado uma reflexão e discussão destes pontos em conjunto com uma apreciação dos referenciais teóricos acerca da formação da identidade e transmissão psíquica,

alguns abordados previamente na revisão de literatura. Por último, são realizadas considerações finais do presente trabalho, não só a sua contribuição para a Psicologia Clínica, mas também para um aprofundamento da área referente à análise da telescopagem geracional.

2. O SENTIDO DO NOME

*"Todos temos em nós um selvagem intrépido,
e um nome selvagem está talvez gravado algures no nosso nome."*

Henry Thoreau

Do latim "*Nomen*" e do grego "*Onyma*" ou "*Onoma*" deriva etimologicamente a palavra "*Nome*" cujo significado se prende com a designação de pessoas, animais e coisas. A expressão "*Nome próprio*" acarreta também a significação de: privado de si mesmo, que gerou propriedade.

Segundo Lemaire (1982), Lacan indica que a linguagem é o uso de símbolos que modelam a compreensão humana, é um engodo no que toca à apreensão da verdade porque não representa em si mesmo aquilo a que se refere. Neste sentido, os nomes concedidos às pessoas podem refletir o mesmo significante, mas nunca o mesmo significado. "*Cada palavra na frase adquire um sentido para o jogo inter-relacional dos elementos proposicionais, mas, ao mesmo tempo, esse sentido não é jamais fixado de maneira estável.*" (Lemaire, 1982).

O nome dado ao sujeito reflete-se num significante (ex: António; Antónia) mas encerra em si mesmo um significado, familiar e individual, aproximando-se e distanciando-se da sua verdade.

Lacan (1987) refere a estrutura intemporal do inconsciente onde predomina a função simbólica. Um acontecimento individual, tendo como foco o nome que a pessoa tem, por exemplo, leva a uma cristalização afetiva que se faz no molde de uma estrutura mental pré-

existente. Da multiplicidade de possibilidades que existem para o indivíduo se realizar, nasce o mito individual, onde os complexos podem tomar várias formas de serem vividos.

Lacan (1978) caracteriza o Complexo geral como tendo duas etapas, a primeira, especifica a gênese, indica que a sua forma representa esta realidade no que ela tem de objetivamente distinto numa dada etapa do desenvolvimento psíquico. A segunda, especifica o condicionamento do complexo, indica que a sua catividade repete no vivido a realidade assim fixada, sempre que se produzem certas experiências que exigiram uma objetivação superior desta realidade. O nome da pessoa é, por si só, um complexo, a pessoa que o tem conhece-o como signo de si própria, contudo há um tabu familiar acerca da sua significância.

Com o estudo das diversas civilizações verifica-se a invariante de que as instâncias culturais dominam as instâncias naturais. A família emerge da estrutura hierárquica de coação do adulto sobre a criança, bases arcaicas da formação moral (Lacan, 1978). O autor coloca também outros traços objetivos, sendo eles: organização da autoridade familiar; as leis da sua transmissão; os conceitos da descendência e do parentesco; leis da herança e sucessão que se combinam na família obscurecendo as relações psicológicas, emaranhando-as.

A família tem um papel primordial na transmissão da cultura e é no seu seio que tem lugar a primeira educação: falamos de repressão dos instintos e aquisição da linguagem "materna". A família transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência, estabelecendo entre as gerações uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental (Lacan, 1978).

O ancestral tem uma dimensão importante na formação da pessoa que lhe sucede, nomeadamente é dele a responsabilidade de nomear a criança que irá nascer. Um dos nomes atribuídos ao novo ser, será o nome de família (patronímio, na cultura vigente) que tende a designar, independentemente do seu sentido. O nome próprio, por sua vez, é inscrito numa escolha, da pessoa que nomeia (Soller, 2007), em relação àquela que acabou de chegar, sendo um desejo do outro, depositando uma significância dos seus sonhos e expectativas.

Segundo Mijolla (1987) o sujeito elabora fantasias acerca das suas identificações inconscientes, bem como a origem do seu nome, no decorrer do processo de formação da sua identidade, tendo em conta a história que conhece da sua família. Essas fantasias de identificações inconscientes advêm das imagens internalizadas das figuras significativas podendo chamar-se de imagos: protótipos inconscientes de personagens que orientam de preferência a forma como o indivíduo apreende o outro que são elaboradas a partir das

primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com o meio familiar (Laplanche & Pontalis, 1970) e que formam no sujeito características primordiais do seu carácter transmitidas pelos antecessores (figuras significativas). O nome, pode ser encarado como uma cripta que, encerra em si uma cadeia de significantes pertencentes, em primeira instância, aos antecessores do bebé e que irá condicionar o desenvolvimento e formação da sua identidade (Abraham & Torok, 1984).

Earles (1966) explora as dificuldades na formação da identidade que refletem dificuldades em abandonar a ilusão de onipotência aquando da vivência da primeira infância. Os sujeitos não se relacionam com o outro, mas sim com as partes da sua mãe introjetada, que refletem. A mãe olha a criança como se ela fosse, na realidade, um dos seus objetos fantasmáticos introjetado, não a olha como objeto total, diferente de si.

Lichtenstein (cit. por Earles, 1966) indica que o processo de identificação se funda no "imprinting" da identidade da mãe no bebé. Se a mãe não tem uma identidade bem formada, o estado de simbiose com o bebé irá prolongar-se no tempo. O novo bebé pode despoletar nos pais o confronto com a sua finitude, e de uma forma inconsciente pode ser culpado pelo envelhecimento que os pais percecionam em si próprios. Como se o bebé pudesse representar a morte que existe nos pais.

A criança revive os conflitos relativos ao processo de identificação dos pais. Aquando da nomeação, este processo começa a materializar-se na realidade. Para poder sentir a sua existência, o bebé no desespero apega-se compulsivamente, como defesa à sua integridade, a uma parte da mãe ou do pai com que se identifica (Earles, 1966).

A não completude de um processo de criação e coesão da própria identidade usa como defesa contra o medo inconsciente de reconhecer a existência humana, vivida largamente num nível simbiótico exacerbado com o parentesco. Earles (1966) expressa que o processo de identificação se completa quando a pessoa reconhece o medo, aceitando a condição de viver numa relação simbiótica com o mundo externo. Sendo possível quando a pessoa desenvolve uma vasta consciência de si, impedindo o medo da desintegração no mundo.

O nome representa a identidade como "órgão" que permite a pessoa percecionar-se a si e conseqüentemente o mundo. Uma identidade coesa permite à pessoa não só espelhar-se no mundo externo, bem como a um nível relativo à simbiose, introjetar e projetar objetos, sendo o self e o mundo externo indissociáveis (Earles, 1966). O que é transmitido ao nível inconsciente aquando da nomeação de um bebé, faz parte e habita o psiquismo do sujeito, o

seu processo de formação de identidade irá sempre ser influenciado por esta carga que é depositada pelo ancestral, no bebê.

Falk (1975) vem evidenciar que o ato de nomear é tão antigo como a existência da civilização. Soller (2007) relembra a passagem bíblica do Génesis: "*Depois de ter criado cada uma das coisas, Deus lhes deu um nome.*". Falk (1975) ao estudar os Católicos e Judeus Ortodoxos nas Filipinas, verificou que quando uma criança ficava doente alteravam o seu nome, e que isso teria consequências no seu processo de cura. Como se o nome da pessoa que adoeceu representasse a doença que nela existia e, ao mudar de nome, a doença iria sucumbir.

O mesmo autor também estudou as populações chinesas, observando que no caso das viúvas existe uma grande relutância em voltar a casar pois isso implica desvincularem-se do nome do falecido marido. Outra situação referida são as crianças primogénitas que, por norma, são nomeadas com o mesmo nome do pai ou avô, o que conduz à dificuldade em se apropriarem da sua identidade dificultando a separação interna entre si e o seu antecessor. Mais uma vez, coloca-se em evidência que o valor emocional ligado ao nome tem intensas implicações na psique do sujeito, conduzindo à apropriação ou à mudança.

Falk (1975) evoca os autores que utilizam pseudónimos/heterónimos indicando que potencia a emergência e expressão de diferentes partes da sua identidade. O autor evidencia também que em algumas culturas, o uso do primeiro nome, pode ser interpretado como uma invasão de privacidade, uma ofensa ou insulto. As normas sociais e a cultura exercem pressões na forma de nomear as crianças e ajudam a determinar um sentido na formação da identidade individual do sujeito. As relações vividas dentro da família, pelas pessoas que nomeiam a criança, têm um papel fulcral na forma como esta se irá perceber e identificar.

Falk (1975) utiliza como texto e pré-texto, de análise daquilo que nomear uma criança representa e das significâncias atribuídas ao nível inconsciente, a história de Jacó no antigo testamento:

<<Jacó reuniu matrimónio com duas irmãs, Lea, a mais velha e não desejada e, Raquel, a mais nova e por quem nutria muito amor.

Lea teve o primeiro filho, que escolheu nomear de Ruben. Este filho alimentou a sua esperança de recuperar o amor e afeição de Jacó. Ruben significa "eis que um filho".

Permanecendo desprezada, Lea deu à luz um segundo filho, que nomeou de Simão, cujo significado se revela como "calçado em". O terceiro filho teve o nome de Levi cujo

significado condensa "ouvir" e "junto", por forma a dar expressão à esperança que tinha em recuperar a atenção de Jacó, para a ouvir e se juntar a ela no amor. >>

Os nomes das crianças estão profundamente ligados às fortes emoções que prevaleciam na dinâmica relacional dos pais.

<<Ruben comete "incesto" ao envolver-se com a concubina do pai.>>

Ruben colocou-se literalmente entre o pai e a sua mulher, talvez como vingança pela negação do amor de Jacó por Lea, sua mãe. Como se expressasse: "Se tu não a desejas, eu desejo."

Não foi o nome, por si só, que originou tal destino. Talvez a dinâmica de conflito associada no processo de nomeação tenha afetado, neste sentido, a formação do seu psiquismo e os seus desejos.

<<Por sua vez, Raquel não engravidou ao longo de largos anos, vindo a dar à luz um filho, a quem chamou João. João de Yossef Adonai Li Ben Aher que significa "Talvez Deus me dê outro filho.">>

Pode pensar-se que João ficou destinado à rivalidade entre irmãos e ao sentimento de ciúme.

Com este exemplo, fica claro o papel e a força da transmissão de material inconsciente dos ancestrais para os sucessores.

3. A TRANSMISSÃO PSÍQUICA

"Não sei que pacto se estabelece entre a pessoa que somos e o nome que nos deram: o nome, como o corpo, é nós também."

Vergílio Ferreira

A transmissão psíquica surge da falha no conhecimento acerca da relação de objeto ou da relação com um objeto excessivo (intrusivo) ou ausente. O material que é transmitido cristaliza-se na psique do sujeito apresentando-se de uma forma inaudível à sua consciência.

Faimberg (2005) indica que existe algo incógnito, na história do objeto de identificação, que motiva a transmissão de conteúdo de forma inconsciente.

O narcisismo dos pais está ancorado na psique dos filhos (Freud, 1974b), sendo que à partida são os pais as figuras significativas que nomeiam o bebé. Pretende verificar-se se o "nome" do sujeito poderá refletir conteúdos não pensados pelos pais, objetos de identificação para o bebé, sendo transmitidos de uma forma cristalizada e, portanto, inacessíveis à consciência do sujeito recetor do nome.

No processo de individuação, o filho "obriga" os pais à confrontação/elaboração com o seu narcisismo, por forma a possibilitarem a correta posição da criança no complexo de Édipo. Se os pais não lidarem com o seu próprio narcisismo não irão conceder lugar à criança para esta se desenvolver e individualizar psiquicamente, fazendo-a refém da sua frustração.

A dinâmica narcísica expressa-se da seguinte forma:

"Eu amo, eu sou." - Ego; "Eu odeio, tu és." - Non Ego

O narcisismo da criança é construído através da história de outrem (Faimberg, 2005).

Quando os pais não elaboram o seu narcisismo e por consequência não atribuem lugar ao filho, a criança pode carregar o Non Ego dos pais e "dar-lhes" o seu Ego. Desta forma os pais apropriam-se do investimento psíquico dos filhos e estes tornam-se capturados, por intrusão. Esta situação influencia, de uma forma impossibilitante, o processo de individuação psíquica e de perceção da alteridade do outro. Negar a origem é uma ilusão, ao repetirem o padrão dos pais, os filhos cumprem a negação do desejo.

Faimberg (2005) destaca dois conceitos relativamente ao processo de transmissão psíquica: a alienação que se traduz na história reestabelecida com a qualidade do passado, e a desalienação que se refere à condição para a libertação do desejo e construção do futuro. As crianças a quem foram depositados conteúdos ambíguos criam ansiedade através da articulação do desejo de expressar o "segredo" dos pais e do desejo de se identificarem ao objeto alienado.

Pais com dificuldades em lidar com o seu narcisismo transportam para os filhos dificuldades na perceção da diferença geracional (antes de mim, algo já existia.), na perceção da diferença de sexos (indiferenciação) e na perceção do outro com vontade própria (sentido de alteridade). O amor narcísico dos pais mostra-se na apropriação, primeiro amor dos pais pela criança. Por oposição o ódio narcísico dos pais mostra-se na intrusão, segunda forma de amor dos pais pela criança. Ao tornar-se "outro" os pais são intrusivos para satisfazer o seu prazer, ao cortarem a possibilidade de prazer dos filhos.

Exaltando o mito do Rei Édipo sugiro então que se pense a atribuição do nome dado ao bebê da mesma forma que se pensa o oráculo. Como se o nome do sujeito condensasse a verdade da sua origem, surgindo como reflexo da história dos pais.

A posição da criança no “Complexo de Édipo” (dinâmica psíquica) depende da forma como os pais elaboram o seu narcisismo, e daquilo que é transmitido inconscientemente para o bebê (Eiguer, 2003). Esse conteúdo traduz-se no objeto transgeracional.

A telescopagem geracional inconsciente faz com que o sujeito repita os mesmos padrões que os pais, ou por oposição, pode vivê-los de forma oposta rejeitando o lugar filiativo que lhe é concedido.

Analisemos então o mito do Rei Édipo enquanto texto e pretexto de olhar a transmissão psíquica de conteúdo inconsciente entre gerações:

<< Laios consultou o Oráculo de Delfos onde lhe foi transmitida a mensagem que o seu descendente o iria matar. Laios afastou-se de Jocasta, sua mulher, sem qualquer justificação. Uma noite Jocasta embebedou Laios envolvendo-o nos seus braços e nove meses depois nasce Édipo. Laios retira-o dos braços da parteira e espeta um prego nos seus pés por forma as estes ficarem ligados mandando-o para o Monte de Coríntia. Um pastor Corintiano encontra o bebé e nomeia-o de “Édipo” (pé inchado), devido aos ferimentos provocados pelo prego, e leva-o aos reis de Coríntia que o acolhem como filho. Quando maior, Édipo consulta o Oráculo de Delfos e este diz-lhe que matará o pai e casará com a mãe. Por gostar muito dos pais e dado o seu destino, decide não voltar a Coríntia. No caminho que fazia depara-se com Laios numa carruagem, este manda-o sair da estrada, mas Édipo recusa obedecer seja a quem for, exceto aos Deuses e aos seus pais. Laios passa por cima de um pé de Édipo que num ataque de raiva o assassina. Laios estava a caminho do oráculo para perguntar como poderia livrar Tebas da Esfinge.>> (Graves, 1990)

Através desta pequena descrição de uma parte do mito do Rei Édipo entende-se que existe na sua génese um grande engano, um “não dito”. Édipo não tinha conhecimento de que era adotado e não sabia que o seu nome refletia o estado em que se encontrava quando o acolheram, com os pés inchados, feridos. Ignora também que a causa de ter sido deixado ao abandono reflete o filicídio original. Édipo não sabe, que não sabe, quem são os seus pais biológicos, a sua origem (Faimberg, 2005). Dadas a sua circunstância de vida perde completamente a ligação com a sua genealogia. O segredo justifica o porquê de Édipo, na

realidade, concretizar o parricídio e o incesto, ações abomináveis também no seu ponto de vista.

Segundo Faimberg (2005) o "Complexo de Édipo", relação entre objetos que habitam o psiquismo do sujeito que pode ser explicada através do mito: Rei Édipo, sendo regulado por um paradoxo pois Édipo apesar de conhecer a lei e os mandamentos morais tinha na ignorância a sua origem, genealogia, o que o deixava desprotegido perante o seu destino. Não tendo, por isso, outra possibilidade que não seja a de cometer parricídio e incesto para descobrir a sua origem filiativa.

Deste modo percebemos que o sistema filial, a relação parental, é uma condição necessária para identificar os "objetos edipianos" e é nesta medida que protege o sujeito de agir na realidade os desejos parricidas e incestuosos.

No mito do Rei Édipo é o nome que este carrega que reflete a ligação entre o seu passado filicida e o segredo da sua adoção. O seu nome, Édipo, guarda o "não-dito" acerca da sua origem.

O "Complexo de Édipo" encerra em si três tipos de mitos sendo estes de natureza social, familiar e individual. Lacan (1987) refere que *«O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é enquanto a palavra progride que ela a constitui. A palavra não se pode apreender em si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir - e isto, de um modo mítico. É neste sentido que se pode dizer que aquilo em que a teoria analítica se concretiza, a relação intersubjetiva, e que o complexo de Édipo, tem um valor de mito.»*

O conteúdo pessoal histórico, no mito edipiano, é atemporal na sua estrutura formal, mas irreversível no seu conteúdo pessoal histórico. Existe uma narrativa aventureira/heróica em torno da vida do indivíduo singular, onde tentaremos explorar o valor/impacto que o nome, como pertença do indivíduo, pode ter e que pode ilustrar.

A língua que se fala num determinado país, região, é possuidora de um tempo reversível ao passo que a palavra é detentora de um tempo irreversível. Segundo Lacan (1987), o agrupamento de termos que se produz na primeira geração de uma família, reproduz-se na segunda geração numa combinação transformada, a relação do Édipo com o seu pai, em que este o mata, é de subestimação do parentesco consanguíneo, ou seja, da

filiação. Por sua vez na geração seguinte, os filhos de Édipo também se matam apresentando novamente uma subestimação do parentesco consanguíneo, só que de uma forma transformada. Particularizando para os nomes que perduram ou não, de geração em geração nas famílias, existe sempre a prevalência do significante sobre o significado (Strauss, 1982). Desta forma o sentido que o nome tem para o indivíduo ocupa um papel importante na estruturação do seu mundo psíquico. Segundo Soler (2007) o nome próprio não é precisamente um significante que representa o sujeito, mas índice do que há nele de "impensável".

O objeto transgeracional é inaudível à consciência e permanece cristalizado na psique do sujeito.

Segundo Eiguer (1991) existem três tipos de objetos transgeracionais:

1.º Tipo: as representações de objetos de carinho reivindicam a fidelidade edipiana nas pessoas cuja libido está fixada na fase fálica do desenvolvimento psicosexual.

O objeto interno do pai do sexo oposto à criança desempenha um papel que possibilita ou não, a evolução até à fase edipiana. O pai ou a mãe do sujeito forma ou facilita a identificação do sujeito de maneira que este "encontre" o amor edipiano.

Este processo depende do compromisso do material inconsciente que foi transmitido do avô para o pai do sujeito.

2.º Tipo: são representações de objetos transgeracionais idealizadas, que ampliam a necessidade de compensação e criam sentimentos de dívida. O sujeito tem o seu antepassado como parasita na sua psique. Os sentimentos de identidade individual e familiar são por norma muito frágeis.

Estas representações objetais referem-se à perda do objeto idealizado e sobre o qual se estende um longo processo de luto. A perda pode ser experienciada de forma ainda mais dolorosa se for seguida de uma tentativa desajeitada de negação do luto, por exemplo através de uma união de matrimónio ou do início de uma nova gestação, gravidez.

3.º Tipo: são as representações de objeto que criam fantasmas em branco fazendo ocupar uma sensação de vazio, não representável. O sujeito descende de uma linhagem onde alguém cometeu algo reprovável e manteve em segredo perante o resto da família. Podem ser atos violentos, tentativas de suicídio, incesto. Este acontecimento "assombrará" como um fantasma os descendentes familiares.

A circulação da figura fantasmática é uma questão difícil de clarificar. O segredo é precursor de curiosidade e perplexidade. A figura fantasmática é alvo de grande interesse. Os descendentes familiares sentirão uma lacuna na sua história, no entanto é comum que reprimam ou inibam o desejo de saberem. A culpa pode aparecer ligada a essa curiosidade. A revelação ou descoberta do "não-dito" pode levar a ações desadaptadas como repetir o ato traumático ou levar a cabo outra ação precursora de infortúnio.

Portador do fantasma e fantasma habitam o mesmo espaço mental não reconhecendo os contornos um do outro. Segundo Eiguer (1991) é como se fosse "uma vida enxertada noutra vida" onde os limites se confundem e são imprecisos.

É um "não-dito" impossível de ser elaborado pelo sujeito. Foi guardado conscientemente, de uma forma deliberada, por um ancestral, e perdura incorporado de uma forma clivada em um dos membros da família que integra o sistema filiativo. Pode significar também parte de uma estratégia perversa ou ainda de um objeto reprovável, com uma imagem vergonhosa.

Todos os objetos transgeracionais levam a um ponto comum: conduzem à dificuldade na circulação da representação do fantasma, tendo um efeito negativo e bloqueador na vida mental do sujeito (Eiguer, 1991).

Para se manter a figura fantasmática toda a energia disponível é usada num contra-investimento relativamente ao que é suposto permanecer clivado ou excluído da consciência do sujeito. O sujeito identifica-se com a origem de um dos progenitores, ou seja, ao objecto incorporado, que existe clivado na sua psique (Eiguer, 1991).

É importante relacionar os processos de identificação com o papel do ancestral na formação da psique do sujeito pois são as identificações primárias que originam as dialéticas edipianas (Aisembreg, 2004).

Por norma os processos de identificação utilizam pouca energia e acontecem antes da tempestade conflitual ou quando esta tende a diminuir, todas as identificações se desenvolvem através de processos que vão em duas direções: do mundo interno do sujeito para o mundo externo e do mundo externo para o seu mundo interno.

Identificação introjetiva é o primeiro movimento. É em direcção ao exterior, dá-se o investimento no objeto externo. De seguida, o segundo movimento dá-se para o interior e logo

tem lugar o mecanismo de identificação projetiva, no qual o primeiro movimento acontece do exterior para o interior. O sujeito capta as falhas narcísicas do outro e desloca-as para fora de forma a expulsar os conteúdos não toleráveis (Eiguer, 2003).

O investimento dá-se aquando dos processos de identificação primários o que possibilita que nas relações secundárias se reproduza o modelo de investimento maternal. O sujeito identifica-se e apropria-se da capacidade de pensar e desenvolver fantasmáticas, da linhagem familiar e do interesse que existe em olhar o ancestral (Eiguer, 2003).

Segundo Mijolla (1987) o sujeito elabora fantasias acerca das suas identificações inconscientes tendo em conta a história que conhece da sua família. Essas fantasias são construções imaginárias onde o sujeito justifica características que constituem o seu carácter por características primordiais dos seus ancestrais, como se daí o seu ego e super-ego ganhassem atributos iguais ou semelhantes.

As fantasias inconscientes são produto do recalçamento que toma lugar na infância aquando da "idade dos porquês" onde o sujeito inventa e reinventa a história da sua família. São fantasias elaboradas conscientemente durante a infância que estão destinadas ao recalçamento, por norma são construções muito bem-feitas e prendem-se com cenários eróticos e narrações heroicas que a criança imagina sobre os seus pais e avós (Mijolla, 1987).

A cada nova gestação os pais revivem histórias do seu passado individual. A incapacidade de elaborar tais acontecimentos faz com que os pais tenham criado as suas próprias fantasias e que estas reapareçam com a chegada do bebé. O bebé estará sujeito a identificar-se com as fantasias inconscientes dos pais recalçadas aquando da sua própria infância (Mijolla, 1987). Os avós ocupam um papel essencial na constelação edipiana de cada sujeito, não devido à possível influência direta na vida dos netos, mas devido ao seu papel de primeiros organizadores de situações edipianas que caracterizam a vida psíquica dos seus filhos, pais da criança.

4. TIPO DE ESTUDO

O presente estudo inscreve-se nos procedimentos das metodologias qualitativas. Estamos perante um estudo de caso realizado com duas famílias tendo como objectivo analisar a ocorrência da transmissão psíquica de conteúdo inconsciente de uma geração para outra aquando da atribuição do nome.

Segundo Schramm (1971, cit. in Yin, 2001), "*(...) a principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que ela tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados.*". A metodologia escolhida tem como objectivo estabelecer uma estrutura de discussão e debate na comunidade científica com os resultados encontrados.

O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real (Yin, 2001). O investigador detém pouco control sobre os eventos e o foco encontra-se nos fenómenos inseridos num contexto da vida real, sentida e experienciada pelos participantes em estudo.

Segundo Yin (2001) os estudos de caso contam com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, tendo fontes de evidências que usualmente não são incluídas no reportório do investigador, nomeadamente entrevistas de narrativas em associação livre.

Não existe uma formulação de hipóteses fixas, os dados a serem analisados dependem do que se irá encontrar no material obtido, proporcionado pelas narrativas recolhidas.

Os métodos quantitativos e psicométricos, bem como os métodos qualitativos convencionais, fornecem uma parte ínfima da explicação dos fenómenos e das experiências dos sujeitos. Neste caso específico, em que o presente estudo ambiciona captar e analisar a transmissão transgeracional de conteúdo inconsciente mostrar-se-iam incompletos e insuficientes na busca da deteção do que é proposto.

Face a isto o instrumento escolhido para a formulação do presente estudo de caso foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI).

5. MÉTODO

"Dentro de nós há uma coisa que não tem nome. Essa coisa é o que somos."

José Saramago

5.1 Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI):

O método de entrevistas de narrativas em associação livre rege-se pelo paradigma psicanalítico, é considerado um método qualitativo que emprega perguntas abertas incentivando os entrevistados a expressarem o que lhes vem ao espírito relativamente a determinado assunto. No caso do presente estudo, o assunto é o nome da pessoa ou o nome do seu filho(a), libertando assim conteúdos repletos de significados emocionais que por vezes o sujeito não consegue aceder conscientemente. (Hollway & Jefferson, 2000).

Ao basearmo-nos na teoria desacreditada da transparência da linguagem (Hollway & Jefferson, 2008) temos de ter em conta que o relato desenvolvido pelo entrevistado pode ser apenas uma mediação da realidade em si mesma e em última instância não existem garantias que pessoas distintas possam partilhar das mesmas significações. Posto isto, a análise de conteúdo das entrevistas é efetuada em grupo, tendo em conta a intersubjetividade e a universalidade dos conteúdos da vida psíquica enunciados por cada sujeito ao longo da sua entrevista (Hollway & Jefferson, 2000).

Para Freud (1916, cit. in Hollway & Jefferson, 2000) a associação livre trata-se da técnica fundamental da análise, em que se encoraja o paciente a dizer o que lhe vem ao espírito, de modo a que esta narrativa providencie evidências para interpretar as motivações inconscientes e os seus mecanismos, permitindo uma melhor compreensão da relação entre o entrevistado e os eventos representados na narrativa. Deste modo, o método da associação livre encoraja os participantes a relatar os seus pensamentos sem restrições, no pressuposto de que os pensamentos não-censurados possam levar ao conteúdo verdadeiramente significativo.

Embora diluída numa configuração não-clínica, investigadores sensíveis à sua própria transferência e contratransferência, assim como à dos seus participantes, podem utilizar estes dados como dados da investigação, o que irá complementar a compreensão dos conteúdos transmitidos (Hollway, 2003). A transferência refere-se ao deslocamento de desejos inconscientes outrora investidos numa figura significativa presente na vida psíquica (mundo interno) do indivíduo.

A situação de recolha de dados - entrevista - é promotora de ansiedade, o que irá afectar a capacidade dos entrevistados recordarem e narrarem os eventos e a sua participação nos mesmos. Esta consideração pela subjetividade compreende os desejos e as defesas inconscientes contra a ansiedade como produto de estruturas psicológicas, biologicamente únicas, dos entrevistados, tendo em conta as suas experiências sociais (i.e. intersubjetivas, históricas e discursivas); esta ontologia psicossocial resiste à explicação simples e à análise redutora (Hollway & Jefferson, 2000).

Deste modo, é o panorama do entrevistado que domina na investigação e não o do entrevistador (Hollway & Jefferson, 2000). Com base no princípio holístico da “gestalt”, a análise da narrativa, a ser feita, compreende o todo do conjunto de dados para cada indivíduo aquando da interpretação das suas partes, especialmente com as associações que levaram a tal organização de ideias. O seu surgimento no discurso pode revelar conteúdos inconscientes carregados de significados emocionais acerca do tema em questão. Porém, em vez de esperar uma relação coerente entre as partes da narrativa, o investigador terá em consideração as inconsistências e as contradições, assim como quaisquer mudanças no tom emocional e evitamentos (Hollway, 2004; Hollway & Jefferson, 2000; 2001; Kris, 1996).

A análise das Narrativas encontra-se sustentada na sua desconstrução com base nas elaborações, movimentos e transformações que o sujeito faz de si e do outro, juntamente com as características organizadas em cada invocação de significado ligado ao nome "sentido" e ao nome "concedido".

Tendo em conta que o presente método é particularmente apropriado para explorar questões emocionalmente carregadas e assentes na problemática identitária (Hollway & Jefferson, 2000), pode concluir-se que os processos acima mencionados iniciam a procura da

estabilidade identitária, o lugar que o sujeito sente pertencer-lhe na família, e o lugar que lhe foi atribuído pelos pais.

5.2 Participantes:

Os participantes deste estudo constituem-se por duas famílias (família A e B) que perfazem um total de 7 indivíduos. Pertencem a uma população não-clínica, tendo sido seleccionados por conveniência.

Tanto a família A como a família B habitam no distrito de Lisboa.

A família A é composta por quatro pessoas: o pai de 49 anos, a mãe de 47 anos e os seus dois filhos, um rapaz e uma rapariga de 18 e 20 anos respetivamente. A filha encontra-se a estudar no ensino superior e o filho a terminar o ensino secundário. A família B é composta por três pessoas, o pai e a mãe ambos com 56 anos e o filho de 21 anos que se encontra também a estudar no ensino superior.

Os participantes concordaram voluntariamente em participar neste estudo assinando, para esse efeito, um consentimento informado cujo formulário está presente no ANEXO A.

5.3 Recolha de dados:

A metodologia organizou-se primeiramente na recolha de dados significativos através do instrumento privilegiado na investigação psicanalítica: o Método de Análise de Narrativas em Associação Livre (FANI). As entrevistas para se obterem as narrativas dos participantes foram gravadas e posteriormente transcritas. Nos ANEXOS B e C podem consultar-se as transcrições das entrevistas realizadas aos membros da família A e da família B respetivamente.

Foi solicitado aos sujeitos, de forma individual, que elaborassem uma descrição de conteúdo acerca do seu nome (ou nome do seu filho) de forma verbal e livre. Deu-se especial ênfase à componente intra e interpessoal do mundo interno dos sujeitos num contexto mais ou

menos estruturado. Perante uma solicitação única – “Fale-me sobre o seu nome”–, esta Narrativa do "eu" no mundo representacional, mediada de forma livre e verbal, permite conceber o modo como o sujeito elabora, organiza, (re)constrói, transforma e comunica um processo de simbolização e significação do lugar que sente como seu, e do lugar que lhe é atribuído pelos pais, na família. Abre-se como hipótese a possibilidade de compreensão das experiências e representações relativamente ao nome, sentido pelos filhos e, atribuído pelos pais.

5.4 Procedimentos de análise:

Procedeu-se à análise, em grupo, das narrativas produzidas pelos participantes constituintes da família A: o pai António, a mãe Dulce, os filhos Bárbara e Hugo; e da família B: o pai João António, a mãe Filipa e o filho Miguel. O grupo de análise é composto por várias pessoas, tendo como base da sua escuta o modelo ontológico psicanalítico, com o intuito de captar as dinâmicas psíquicas dos participantes reveladas ao longo do seu discurso.

O grupo atesta e confere à metodologia o abarque da intersubjetividade onde os conteúdos comuns, à escuta dos elementos do grupo, são destacados como factos psíquicos a ter em conta relativamente ao objetivo proposto.

Nesta conceção, os participantes são vistos como seres psicossociais, que constroem significados numa teia relacional complexa e única. Cada pessoa é única, na sua especificidade, mas todas as pessoas utilizam a linguagem como referencial para se expressarem. Contudo, não quer dizer que o que dizem, seja o que o outro ouve, bem como, aquilo que querem dizer, pode não se fazer entender aos ouvidos do outro. É neste aspeto que é fundamental a análise feita em grupo, para que os conteúdos destacados revelem elementos ouvidos por todos, aproximando-se da realidade do que o participante está a transmitir.

De forma a conhecer o conflito inconsciente e a sua gestão na vida psíquica e autoapresentação, a livre associação de ideias permite encontrar um significado emocional, muitas vezes inconsciente, contido nas ligações entre uma ideia e outra, e na forma como elas são produzidas numa relação específica com o ouvinte (Freud, 1916, cit. in Hollway & Jefferson, 2000).

Realizou-se então uma análise individual de cada entrevista, bem como uma análise abarcando cada uma das famílias no seu todo, relacionando o conteúdo apresentado pelos filhos e o conteúdo apresentado pelos pais, verificando onde se aproximam e onde se distanciam. Posteriormente levou-se a cabo uma análise comparativa entre as famílias A e B procurando encontrar semelhanças/dissonâncias e invariantes nas expressões das dinâmicas psíquicas retiradas dos conteúdos apresentados, pelos pais e pelos filhos, no decorrer das entrevistas.

Para o processo de análise dos conteúdos retirados das narrativas em associação livre realizadas pelos participantes é necessário ter presente alguns conceitos teóricos. Destaca-se o conceito de identificação como processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspeto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa (Laplanche & Pontalis, 1970). É através das identificações que a personalidade de uma pessoa se constitui e diferencia, este processo é afetado pelo conteúdo inconsciente que é transmitido de uma geração para a outra.

Destaca-se também o conceito de bissexualidade psíquica referido por Freud, influenciado pelos estudos de Fliess acerca do desenvolvimento biológico dos seres humanos (Aisemberg, 2004). Segundo Laplanche & Pontalis (1970) este conceito define-se por todo o ser humano conter em si mesmo constitucionalmente disposições sexuais simultaneamente masculinas e femininas que se encontram nos conflitos que o indivíduo conhece para assumir o seu próprio sexo uma vez que o que é decisivo na apreciação de um comportamento relativamente ao par masculinidade-feminilidade são os fantasmas subjacentes, que só neste tipo de investigações psicanalíticas se podem considerar e aclarar. É importante olharmos estes processos de identificação pois são o lugar onde se constroem as dialéticas edipianas (Freud, 1974b) e onde se sustenta a transmissão psíquica (Correa, 2003).

Outro conceito relevante, para o processo de análise, é a noção de fantasma como uma encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de forma mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo que pode ser inconsciente (Laplanche & Pontalis, 1970).

É também importante realçar o significado do mecanismo de formação substitutiva. Entende-se por formações equivalentes que substituem os conteúdos inconscientes tendo uma duplicidade económica ao nível das dinâmicas intrapsíquicas bem como simbólica, que é o

caso do nome, pois o conteúdo inconsciente é substituído por outro segundo determinadas linhas associativas (Laplanche & Pontalis, 1970).

Estes conceitos teóricos propostos pela literatura irão possibilitar a análise dos conteúdos, levantados nas narrativas, acerca dos processos de identificação dos filhos com os antecessores, bem como, com os lugares, nestas dinâmicas, que lhes são atribuídos pelos mesmos.

6. RESULTADOS

*"A coisa nenhuma deveria ser dado um nome,
pois há perigo de que esse nome a transforme."*

Virginia Woolf

Ao longo da análise das entrevistas foram retirados factos presentes no discurso de cada participante acerca do modo como se organizou a filiação, o modo como é feita a inscrição familiar, a que linhagem são atribuídos e se são, ou não, colocados num lugar previamente designado pelos pais, ao nível inconsciente, através da escolha do nome.

6.1 Família A:

A Bárbara, sujeito em análise nesta entrevista, após o convite «Fale-me sobre o seu nome» inicia a sua narrativa:

«ok... pronto o meu nome é Bárbara não é... deixa-me cá ver, o meu nome é Bárbara, sei lá, sempre me trataram assim, um diminutivo ou outro.»

Após a sua primeira frase saltaram, no contexto da análise de grupo, a estranheza que o nome lhe provoca, não se identificando na maneira como os pais a designam. Seguem-se alguns trechos retirados para ilustração das reflexões desenvolvidas.

«(...)os meus pais gostavam do nome e foi por isso que me deram.»

«Por acaso isso vai de encontro ao que os meus pais também queriam não haver muitas pessoas com o nome Bárbara e isso é fixe porque não há assim tantas e é mais fácil saber quem é que eu sou.»

Na análise com o grupo verificou-se no sujeito um discurso com dificuldades de adaptação, de apropriação do nome. Bárbara na sua etimologia significa "*estrangeiro*", de um modo inconsciente os pais acabaram por lhe transmitir esta significância.

«(...)prefiro que me chamem Bá (...).»

Percebeu-se aquando do processo de análise a preferência demonstrada pelo sujeito de ser tratada por "Bá", o grupo associou "Bá" ao "B-À-BÁ" das crianças quando começam a falar, a simplicidade é evocada bem como a procura do lugar inicial, "A" e "B" são as primeiras letras do abecedário presente e em vigor na cultura em que nos inserimos.

«(...)numa apresentação formal não vou dizer que me chamo Bá, mas sei lá faz com que a relação seja mais próxima entre duas pessoas.»

Para o sujeito o nome Bárbara apresenta-se complicado criando distanciamento na relação com o outro enquanto que o diminutivo é elementar vindo simplificar e tornar possível a aproximação do outro, bem como a relação. "Bá" é então singular e singularizante proporcionando ao sujeito uma maior integração de si, apropriando-se e revendo-se mais livremente neste diminutivo do seu nome.

«Mas Bá gosto, não sei porquê soa-me bem. É a questão de ser mais pessoal.»

Na análise de grupo conclui-se que "Bárbara" adquire uma forma muito intensa e pesada de conteúdo complicado, como se arrastasse algo que para o sujeito não tem designação e que não a possibilita designar-se.

«Não me parece tão forte quanto Bárbara, é mais simples. Bá é simples, Bárbara não.»

«Soa-me demasiado agressivo.»

Quando se refere às relações mantidas no núcleo familiar, tomou destaque no grupo de análise o facto de rejeitar o seu nome, como se o nome a retirasse, excluísse da filiação. O nome que lhe tira o lugar exilando-a da família. Deste modo surge a preferência que a tratem pelo lugar que ocupa na família nomeadamente "filha" ou "mana".

«Quando eles me chamam é mais "filha", não é pelo nome próprio.»

«(...)o meu irmão nunca me tratou pelo nome e agora de há uns três anos para cá chama-me Bárbara e eu odeio isso. Antes era por "mana" e lá está é a cena da distância que eu estava a falar há bocado. (...), mas chama-me mana quando está a falar de mim aos meus pais, não é "a Bárbara fez isto." ya e eu curto disso.»

Ao analisarmos a fluência do discurso são percebidos outros diminutivos, que não sejam "Bá", como depreciativos, corrompem o nome pois são dotados de outra significação, como nome de bonecas ou ama de crianças, vindo por consequência alterar o sentido. Cristaliza-se então, ao longo da análise, a necessidade que o nome tem de ser mantido, caso contrário é como se ficasse estragado, sem identidade.

«Odiava quando me chamavam de Bábá. Era horrível(...)»

«Tanto a mim como ao meu irmão deram estes nomes porque são nomes fortes e porque há poucas pessoas que os têm e porque a minha mãe não gosta de diminutivos então escolheu assim...»

«Depois lembrou-se que havia Barbie e que podia haver coisas parecidas...»

Na relação fraterna, conclui-se no grupo, que a origem do nome é percecionada como subalterna em comparação com a origem do nome do irmão.

«(...)no outro dia soube que o meu irmão se chama Hugo (...) por causa do Victor Hugo que escreveu os miseráveis. Isso é muito mais fixe do que ser Bárbara por causa da Barbra Streisand, fiquei com bué inveja. Gostava que o meu nome tivesse uma origem muito melhor, mas mesmo assim não é mau.»

«A Barbra Streisand é fixe mas o Victor Hugo escreveu "Os Miseráveis" né... Tipo não se compara.»

Aquando da realização de uma comparação, fruto do processo da livre associação de ideias, o sujeito manifesta preferência pelo elemento estrangeiro, como ilustra o seguinte trecho:

«É que se fosse por exemplo um Freddie Mercury ou um escritor qualquer português, preferia o Freddie Mercury(...)»

Fica claro com o avançar da análise grupal que o sujeito relaciona a origem do seu nome à origem paterna, país africano, onde a língua unificadora é o francês. O pai vem reforçar o aspeto estrangeiro do nome e por conseguinte clarificar a estranheza com que é sentido.

«O meu pai gosta do nome porque gosta de como o nome soa em francês que por acaso eu odeio porque é ainda mais forte. (...)o meu pai nasceu em África e fala-se lá francês onde ele nasceu(...)»

Salienta-se, no decorrer do discurso do sujeito, uma rejeição da parte estrangeira referente à linhagem filiativa paterna, as origens do pai são repudiadas, no entanto o sujeito está preso a essa linhagem embora rejeite tal inscrição.

«Não gosto de francês, nunca gostei. Em parte, porque o meu pai sempre gostou muito(...)»

Através do processo de análise da narrativa levado a cabo pelo grupo evidencia-se o sentimento do sujeito em que o seu nome/lugar está perdido, não encontrando lugar na filiação, propondo como possibilidade de se "encontrar" o retorno às origens de forma a descobrir o lugar que lhe pertence, que lhe foi transmitido.

«A minha origem e o francês não têm grande relação mas tendo em conta que o meu pai nasceu em África, essa parte já gosto. Porque não vem do francês de França, mas do francês de um país Africano, nunca pensei que pudesse estar associado ao nome, mas sinto um grande chamamento para aí. Como se me fizesse sentido ir aí...»

Verifica-se através da análise que apesar de desconhecer o seu lugar, o sujeito cria uma estratégia de forma a apaziguar esse desconhecimento mantendo a esperança de conseguir estabelecer a ligação entre o mundo do pai e o seu próprio mundo, rejeitando o francês, mas admitindo a origem do pai.

«(...)é como uma pessoa querer conhecer a terra dos pais. Acho que é mais por isso. Por sentir alguma ligação lá embora nunca lá tenha estado.»

Com o avançar da análise ressalva-se a existência de muita turbulência no processo de apropriação do nome, nunca possibilitando que seja consumado. O lugar de onde o pai provém afigurasse-lhe estranho, sendo necessário voltar àquele lugar e refazer o percurso. Toda esta turbulência, conforme pensada com o grupo, remete para uma perda não elaborada, talvez o lugar outrora ocupado pelo pai no país africano da sua origem.

«Não gosto de ter que estar a dizer o meu nome e nunca me soa como se fosse meu, é bué estranho quando relaciono o meu nome a mim.»

«(...)no Bárbara não me reconheço tanto porque não me reconheço individualmente.»

«(...)já houve uma altura em que eu não gostava do meu nome por causa destas coisas de ser muito forte e assim e isso ficou um bocado.»

«Embora possa não gostar do nome no geral, há coisas que gosto mais, outras que gosto menos e uma das coisas que gosto mais é não ser comum.»

Apesar da dificuldade em se posicionar, é compreendido na análise de grupo que o sujeito admite a não-rejeição à herança que lhe é transmitida, sentindo que é aquilo e não outra coisa, o nome como reflexo da sua história, do lugar que lhe é atribuído.

«(...)embora não me reconheça muito no nome Bárbara também não me vejo com qualquer outro nome porque sempre foi este que tive, portanto acho que sim, seria Bárbara na mesma.»

«(...)nunca pensei em ter outro nome.»

O lugar que é o seu, está provavelmente distante de ser encontrado. Conclui-se que ocorre uma confusão ao nível inconsciente em que os diferentes papéis, feminino e masculino, são questionados. O pai transmite à filha um "peso" por resolver, algo por decifrar.

«(...)não acho que fique bem em raparigas nomes tão fortes e agressivos enquanto que em rapaz fica.»

Mais uma vez na análise grupal toma destaque a carga de significância paterna que o nome carrega em si. O seu nome próprio afigurasse-lhe estranho, como se não a representasse a ela, mas sim a algo uma vez perdido pelo pai.

«Há nomes que são muito fortes para crianças, há outros que são demasiado abebézados para adultos, mas Bárbara não me soa bem em mim, em nenhuma das faixas etárias.»

«(...)ainda bem que não estou em França porque se não o meu nome seria ainda muito pior embora o meu pai ache que soa bem.»

Compreende-se através da análise que o pai lança, através nome da filha, a sua história perdida. Na dinâmica familiar observada ao longo da entrevista intrepertou-se conjuntamente que a mãe cela e assegura que a filha se torna guardiã deste segredo. Destaca-se o papel da mãe como continente ao conteúdo do pai, no entanto é um continente fechado não desintoxicante, o que impossibilita o fluxo da dinâmica de relação continente-conteúdo.

«Não é por causa dela (Barbra Streisand), mas a minha mãe sempre gostou dela e vem daí um bocado.»

Relativamente ao papel do materno conclui-se na análise de grupo que a mãe se apropria e dá um sentido à inscrição paterna, consentindo e celando o movimento de transmissão do não-vivido pelo pai, o que vem condensar o "segredo" no nome/lugar que é atribuído à filha "Bárbara" e que lhe é sentido como "pesado", "longo", dificultando o

processo de identificação e de consumação da própria identidade como ser individual responsável pela sua própria narrativa.

No que toca ao lugar percecionado pelo Hugo, o grupo após análise da sua entrevista, salienta diversos aspetos que irei passar a identificar e explicitar.

O sujeito começa por apresentar a sua perceção relativamente ao nome que lhe foi atribuído, "*Não é dos meus nomes preferidos*". Indica a facilidade com que confunde o seu nome por "*qualquer palavra*". Quando aborda os seus apelidos apresenta depreciação pelo nome materno e admiração pelo nome que lhe é transmitido pelo pai, "*Morgado é giro, mete piada, mas não é dos meus nomes preferidos e Rocha gosto, é um nome de família bonito*". Através da análise o grupo salienta uma denegação da herança que lhe é transmitida. O sujeito sente a transmissão de algo que rejeita. No seu discurso salienta-se a existência de uma tentativa de afastar a herança materna e apropriar-se da herança paterna quase como se o nome individual, "Hugo" não o representasse.

Interpreta-se a dificuldade que o sujeito expressa em poder rever-se no seu nome próprio, "*(...) gosto de nomes que quase ninguém tenha. Hugo não é um nome que muita gente tenha, mas mesmo assim não gosto. É muito simples e não dá também para fazer quase nada com o nome*". A possibilidade de poder criar uma alcunha apresenta-se como uma possível solução ilusória de apropriação do "nome/lugar" que lhe é transmitido. O sujeito regressa à não-existência "*Para já não gosto da letra "H", não se lê*", na análise de grupo considera-se que o sujeito apresenta dificuldade em poder escolher-se.

Com a continuação da análise da entrevista, o grupo apresenta como possibilidade que o sujeito reconhece a herança transmitida por parte da linhagem materna, no entanto verifica-se um apego a uma ausência por preencher "*as pessoas da família da minha mãe, da mãe da minha mãe, a minha avó materna são pessoas do circo (...) agora estou-me a esquecer dos nomes deles porque são estranhos*".

Com o avançar da entrevista fica claro a assimetria e diferença de papéis que se fazem sentir de uma forma vincada pelo sujeito, "*Hugo e Bárbara são nomes que se podem dar tanto a pessoas novas, como adolescentes, como velhos e assim. (...) António que é o nome do meu pai. Chamar a um bebé António é estranho*". Interpretou-se que o pai é percecionado pelo filho como poderoso e conseqüentemente o sujeito perceciona-se fraco, indefeso.

Na análise de grupo conclui-se que o sujeito sente uma "falta" na sua filiação nomeadamente quando refere "*gostava de ter dois nomes próprios, (...) sinto-me como se*

fosse uma pessoa que é só o Hugo". Como se reivindicasse uma parte da família da mãe que não lhe foi transmitida, bem como é percebido como sentido pelo sujeito a "amputação" da filiação paterna. O sujeito afirma "(...) *é só Hugo. É sempre Hugo, não havia mais nada.*" como se ficasse desamparado, é-lhe transmitido algo da parte materna que não se apropria e apesar de reivindicar pela transmissão paterna fica o vazio por preencher, por se escolher.

Quando confrontado com a possibilidade de poder escolher um segundo nome o sujeito indica "*nada fica bem com Hugo. Mas gosto do nome Luís e Manel, juntos. Mas não é o Manel Luís Goucha. (...) exemplo tinha um amigo meu chamado João Maria, que ninguém lhe tratava por João. Nós chamávamos-lhe o Maria*". O sujeito faz referência a uma personalidade portuguesa homossexual, bem como sugere como segunda possibilidade ficar agradado com um nome feminino.

Foi interpretado pelo grupo que de facto ocorre a exclusão da filiação paterna, "*Quando têm um nome que é sempre a mesma coisa... Toda a gente é-lhe igual. É como se não houvesse diferença. Por exemplo, já uma pessoa que eu odeio chamar-me Hugo e uma pessoa dos meus melhores amigos chamar-me Hugo, para mim é a mesma coisa. Estão-me a tratar pela mesma coisa.*", o sujeito faz tentativas de se apropriar de conteúdo paterno, no entanto não se verifica escapatória tendo apenas uma única inscrição, a materna: "*eu gosto que me chamem, apesar de não gostar do nome*" que tenta rejeitar.

Dulce após o convite «Fale-me sobre o seu nome da sua filha» inicia a sua narrativa: "*É assim... o meu marido em princípio vai dizer-lhe a mesma coisa. A Bárbara, a escolha do nome teve de ser consenso entre os pais e queríamos um nome que ambos gostássemos. Eu gostava de uns, ele não gostava. Ele dizia outros e eu não gostava.*", através da análise de grupo depreende-se que a participante desdiz a mesmidade do lugar em que se encontra com o seu marido para nomear a filha primogénita. Ligeiramente à frente na entrevista, Dulce apropria-se de uma vontade do marido de nomear a filha com um nome que lhe é "querido" por estar ligado à cultura francesa do País Africano, lugar onde cresceu. A forma como o faz reflete a identificação ao conteúdo depositado pelo marido representando a função continente ao atribuir também a sua vontade ao nomear a filha de Bárbara, pois leva-a para o plano da sua juventude através da associação com uma cantora que costumava ouvir enquanto adolescente: "*Chegámos ao consenso de Bárbara e eu Bárbara é um nome que eu sempre gostei porque uma cantora que eu gosto muito é a Barbra Streisand e eu ouvia na minha adolescência.*".

É também transmitido pela participante que a escolha do nome foi "automática" como se apesar do inicial desencontro, a "solução" tivesse aparecido magicamente em simultâneo: "*E pronto... "Olha Bárbara!" e ele "Bárbara (diz em sotaque francês) também é engraçado" e pronto, ficámos por ali.*"

No decorrer da análise de grupo verifica-se a preocupação desta mãe com a identidade que atribui à filha, a ideia de lhe poderem colocar alcunhas ou diminutivos não é do seu agrado, qualquer modificação já não representará a sua filha: "*Na altura por acaso nem me lembrei, mas Barbarinha ninguém lhe vai chamar, não soa muito bem, mas não me lembrei das bonecas, das Barbies na altura. Mas também nunca ninguém lhe pôs Barbie. Mas vá lá a primeira pessoa que ficou com ela, era uma ama, ao princípio foi logo Bábi e eu assim "Oh Meu Deus! Bábi!" eu não gostava nada (...)*".

Dulce demonstra ao longo do seu discurso que é a depositária da escolha do marido. É ela que escolhe através do conteúdo transmitido: "*"Bom, vamos escolher Bárbara" Gostavam os pais. Há pessoas de família que eu sei que não gostaram. Por exemplo o avô não gosta do nome Bárbara, mas claro que está habituado e foi o nome que nós os dois... e outra coisa! Eu não gostava de dois nomes, Ana qualquer coisa, Maria qualquer coisa, e queria escolher um nome que na altura não fosse muito ouvido. (...) Não queria que fosse muito igual. Pronto! Eu sou um bocado individualista nestas coisas e escolhi nessa base.*" com a análise de grupo evidência-se a autonomia de escolha da participante e a apropriação do conteúdo masculino que realiza, o avô não gostava do nome, mas a filha não é do avô, é dela com o marido.

Dulce continua a sua narrativa: "*Pronto queria uma coisa que fosse só o nome próprio. Pronto! E aí não há uma diferença de dar um ou outro, usa-se sempre só um que é o nome dela, que é o principal.*" Através da análise com o grupo percebe-se a necessidade de unificação pai - filha aos olhos da participante. Um único nome, pai e filha contidos no mesmo lugar.

No seguimento a participante diz: "*Começámos logo a ver um nome que fosse do nosso gosto, pronto foi logo quase que automaticamente que se soube que era menina que ficou escolhido o Bárbara, não foi no momento, foi logo praticamente quando soubemos que era rapariga. (...)pronto é Bárbara, só havia uma Bárbara. Era mais fácil distinguir quem era a Bárbara. Pronto! (...) é! É único, pronto! Esse era um dos meus motivos, era o de não ser um nome que fosse muito usado, muito ouvido, pronto. Para ser única.*" Através da análise de grupo compreende-se que Dulce necessita de verificar, na realidade, a distinção da filha

pois aquando da atribuição do nome distingue-o. Neste sentido, apropria-se do conteúdo do marido, como se pudesse representar a juventude que ela não conheceu vivenciada no País Africano, condensando e destacando a unificação no momento da escolha quase como se fosse "em simultâneo", sob pena de perder o seu lugar na estrutura filiativa da filha.

Em seguida, após a intervenção da entrevistadora "*Falou-me também que não chegou logo a um consenso com o seu marido...*" Dulce contradiz-se com a resposta: "*Não... Não...*" verifica-se uma vez mais a anulação da diferença na forma como a participante e o seu marido vivenciaram o processo de escolha do nome. Através da dinâmica relacional partilhada pelo casal, apesar das diferenças do material psíquico trazido por ambos, é na atribuição do nome único, singular, Bárbara, que se condensam essas diferenças e ao mesmo tempo se unificam.

No decorrer da análise da narrativa em grupo verificou-se a necessidade que Dulce revela na distinção do nome atribuído à filha: *É... É personalidade! Pronto vá lá! Talvez não seja o termo correto para dar para uma pessoa, mas pronto, pelo menos para mim eu queria, queria essa, era essa ideia que eu queria transmitir. Pronto!* Parece revelar-se uma percepção de pai e filha amalgamados, aprisionados ao conteúdo psíquico e especialmente à forma como esse conteúdo foi depositado. É esperado que a filha se individualize e se distinga, é a "missão" transmitida pela participante à sua filha primogénita.

Ao terminar a sua narrativa relativamente ao nome da sua filha: "*Ah... Bárbara, dizer Bárbara! Ai! É um nome tão forte! Tão pesado!*" *Diziam-me "ah tão pesado, tão pesado para uma criança!" mas eu dizia "Não vai ser bebé a vida toda." Pronto e era nesse sentido, um nome que vai acompanhar o resto da vida e então acho que depois isso se dilui. Nesse aspeto.*" Pode concluir-se no decorrer da análise de grupo, que a participante identifica o "peso" e a eventual dificuldade na gestão do conteúdo psíquico condensado no nome da filha, especialmente enquanto criança. No entanto é verificada a possibilidade de "diluição" de "peso" na dinâmica relacional do casal através da individuação, unificação e distinção da filha. Mais uma vez se reforça a ideia de "missão" atribuída.

Dulce após o convite «Fale-me sobre o seu nome do seu filho» inicia a sua narrativa: "*(...) E eu não queria, vá lá, dizerem-me "Copiaste o nome!". Eu sou picuinhas com estas coisas. O Hugo... Eu sempre gostei do nome Victor Hugo, são dois nomes... Mas gostei de Victor Hugo. Eu em adolescente, também já vem de adolescente. Eu lia muito, mas lia obras normalmente... que era o que havia disponível para ler em casa de tios ou do meu pai e uma das obras que eu li para aí com doze, treze anos, para além de muitas outras li Os*

Miseráveis." Com a análise de grupo destacou-se o sentido distintivo que o nome atribuído tem de encerrar, não pode misturar afinidades. Dulce transmite uma certa igualdade entre o surgimento do nome da filha e do filho relacionando com a vivência da sua adolescência. Indico "certa" porque de facto Dulce introduz um diferente. O filho é inscrito na sua linha patrimonial de filiação.

Dulce prossegue a sua narrativa: "(...) *a minha família materna pertence ao circo. Um nome que eu depois acompanhei e que também gostava precisamente por ter o mesmo nome era o Victor Hugo, Cardinali. Mas lá está... o mesmo problema, dois nomes!* O grupo, através da análise, sugere que Dulce inscreve Hugo na linhagem da sua família, tanto na filiação da sua mãe (avó do Hugo) como na filiação do seu pai (avô do Hugo).

Continuando a narrativa, Dulce afirma: "(...) *só no parto quando ele saiu... Para rapariga, eu agora já não me recordo sinceramente, mas para rapariga já tínhamos chegado também a um consentimento, agora não me recordo qual era. Mas sei que para aí uma semana ou duas antes do Hugo nascer quase que tive um ataque de choro porque ainda não tínhamos chegado a nomes que ambos gostássemos os dois. (...)*" Através da análise de grupo destaca-se a falta de consenso, a atribuição do nome é consentida e não consensual.

Mais à frente, Dulce afirma: "*Lá está Victor Hugo eu não queria porque eram dois nomes, Victor não me dizia nada e Hugo sim. E não era um nome também que se ouvisse (...)*" Dulce inscreve o filho na sua linhagem filiativa, mas distingue-o, não é o escritor, nem o tio, tem outro lugar, é distinto.

No decorrer da análise de grupo destaca-se mais uma vez a ideia de inscrição filiativa na linhagem de Dulce num lugar que é definido por ser diferente dos que evoca: "(...) *também gostava muito de Pedro, mas tinha um primo chamado Pedro. Gosto muito de Raúl, tenho um primo chamado Raúl. Eu li. Pronto... e os nomes que eu gostava, o meu marido poderia gostar, eu já tinha pessoas de família com esses nomes(...)*"

Com o avançar da narrativa: "(...) *aqui nas minhas obras eu acho que não tenho. Mas já saquei o livro. De novo. E já li várias coisas(...)* E depois o que mais me impressiona é alguém com ciúmes de uma... de uma... da atriz ou protagonista do livro acaba por ser despedida e acaba por viver na miséria e tem uma filha que é dependente dela e está a ser explorada por outras pessoas que se vê obrigada, e isso no livro é descrito e é um bocado aflitivo, ela acaba os cabelos e acaba por vender os dentes para poder...(...)"

Com a análise efetuada pelo grupo depreende-se uma apropriação feita por Dulce, tem de ser autora, ato e protagonista, há uma confusão entre o lugar do filho e o lugar fantasmático dela.

Dulce prossegue na sua narrativa: "(...), *mas na altura era aquilo que eu tinha disponível para ler e li muitas dessas obras.*" Surge a sua própria herança, a obra de onde ela se formou. Fala da sua própria inscrição filiativa, de onde vem, quer dar património ao filho, mas teme não ter suficiente. Quer compensar a debilidade que sente na sua própria inscrição transmitindo ao filho um legado compensado, não pelo marido, mas, através do seu legado familiar pois identifica recursos dos quais não se apropriou.

No decorrer da narrativa Dulce afirma quando confrontada com a origem etimológica da palavra que caracteriza o nome dos seus filhos: "*Há a Santa Bárbara, do Hugo não sei e sinceramente não me recordo de onde é que vem. Há uns anglo-saxónicos outros vem... vem... sei lá, de imensos sítios os nomes de onde eles nascem não é, pronto. Nenhum deles deve ser português com certeza.*" Através da interpretação desenvolvida pelo grupo sugere-se que Dulce conhece o lugar dado ao filho através da falta, como se transmitisse o "falo" que ela não teve. Dulce valoriza no filho as características das quais não se apropriou, mas que identifica e pretende perpetuar.

Dulce refere ainda sobre o nome da filha: "*Achei piada haver uma Santa sim... E que é muito importante. Achei engraçado pronto, acaba por ser importante, que tenha a ver com o nome dela.*" Com a interpretação de grupo sugere-se que Dulce atribui à filha a questão da missão, velar as tragédias, função cuidadora, feminina.

Dulce passa ao filho a missão de se apropriar do que ela não teve, tendo em conta o próprio lugar que ocupa na sua filiação: "*Havia aquelas obras que, claro, clássicas. Li os três mosqueteiros, li essas obras que haviam, mas nunca mais me esqueci d'Os Miseráveis, que é uma literatura muito forte e com o percurso que tem do autor principal. Ele tem um passado muito atribulado e é uma pessoa que quer vingar na vida e proteger...*"

António após o convite «Fale-me sobre o seu nome da sua filha» inicia a sua narrativa: "*Sobre o nome dela... É um nome que eu sempre quis ter se tivesse filhos como é evidente. Desde se calhar dos onze, doze anos que eu sempre gostei de miúdos e crianças e, portanto... e sempre disse que se algum dia tivesse alguma filha seria... seria Bárbara. A decisão foi assim.*" Através da análise de grupo destaca-se a identificação com a filha como

forma de se designar a si mesmo. Sugere-se algo a ser transportado pela descendência, ocorre um "nascimento" aos 11, 12 anos.

Após questionado sobre o nível de consenso entre os pais na escolha do nome da filha, António afirma: " (...). Foi *direto, se houvesse alguma filha teria que ser Bárbara ponto final. Não tinha direito a escolha.*" No decorrer da análise de grupo pensou-se que não há escapatória para o material transmitido.

António continua a sua narrativa: "(...). *Eu nunca vivi cá em Portugal, aliás nasci fora de Portugal, nasci num país Africano de língua francesa ou belga e o nome Bárbara um som que compete! E a minha língua mãe de falar, digamos assim, era francês apesar de que em casa agente falava português. (...)*" É passada uma missão à filha que lhe "compete" resolver, há um destino que não pode negar. Através da análise de grupo sugere-se um lugar de origem por parte de António confuso e dividido. É português, mas equivoca-se no lugar onde se coloca e mostra um sentimento também de pertença em relação à língua francesa. Por se sentir em dois lugares, não sente pertença em relação a um. (condição de emigrante.)

No decorrer da narrativa António diz: "(...). *Falo francês porque é a língua, mas lá é mais o belga do que o francês. Não, mas pronto gostava do nome, do termo. O falar é diferente. (...)*" É denotada, através da análise de grupo, uma confusão entre a língua e o sítio onde se fala aquela língua. Surge a língua francesa como elemento unificador, o equívoco é prolongado. Surge a missão de apropriação do que se perdeu, do saber-se quem é e de onde é. Voltar ao lugar de origem não no sentido de recuperar o que se perdeu, mas no sentido de se apropriar do que nunca teve.

António após o convite «Fale-me sobre o seu nome do seu filho» inicia a sua narrativa: "*O Hugo foi... Foi um nome que apareceu. Podia não saber o que era... se era rapaz ou rapariga. Não havia escolha. Se fosse rapariga era um nome também derivado ao francês, sempre à língua francesa que é uma... é a minha maneira de estar na vida e depois a Dulce disse que era Hugo e ficou Hugo, pronto ok.*" Intrepertou-se com a análise de grupo que António transmite um nome refletindo o lugar da sua infância falada em francês em que já não está, mas que insiste em preservar. Como se os filhos o tivessem de cumprir. Ao analisarmos as referências linguísticas onde se refere à casa e à filiação, nesta família, verifica-se a identificação com a sua língua mãe, português. Através da análise de grupo sugere-se que António experiencia uma realidade mista, português por um lado (conteúdo),

por outro de um país Africano de língua materna francesa (continente). Retira o peso desta sua duplicidade e exila esta sua parte no nome dos filhos. Transmite o mesmo dilema que vive, força os filhos a viver o exílio. Ser de um lugar, mas sentir-se pertencente a outro.

Quando questionado acerca das diferenças que sente relativamente à cultura francesa e cultura portuguesa afirma: "(...) *ali juntou-se digamos uma salada de muita gente a pensar de algumas maneiras. A maneira portuguesa, a maneira francesa, a maneira belga, os italianos, os gregos e a língua mãe era o francês. E o francês sempre ficou. (...)*" o grupo depreendeu que a língua francesa é unificadora, organizadora.

Quando questionado acerca de ter atribuído um nome próprio a cada um dos filhos António responde: " Acho que não é lógico ter dois nomes não é... (...)" O grupo sugere uma unificação segura em lugar algum, sem lógica.

Para terminar a entrevista foi questionado sobre a maneira como se sentia em relação ao nome dos filhos, António concluiu: "*Desde nascença até agora, se formos ver o historial deles, na vida, a maneira de pensar, está completamente... foi posto ali no... no... no sítio. Isto é a minha maneira de pensar, atenção!*" No decorrer da análise de grupo sugere-se que o "nome francês" atribuído aos filhos unifica o mundo onde vive. Coloca nos filhos a mesma problemática que vive.

6.2 Análise dos Grandes Temas na Família A:

6.2.1 Inscrição Filiativa e Transmissão Psíquica:

Após a análise das entrevistas dos participantes constituintes da Família A podemos indicar a inscrição filiativa de ambos os filhos. A Bárbara está inscrita na linhagem paterna e o Hugo, por sua vez, está inscrito na linhagem materna.

Existe um compromisso entre os pais, "*um consentimento*" entre ambos, o que nos pode fazer pensar em algum nível de intoxicação presente na relação do casal, o que leva à perpetuação do psiquismo dos pais, conteúdos não elaborados, no mundo interno dos filhos. Verifica-se o que Badoni (2002) descreve quando indica que o sofrimento dos pais é mal-

entendido pelos próprios, ocupando a sua mente ao mesmo tempo que bloqueia o caminho para o seu mundo interno, impossibilitando-os de conter o sofrimento dos filhos.

No caso da Bárbara, é-lhe transmitido pelo pai, o lugar do exílio. Fazendo da filha continente da sua origem, representado no nome através da sua língua mãe, o francês. Dulce apropria-se e cela o conteúdo transmitido por António. É como se pai e filha estivessem amalgamados. É destacada, pela mãe, a missão de unir, como se a filha encerrasse a ligação do casal. É na individualização da Bárbara que a dinâmica intoxicada do casal poderá desintoxicar, no entanto, estes factos são interdependentes, é também na desintoxicação do casal parental que a Bárbara poderá consolidar a sua identidade.

No caso do Hugo é-lhe transmitido pela mãe o lugar da falta, o conteúdo masculino da sua própria inscrição, que não se apropriou, mas que atesta a existência. Como se transmitisse ao filho, o falo de que nunca se apoderou, tornando-o herdeiro do que não conhece, onde não é conhecido. Há uma tentativa inconsciente por parte de Dulce de aproximar Hugo da linhagem paterna, a escolha de um escritor francês para inspiração do nome do filho, no entanto é uma tentativa infrutífera, uma vez que António desinveste, a um nível inconsciente, a existência deste filho perpetuando assim o lugar atribuído da ausência num "H" que não se lê.

6.2.2 Objeto Transgeracional:

No caso da Bárbara podemos interpretar um objeto transgeracional tipo dois segundos a classificação de Eiguer (1991), ou seja, existe uma representação objetal que ilustra a perda do objeto idealizado. A Bárbara identifica-se com a origem paterna, lugar outrora ocupado no País Africano e agora perdido, que está incorporado na sua psique, dificultando o processo de formação da sua identidade. Há uma necessidade de compensação, como se o seu ancestral fosse um parasita na sua psique.

No caso do Hugo podemos interpretar o objeto transgeracional tipo três segundo a classificação de Eiguer (1991), ou seja, existe a representação de um objeto que cria um fantasma em branco fazendo ocupar uma sensação de vazio. O segredo é percussor de curiosidade, como os nomes estranhos, que Hugo não consegue evocar, dos ascendentes masculinos na família da mãe. Hugo reprime o desejo que tem em apoderar-se desta

constituente da sua história sob pena da castração por parte do pai, percebido como poderoso, "*Chamar a um bebé António, é estranho.*".

6.2.3 Fantasma Transgeracional:

No caso da Bárbara verificamos uma identidade frágil que demonstra a dificuldade na circulação da representação do fantasma, há um bloqueio da vida mental e a energia é gasta num contra investimento ao que é suposto estar inacessível à consciência do sujeito, o lugar outrora perdido pelo pai. Na dificuldade em cumprir a missão de unificar, Bárbara revela dificuldades em "casar" o feminino e masculino dentro de si. Assim sendo, o verdadeiro nome da participante, o nome do sintoma (Soller, 2007) seria "estrangeiro", aquele que é de fora, estranho, que não pertence.

No caso do Hugo a figura fantasmática é alvo de grande interesse. A sua circulação no universo psíquico do sujeito é difícil de clarificar. O contra investimento verifica-se no desejo que evoca de ter dois nomes, podendo um deles ser feminino como o amigo que tratava por "*Maria*", evitando assumir a identificação com o masculino, inaudível, que existe em si. Assim sendo, o verdadeiro nome do participante, o nome do sintoma (Soller, 2007) seria "ausência", o que está em outro lugar, fora, afastado.

6.3 Família B:

Miguel, o sujeito em análise, tem um irmão mais velho cerca de oito anos. No decorrer da análise levada a cabo pelo grupo verificou-se que é um facto importante de referir para podermos compreender o que é (não) dito pelo sujeito.

"(...)foi o meu irmão que me deu o nome. Portanto ele tinha nove anos quando eu nasci e fiquei Miguel."

Desde o início da análise da sua entrevista foi considerado evidente pelo grupo o seu sentimento de "estrangeiro" no lugar que lhe é concedido na filiação. É depositado no seu

irmão, pelos pais, a tarefa de escolher o seu nome. O seu irmão surgiu com o nome Miguel. O sujeito agarra-se ao facto de existirem 3 pessoas na família da mãe com este nome próprio, no entanto é-lhe difícil efetivar com sucesso a inscrição na filiação materna.

"Miguel (...) é quase um nome de família, mas como nome próprio."

No decorrer da análise efetuada em grupo percebe-se que o pai do sujeito destaca o seu primogénito " *o meu pai disse, já desde os tempos de faculdade quando ele e a minha mãe se conheceram lá entre o grupo de amigos deles, que ele quando teria um filho rapaz se chamaria Rui Pedro.*". O sujeito é detentor também de dois nomes próprios, Miguel Filipe, apesar de nunca ser tratado com essa completude ao contrário do que sente relativamente ao nome do irmão, " *Uma coisa mais engraçada é que eu em casa sou Miguel, mas o meu irmão não é Rui, é Rui Pedro.*".

Na análise efetuada pelo grupo foi também destacado a seguinte afirmação: " *Quando entrei na faculdade (...) há poucos rapazes e há muitos Migueis.*" que encerra em si um sentimento de estranheza, como se rapazes e "Migueis" não pudessem coexistir. Existe um ressentimento trazido pelo anonimato, o que nos leva a pensar numa falta de lugar, algo que não lhe foi concedido pela família.

Vejamos: " *É que a minha mãe é Filipa Silva Cabelo logo devíamos ter o Cabelo, mas o meu pai não queria que fôssemos vítimas de bullying e quis então que ficássemos Silva e ficou assim.*" o sujeito cujo nome atribuído pelo irmão está presente nos homens da família da mãe, é privado do nome masculino da filiação materna por considerações do pai. Verifica-se uma não-atribuição de lugar, é-lhe indicado, mas também retirado, como se o pai ao retirá-lo da sua posição na filiação materna, excluindo o nome do avô, depois é insuficiente no lugar que lhe atribui na sua filiação.

Com a análise realizada pelo grupo é atribuído ênfase à diferença com que os pais do sujeito o percecionam relativamente ao irmão, pode entender-se assim tendo em conta a forma como o sujeito fala do seu nome, bem como é sentido pelo sujeito que o seu nome reporta a alguém que não viu, que não reconhece nem na mãe, nem no pai, apesar de ser um nome próprio presente na família da mãe: " *Mas mal o conheci. Só em festas de família e era muito raro, nunca tive grande ligação.*" (diz relativamente ao seu tio-avô).

O nome que o pai exigia dar ao seu primogénito é um nome masculino. Confrontado com a possibilidade do seu irmão mais velho ser uma rapariga ou o próprio sujeito ser de

outro sexo afirma: *"Acho que era exatamente igual. Quer ele fosse rapariga ou rapaz e eu também. Era indiferente."* Mesmo que fosse rapariga não tem ideia de como poderia ser diferente, está talhado pelo destino acabando por ser uma vítima de algo predestinado. O sujeito percebe-se mais fraco por comparação ao irmão, ora vejamos: *"Miguel Filipe já não, é bem separado e é muito raro chamarem-me. Ainda bem."*

Quando confrontado com a possibilidade de escolher outro nome para ser seu, o grupo interpreta uma escolha in específica por parte do sujeito: *"Associo também muito à minha personagem preferida do filme "A idade do gelo", o que tem os dentes de sabre, chama-se Diego. (...) é uma personagem em que aparenta ser o mau da fita, mas é bonzinho. (...) torna-se bom."* Contudo caracteriza-se por um nome que tem algum destaque em relação aos demais. Tem de ser sentido como diferente: *"Acho piada à continuidade que o nome Miguel traz, mas gosto mais de nomes que sejam mais invulgares."* Pensou-se através da análise de grupo que nomes invulgares exigem mais investimento, no entanto condensam em si alguma estranheza. O sujeito expressa a sua necessidade de se escolher, no entanto sente que só o poderá fazê-lo fora da família. Distingue-se na família, no entanto é sentido pelo sujeito que a sua diferenciação e identidade só poderão ser consolidadas no exterior.

João António após o convite *«Fale-me sobre o seu nome do seu filho mais novo...»* inicia a sua narrativa: *"Sobre o nome do Miguel... O nome do Miguel foi escolhido... foi uma espécie de, como é que eu hei-de explicar, como eu escolhi o primeiro filho depois não tive grande coragem para fazer exigências em relação ao segundo não é."* (...), *"Mas digo-lhe ficou em sintonia porque acho... acho que está bem, está bem escolhido. É um nome engraçado, não sei se ele gosta, parece que não gosta muito, mas também tem fases."* Através da análise de grupo destaca-se o discurso muito autocentrado do pai, João António. Pode também verificar-se no seguinte trecho de entrevista: *"(...) por exemplo o meu nome é João António e eu... não vou exagerar, mas 70% das pessoas que já me conhecem há bastante tempo tratam-me por João António."* Bem como o equívoco que vive em si, é de um lugar, mas transparece outro. Ao longo da narrativa verifica-se a oscilação entre o que quer enaltecer e o que quer desvirtuar, não há uma consistência.

João António quando questionado acerca dos seus sonhos no momento da gravidez da mulher afirma: *"Tive como toda a gente tem sempre aquelas preocupações com o nascimento. Se corre bem, se não corre bem. Se é um parto rápido, se não é. E quer agente queira ou não, acho que isto é transversal a todas as mentalidades, estamos sempre com aquela ideia de que*

queremos um filho perfeito." O grupo salientou a necessidade que João António transmite em elevar a sua condição singular, através do enunciação de algo que leva a concluir outra coisa, diferente. Considera-se comum, mas pretende elevar-se.

Com decorrer da narrativa o grupo, através da interpretação, sugere que João António enuncia muitas coisas indistintamente das conclusões que retira. As soluções enunciadas passam a ser problemas, e os problemas passam a ser soluções, vejamos: *"Todos estes problemas, desemprego, cortes salariais, problemas no sistema nacional de saúde, isto é um cerco, não é? Qual é a família de hoje que começa a crescer? As pessoas têm medo! Têm medo e evitam ter filhos. (...). Dar dinheiro às pessoas por cada bebé que nascesse, era sinal que as famílias estavam a restabelecer aqueles locais não é... e estamos a falar de terras, e algumas que não são propriamente lá atrás do sol posto..."*.

No decorrer da sua narrativa João António afirma: *" Na altura também por causa de questões de profissão, que estava também ligado à comunicação social e sinceramente não sabia como é que ia ser a minha vida, não é? E talvez porque também não tenha aquela capacidade que eu acho que os pais e os filhos têm que ter.(...)"* O grupo destaca o facto de João António organizar todos os conteúdos segundo a sua experiência, não pensa livremente. Existe a procura de uma justificação para o conflito representado como "ter e não ter".

Há o conflito de não ter uma família numerosa, de não saber porque é que não tem uma família numerosa. Exacerba em um dos polos, ter como muito bom e não ter, como desinteressante. Há o contraponto da sua família real ser pequena, vejamos: *"Eu ainda hoje e sempre, sempre achei muita piada à base, para mim é base fundamental de uma sociedade que é a família, não é? (...). É a célula principal de uma sociedade. Repare a sociedade pode ter empresas, instituições, organizações, estruturas, mas a base é a família. Porque é aquela que, vamos lá a ver, só se agente vivesse num mundo de robôs não é, mas sendo uma sociedade humana a base é a família, a célula principal."* É pequena, como uma célula "desinteressante" para a sociedade.

João António tenta um movimento de valorização através do filho que encerra em si tristeza e desvalor. A legitimação da sua filiação é sempre extrafamiliar, Miguel está integrado na linhagem filiativa da mãe, mas é muito confundível.

Filipa após o convite *«Fale-me sobre o seu nome do seu filho mais novo...»* inicia a sua narrativa: *" Portanto quer saber sobre a origem do Miguel, do nome Miguel. Porque é*

que me lembrei do nome Miguel. São várias razões, uma das razões é que eu sempre gostei muito do nome Miguel. A segunda razão é que o meu avô, materno, de quem eu gostava muito também era Miguel. E a terceira razão é porque o meu filho mais velho, o irmão do Miguel, o Rui Pedro, quando... quando soube que ia ter um irmão disse que o mano se ia chamar Miguel e ainda por cima Miguel Filipe. Foi ele que deu o nome ao irmão." Através da análise de grupo destaca-se o facto de Filipa inscrever o filho na sua linhagem filiativa, no entanto ao inseri-lo coloca-o fora.

Quando é questionada acerca da relação que vivia com o seu avô Miguel, Filipa afirma: "*(...).* *Tinha uma grande ligação ao meu avô. O Miguel nunca o conheceu, nunca o conheceu, claro.*" bem como quando se refere à escolha do nome para o filho mais novo ter sido levada a cabo pelo irmão mais velho refere: "*Então eu como não pude escolher o nome do mais velho, digamos assim, provavelmente pensou, interiorizou (irmão mais velho) que eu gostava de Miguel e é verdade. Gostava.*" No decorrer da análise de grupo à entrevista em questão sugere-se a identificação de Filipa relativamente ao lugar que deu ao filho Miguel. Um lugar que aparentemente é dela, mas que ela nega trazendo o filho mais velho para a questão. Quando reforça que a origem do Miguel também advém do seu filho mais velho, é aí que fortalece, na negação, a sua transmissão para este filho.

Quando interpelada pela entrevistadora acerca dos sonhos que teve aquando do período de gestação, Filipa afirma: "*(...) quando estava grávida do meu filho mais velho sonhei que... penso... já não me lembro se foi na altura em que eu sabia que ele era rapaz ou não, penso que não, sonhei que ia ter uma menina.*" O grupo através da análise da narrativa, coloca a situação de que Filipa, por oposição ao marido que sempre desejou filhos, sonhou uma bebé rapariga.

Com o avançar da sua narrativa, Filipa afirma: "*Sinto-me bem e gosto bastante do nome e gosto de ter um filho Miguel e acho graça que como eu sou professora, tenho muitos Migueis, ao longo dos anos tenho tido vários Migueis e associo sempre àquele, ao meu filho que também é Miguel.*" Na análise de grupo toma destaque a amalgama de identificações que surgem ao nome "Miguel", lugar que deu ao filho, é aluno, é avô, é novo, é velho e é filho e não o é.

Filipa prossegue a sua narrativa: "*Há um ostracismo muito grande às pessoas de idade. Não têm em conta a experiência que elas podem trazer, transmitir às pessoas... Eu acho que isso também tem um bocado a ver com o facto de os jovens não terem sido educados*

com os idosos e eu fui, eu vivi com o meu avô. Portanto eu vivi em casa do meu avô, não visitava o meu avô. O meu avô vivia comigo, vivia comigo." A análise de grupo destaca algo de "maligno" que é evidenciado. Ao mesmo tempo ocorre um enaltecimento da importância das relações, fixando-se como âncora na relação que viveu com o seu avô. Transmite ao filho um lugar de ausência, algo que viveu, mas que nunca mais sentiu, como se vivesse uma vida sem leme, presa a um lugar outro, que já não existe.

6.4 Análise dos Grandes Temas na Família B:

6.4.1 Inscrição Filiativa e Transmissão Psíquica:

Após a análise das entrevistas dos participantes constituintes da Família B podemos indicar a inscrição filiativa do filho mais novo.

O Miguel está inscrito numa linhagem filiativa materna, no entanto, este lugar foi-lhe atribuído pelo irmão mais velho. A mãe não assume esta escolha, denegando-a na vontade do filho mais primogénito. João António abdica da apropriação da origem deste filho, no entanto, priva-o da linhagem masculina materna, impedindo que este receba o patronímio materno.

Neste caso, Filipa nega o lugar que atribui ao filho, lugar da escolha. Como se este pudesse, ou não, estar inscrito na sua filiação. Filipa não assume este lugar que transmite.

6.4.2 Objeto Transgeracional:

No caso do Miguel podemos interpretar um objeto transgeracional tipo um, segundo a classificação de Eiguer (1991), ou seja, existe uma representação objetual de carinho que reivindica a fidelidade edipiana nas pessoas cujo a libido está fixada na fase fálica do desenvolvimento psicosexual. A mãe internalizada, neste caso, desencoraja a evolução até à fase edipiana causando dificuldades ao sujeito no processo de formação de identidade.

Este processo depende do compromisso do material inconsciente que foi transmitido do avô para a mãe do sujeito. Filipa não assume a origem deste filho, denegando a sua

inscrição filiativa como escolha do irmão mais velho, sob pena de ter de enfrentar o "maligno" vivenciado na relação com os seus próprios ancestrais.

6.4.3 Fantasma Transgeracional:

Todos os objetos transgeracionais levam a um ponto comum: conduzem à dificuldade na circulação da representação do fantasma, tendo um efeito negativo e bloqueador na vida mental do sujeito (Eiguer, 1991). O contra investimento do sujeito mostra-se na dificuldade que este tem em assumir-se na identidade que lhe foi concedida, demonstrando desejo por um nome outro, "Diego", que se mostrasse invulgar, por forma a encerrar em si a necessidade de mais investimento por parte dos ancestrais.

Assim sendo, o verdadeiro nome do participante, o nome do sintoma (Soller, 2007) seria "inexistente", a versão negativa da palavra "existir" que significa: aparecer, emergir, mostrar-se. Ou seja, que não aparece, não se mostra, não emerge.

7. DISCUSSÃO

"A melhor maneira de esconder uma carta é deixa-la onde possa ser vista."

Edgar Allan Poe

No seguimento do material obtido na análise das entrevistas destacaram-se vários elementos nas narrativas desenvolvidas pelos participantes.

Pretende-se relacionar tais conteúdos tanto numa dinâmica intrafamiliar, dentro de cada família, como elaborar uma análise inter-familiar, ou seja, entre famílias, de forma a

podermos olhar semelhanças e diferenças, pontos de aproximação e distanciamento, entre as mesmas.

Esta análise irá incidir especialmente no processo de transmissão psíquica inconsciente entre gerações dando especial ênfase à inscrição filiativa, ao objeto transgeracional, à elaboração do fantasma transgeracional e à formação da identidade dos filhos através da análise das identificações estabelecidas referidas ao longo das narrativas relativamente aos seus ancestrais.

No que respeita à Família A os filhos Bárbara e Hugo inscrevem-se em linhagens filiativas distintas.

A Bárbara, filha primogénita, foi inscrita na linhagem filiativa paterna, como podemos verificar na seguinte passagem da narrativa do António, seu pai: "(...)sempre gostei de miúdos e crianças e, portanto... e sempre disse que se algum dia tivesse alguma filha seria... seria Bárbara. (...). Eu nunca vivi cá em Portugal, aliás nasci fora de Portugal, nasci num país Africano de língua francesa ou belga e o nome Bárbara é um som que compete! É a minha língua mãe de falar." O feminino que lhe é transmitido encontra-se ancorado no lugar de origem, país Africano.

António ao nomear a filha com um nome originalmente francês atribui-lhe esse lugar na genealogia familiar, destacando-se a prevalência do significante sobre o significado (Strauss, 1982). Desta forma o nome atribuído funciona como uma cripta que guarda uma situação vivida conservada por um recalçamento sendo transmitida do inconsciente do pai para o inconsciente da filha funcionando como um estranho ao lugar do sujeito (Reehbein & Chatelard, 2013). Vejamos como ilustração a seguinte passagem da narrativa da Bárbara: "(...)A minha origem e o francês não têm grande relação, mas tendo em conta que o meu pai nasceu em África, essa parte já gosto. (...)nunca pensei que pudesse estar associado ao nome, mas sinto um grande chamamento para aí. Como se me fizesse sentido ir aí...(...)".

Tal lugar, transmitido pelo pai, é ao mesmo tempo assumido pela filha e selado por Dulce, sua mãe. Como nos diz Falk (1975) o valor emocional ligado ao nome tem muitas implicações na psique do sujeito. Dulce apropria-se emocionalmente deste significante ligando-o a conteúdos da sua adolescência, identificando-se com este período da vida de António, mas sem carga fantasmática a ser transmitida à filha, não pressupondo a realização de um desejo (Freud, 1996). Vejamos o seguinte trecho da sua narrativa: "*Chegámos ao*

consenso de Bárbara e eu Bárbara é um nome que eu sempre gostei porque uma cantora que eu gosto muito é a Barbra Streisand e eu ouvia na minha adolescência."

Na nomeação da filha primogênita o casal chegou a um compromisso em que para o pai o lugar atribuído é claro, mas para a mãe é uma carga do parceiro, que consente, como enuncia Dulce no trecho anteriormente transcrito, depositar na filha ao mesmo tempo que se apropria desse material fazendo ligações com conteúdos da sua história pouco relevantes no seu próprio processo de individuação, pelo que se pode inferir através dos conteúdos enunciados ao longo da sua entrevista.

Falk (1975) refere que o uso de heterónimos/alcunhas permite a emergência e expressão de partes da identidade do sujeito que podem não conseguir expressão através do seu nome próprio. No caso da Bárbara verifica-se este movimento como aparece no seguinte trecho da sua narrativa: "(...) *prefiro que me chamem Bá, não sei porquê.*"

Na análise da narrativa da Barbara não se destacam identificações diretas a um masculino ancestral, sendo de salientar que tanto o masculino como o feminino vêm de uma hereditariedade arcaica e existem no universo psíquico do sujeito (Chabert, 2013). Aquilo que é transmitido dos pais para a Bárbara são conteúdos não pensados pelos mesmos (Faimberg, 2005). Através a análise dos grandes temas destacados nos resultados verificamos um objeto transgeracional tipo dois, segundo a classificação de Eiguer (1991), a Bárbara identificando-se com a origem paterna assume um lugar outrora perdido por António. Segundo Soller (2007) o nome da sua identidade seria "estrangeiro", aquele que é de fora, que não pertence.

No que toca ao Hugo, segundo filho, foi inscrito na linhagem filiativa materna, vejamos o que nos diz Dulce: "*Mas gostei de Victor Hugo. Eu em adolescente, também já vem de adolescente. Eu lia muito, mas lia obras normalmente... que era o que havia disponível para ler em casa de tios ou do meu pai e uma das obras que eu li para aí com doze, treze anos, para além de muitas outras li Os Miseráveis. (...), mas lá está... o mesmo problema, dois nomes! Victor sozinho não me diz nada. Não... até nem gosto. Acho... desculpem-me quem se chama Victor, mas acho que é vulgar. Hugo já não acho." Hugo identifica-se com as imagos masculinas transmitidas pela mãe, olhemos a sua narrativa: "*Mudava de nome. Para já não gosto da letra "H", não se lê. Mudava para um nome interessante daqueles que ninguém tem, mas com peso (...). É difícil de lembrar, mas as**

peças da família da minha mãe (...)têm todos nomes estranhos como Gilbertos e... Gilberto é horrível, mas... agora estou-me a esquecer dos nomes deles porque são estranhos e são muito difíceis de lembrar." Segundo Earles (1966) podemos pensar o nome como "órgão" da identidade do sujeito. A forma como o nome é sentido pelo sujeito portador afecta directamente o seu desenvolvimento psíquico e conseqüentemente a formação da sua identidade. Hugo fala-nos do "H" que não se lê, que é ausente como o seu nome do sintoma (Soller, 2007).

Existem lacunas, material que não está acessível à consciência, sobre a história da genealogia de Dulce nomeadamente ligadas aos seus ancestrais masculinos. Estas lacunas são manifestadas na dificuldade que Hugo tem em nomear os antepassados masculinos da família da mãe. Tendo essa intenção, não se consegue recordar dos nomes como verificamos no excerto acima transcrito.

Ao Hugo é transmitido o lugar da ausência decorrente dos próprios processos de identificação da mãe e solicitado que se identifique com objetos que não conhece e que não o conhecem, mas que existem, pelo menos no mundo intrapsíquico de Dulce, vejamos as associações que esta faz ao falar do livro Os Miseráveis, que a inspirou para a escolha do nome do filho: "(...). É a história de uma pessoa que é presa, não é? Justamente porque roubou! É evidente que roubou, mas roubou para ajudar porque aquilo... momentos muito difíceis na altura... naquela altura! E depois o que mais me impressiona é alguém com ciúmes de uma... de uma... da actriz ou protagonista do livro acaba por ser despedida e acaba por viver na miséria e tem uma filha que é dependente dela e está a ser explorada por outras pessoas que se vê obrigada, e isso no livro é descrito e é um bocado aflitivo, ela acaba os cabelos e acaba por vender os dentes para poder... porque ela era muito bonita e na altura era moeda de troca para outras pessoas. E isso é uma coisa que no livro foi muito marcante. Aaahh.... Acaba por morrer de infeção porque... por causa dessas coisas todas e na altura era uma obra que... pronto! Marcante. Gostei! Gostei muito de ler. Gostei." Dulce tem de ser autora, ato e protagonista, há uma confusão. Verificam-se, como propõe Almeida (2008), representações fantasmáticas transmitidas ao nível inconsciente que podem depreciar o valor do sujeito enquanto adulto, promovendo a ocupação de um lugar onde o sujeito se desvaloriza por se identificar com os ancestrais não nomeados. O objeto transgeracional herdado por Hugo é o terceiro segundo a classificação de Eiguer (1991) que pressupõe um objeto que cria

um fantasma em branco ocupando uma sensação de vazio no seu mundo interno, vejamos o seguinte trecho da sua narrativa: "(...) *sinto-me como se fosse uma pessoa que é só o Hugo. (...) Não, é só Hugo. É sempre Hugo, não havia mais nada.*". Ressalta-se o sentimento de vazio, a formação da identidade de Hugo materializa a significância do seu nome, a ausência.

Ocorre, entre o casal, um fenómeno a destacar no ato de nomear o filho, Dulce conduz a escolha de forma a culminar no mesmo nome de um escritor conhecido de origem francesa talvez numa tentativa de aproximar o filho à origem e inscrição filiativa paterna. Sobre a escolha do nome do filho, António refere: "*O Hugo foi... Foi um nome que apareceu. Podia não saber o que era... se era rapaz ou rapariga. Não havia escolha. Se fosse rapariga era um nome também derivado ao francês, sempre à língua francesa que é uma... é a minha maneira de estar na vida e depois a Dulce disse que era Hugo e ficou Hugo, pronto ok.*"

Hugo presencia o pai como rival masculino, com autoridade sobre si, vejamos: "*António que é o nome do meu pai. Chamar a um bebé António é estranho.*". Demonstra alguma fragilidade em assumir uma dinâmica competitiva com António evidenciando a problemática edipiana (Fast, 1978). Ao longo da narrativa de Hugo salienta-se, no seu discurso, a carência de conteúdo transmitido pelo pai. Ocorrem alusões ao longo da sua narrativa ao facto de ter apenas um nome próprio, que designa o lugar, único e singular, da sua inscrição colocando-o num lugar diferente do que espelha no pai que possui dois nomes próprios, vejamos: "(...) *também gostava de ter dois nomes próprios, assim haviam pessoas que me chamavam por um e outras que me chamavam por outro e eu sinto-me como se fosse uma pessoa que é só o Hugo.*" Com a atribuição, consciente, de apenas um único nome próprio a este filho, António encerra também o lugar da ausência, há uma falta que é transmitida, analisemos o discurso de António: "*Acho que não é lógico ter dois nomes não é... E como a Dulce só tem um, eu tenho dois, mas acho que o segundo nome não tem uso, é só para ter o trabalho de escrever mais.*"

Não se verificam conteúdos ancestrais femininos a serem transmitidos dos pais para Hugo ao nível inconsciente no que toca ao material enunciado ao longo das entrevistas. Os conteúdos masculinos que lhe são transmitidos, tanto da parte de Dulce como de António, refletem a ausência, ancorada ao seu nome num "H" que não se lê.

Na Família A o que é analisável ao nível de conteúdos transmitidos para os filhos é muito variável, de qualquer forma evidencia-se uma divisão entre os irmãos em que um e

outro herdam conteúdos psíquicos inconscientes directamente de um dos pais e consequentemente dos seus ancestrais, no entanto aquilo que herdam não é assim tão antagónico. Kaes (1998) cit. por Almeida (2008) indica que os sujeitos da herança, que herdam, estão divididos entre ser um fim em si ou ser o elo de cadeia de significação intersubjetiva à qual estão subordinados o que pode dificultar o processo de formação de identidade. Posto isto, Bárbara e Hugo vivem este conflito no seu mundo interno. Bárbara relativamente à história e narrativa de António e Hugo relativamente à história e narrativa de Dulce.

Verifica-se tanto no caso da transmissão que ocorre para a Bárbara como para o Hugo que os conteúdos transmitidos são referentes a problemáticas dos pais que apresentam dificuldades em metaboliza os mesmos psiquicamente. Estes conteúdos ao serem transmitidos aos filhos possibilitam uma desintoxicação, não só ao nível psíquico da Dulce e do António individualmente como também na dinâmica do casal (Bandoni, 2002), no entanto dificultam o desenvolvimento psíquico dos filhos gerando conflitos internos ao longo do seu processo de formação de identidade.

Os filhos ao se apropriarem deste material, não pensado, dão-lhes corpo e lugar a existir, ligando a relação do casal parental onde antes ela divergia. Tanto Bárbara como Hugo apresentam fantasmáticas transgeracionais na sua vida intra-psíquica que de alguma forma consomem o seu investimento psíquico promovendo o recalçamento de representações, a supressão de afetos e a renúncia pulsional (Almeida, 2008).

Há a mobilização do mecanismo de formação substitutiva aquando da nomeação destes dois filhos pelo casal. O nome atribuído aos filhos designa-os, bem como ao lugar que ocupam na constelação familiar sendo título e ponto de partida para a formação do mito individual (Lacan, 1987) de cada um.

No que respeita à família B ambos os filhos estão também inseridos em linhagens filiativas distintas.

O filho mais velho, que não participa neste estudo, insere-se na linhagem filiativa do pai. Temos este dado pois o pai, João António, aquando do pedido para falar sobre o nome do filho mais novo, responde sobre o filho mais velho, vejamos: "*O nome do Miguel foi escolhido... foi uma espécie de, como é que eu hei-de explicar, como eu escolhi o primeiro*

filho depois não tive grande coragem para fazer exigências em relação ao segundo não é."

Verifica-se uma ligação intensa de João António com o filho primogénito, quase como uma colagem que atesta a sua existência, amalgamando a sua identidade ao papel de pai. Aulagnier (1975) cit. por Correa (2003) indica que o grupo familiar é permeado pelas alianças e pactos inconscientes envolvendo a intersubjetividade, assim como o contrato narcisista assinalado. Verifica-se neste caso um acordo inconsciente que assegura a continuidade do investimento libidinal de autoconservação, olhemos o discurso de João António: "*Em relação ao primeiro eu tinha aquela... não sei se isto interessa ou não, tinha aquela ideia que é uma ideia muito engraçada. Engraçada para mim, não é? De meter na cabeça que quando tivesse um filho havia de ser Rui Pedro e... e eu associava isto, quer dizer, eu tive um grande amigo que trabalhou na rádio chamado Rui Pedro, mas não foi por homenagem a esse amigo, que é uma coisa que eu acho muita piada, como eu tenho uma voz muito enrouquecida, aprecio muito vozes e esse indivíduo era de facto uma voz radiofónica, mas claro que não era por isso, não é? Nem era pelos dotes, quer dizer, é que eu... aquele nome já tinha sido atribuído àquele indivíduo, não é? Pronto, foi uma lembrança que aquele nome existia, por acaso é uma pessoa minha conhecida e é um locutor de rádio chamado Rui Pedro.*" João António não tem voz, mas como o filho tem o nome do que tem voz, talvez possa ganhar voz através do filho, ocorre um investimento narcísico do próprio ao nomear o filho primogénito (Faimberg, 2005).

João António é pai dos dois filhos, mas só perfilha o segundo porque já existe um primeiro, que o representa, ao qual transmitiu o seu narcisismo. Podemos pensar que o filho primogénito age como continente sustentando a identidade do pai (Abraham & Torok, 1978).

Miguel, segundo filho desta família, herda um nome próprio presente em várias gerações da linhagem masculina materna. Contudo, a escolha do seu nome é depositada pelos pais, com intenção ao nível do discurso consciente, no seu irmão mais velho. Olhemos o que diz a mãe, Filipa: "*Porque é que me lembrei do nome Miguel. São várias razões, uma das razões é que eu sempre gostei muito do nome Miguel. A segunda razão é que o meu avô, materno, de quem eu gostava muito também era Miguel. E a terceira razão é porque o meu filho mais velho, o irmão do Miguel, o Rui Pedro, quando... quando soube que ia ter um irmão disse que o mano se ia chamar Miguel e ainda por cima Miguel Filipe. Foi ele que deu o nome ao irmão.*"

Filipa apropria-se desta descendência, mas anula a sua própria intenção, vejamos: "(...) *foi obra do mais velho. Mas o Miguel foi um consenso porque efetivamente todos gostávamos muito e achávamos graça que o miúdo tem 9 anos de diferença do irmão quando eu estava grávida e soube que era rapaz. "Ah mãe vai ser Miguel, Miguel Filipe." O Filipe já não sei porque é que foi.*" como se o filho mais velho é que detivesse a soberania nesta escolha mantendo o sujeito numa matriz de investimentos pois o segundo filho é nomeado segundo a fantasmática do porta-voz do desejo que tende a perpetuar interditos e ideais da família (Almeida, 2008).

Sabemos, através da análise dos grandes temas nos resultados, que o patronímio materno foi silenciado por vontade do pai e que não ocorreu qualquer resistência por parte de Filipa nesta decisão, pelo menos no que toca ao conteúdo enunciado nas narrativas recolhidas, verifiquemos o discurso de João António: " (...) *o meu sogro tinha de apelido "Cabelo" e eu comecei logo a imaginar um filho meu com este nome, chega à escola é uma prisão e por minha intervenção nem um, nem outro é "Cabelo".*". Desta forma é como se a responsabilidade, intenção, de nomear este filho ocorre-se também segundo as vontades do pai, uma vez que é o filho mais velho, herdeiro privilegiado dos conteúdos paternos que leva a cabo o processo de escolha do nome para o irmão. A mãe atesta e acompanha esta escolha, mas nunca assume a responsabilidade e intenção da mesma, vejamos o seu discurso: "*Quando eu conheci o meu marido, ainda nem sequer tinha nada com ele e ele já dizia que quando tivesse um dia um filho iria ser Rui Pedro, que é o mais velho. Então eu como não pude escolher o nome do mais velho, digamos assim, provavelmente pensou (Rui Pedro), interiorizou que eu gostava de Miguel e é verdade. Gostava.*". Miguel herda assim a não existência da masculinidade da mãe no que toca à formação da bissexualidade psíquica da mesma. A masculinidade da mãe rejeitada pelo pai, que é transmitida segundo o olhar do irmão que invadido por esses conteúdos (Rehbein & Chatelard, 2013), transmitidos pelo pai, acaba por cede-los ao irmão mais novo.

No que toca às dimensões femininas transmitidas pelos ancestrais, não se verificam dados para enunciação retirados das narrativas efectuadas. No entanto destaca-se o facto de Filipa ter sonhado um bebé do sexo feminino aquando da gravidez do primeiro filho: "(...) *quando andei grávida, quando estava grávida do meu filho mais velho sonhei que... penso... já não me lembro se foi na altura em que eu sabia que ele era rapaz ou não, penso que não,*

sonhei que ia ter uma menina." Podemos pensar que este facto reflete o seu desejo de criar algo com o marido que pudesse ser olhado por ele, algo que pudesse espelhar o seu feminino permitindo identificações diretas por forma a metabolizar fantasmáticas presentes na realidade psíquica de Filipa e do casal (Bandoni, 2002) que acabam por ter influência no conteúdo transmitido ao Miguel, participante do estudo.

Com isto podemos pensar que o processo de formação de identidade do Miguel poderá de alguma forma não ser muito fácil e intuitivo para o mesmo, uma vez que através do seu contra investimento psíquico existe tendência para se identificar ao feminino existente ancestralmente mais do que ao masculino que lhe é transmitido, uma vez que este é negado pelo rival direto no triângulo edipiano (Fast, 1978). Verifiquemos o discurso do Miguel: "(...) *sinto que era um nome diferente até ao meu 12.º ano em que eu era o único que conhecia. Quando entrei na faculdade não porque há poucos rapazes e há muitos Migueis. Não desgosto do meu nome, mas também não gosto. É-me indiferente.*", como se rapazes e "Migueis" não tivessem representações em comum, nomeadamente o género masculino. O pai, rival direto, poderoso e autoritário, não lhe concede características masculinas, pois essa parte da mãe que lhe é transmitida não é olhada, o que dificulta a colocação do Miguel no complexo de Édipo promovendo confusão nos lugares assumidos e ocupados. O objeto transgeracional presente no universo psíquico do Miguel pertence ao tipo um, segundo a categoria de Eiguer (1991), ou seja, a mãe internalizada não encoraja a evolução do seu desenvolvimento psicosexual até à fase edipiana. Segundo Soller (2007) o nome da identidade do Miguel é "inexistente", o que não aparece, o que não se mostra.

Fazendo uma análise inter-familiar pode verificar-se que as famílias diferem entre si tanto nos conteúdos transmitidos como na forma como ocorre esta transmissão. Apesar de diferirem de uma família para outra, entende-se também que existem diferenças, nos conteúdos e na forma de transmissão dos conteúdos inconscientes, dentro de cada família. Cada filho produz nos pais uma experiência única e singular evocando assim, ao nível inconsciente, diferentes factos psíquicos dos ancestrais dando expressão ao feminino e masculino arcaicos dos mesmos (Chabert, 2013). Os filhos apresentam diferentes estádios relativamente ao processo do desenvolvimento da identidade. Segundo Mijolla (1987) as fantasias inconscientes acerca das suas identificações desenvolvem-se a partir da história que

cada um conhece da sua família ancestral. A formação do seu ego e super-ego dependem e sofrem modelações tendo em conta estes conteúdos.

Na análise destas duas famílias, estão três participantes em causa no lugar de filhos, verificou-se que cada um apresenta um objeto transgeracional diferente. Segundo Roche (2012) a estrutura mental pode modificar-se, não por se acrescentarem aspetos inexistentes, mas pelo desenvolvimento de aspetos presentes, na psique do sujeito, ainda que numa dimensão embrionária. Posto isto, conseguimos verificar que o "sofrimento" psíquico não está diretamente ligado ao objeto transgeracional transmitido, mas sim com a capacidade psíquica de metabolizar estes conteúdos que os sujeitos apresentam contrariando a alienação provocada pela intrusão de fantasmáticas ancestrais transmitidas (Rehbein & Chatelard, 2013).

Tanto na família A como na família B, através dos dados recolhidos e anteriormente analisados, ilustra-se que o conteúdo transgeracional transmitido dos pais para os filhos tem um impacto significativo na formação da identidade dos mesmos. Evidencia-se também que o processo de atribuição do nome a um filho encerra em si a dinâmica relacional do casal parental vivida naquele momento, funcionando como uma cripta (Correa, 2003) possibilitando a transmissão de fantasmáticas não metabolizadas pelos antecessores diretos relativamente às suas próprias identificações a femininos e masculinos ancestrais por forma a descongestionar não só o seu universo psíquico individual como a dinâmica relacional do casal.

8. CONCLUSÃO

"O que não existe passa a existir ao receber um nome."

Clarice Lispector

Tendo em conta o objetivo a que este estudo se propôs, olhar e analisar os conteúdos inconscientes transmitidos, a um nível transgeracional, dos pais para os filhos aquando da escolha do nome, o resultado final é frutífero.

Tendo partido de uma reflexão acerca da concretude da linguagem em que se pode pensar que os vocábulos em si não representam algo em concreto sendo apenas representações simbólicas que permitem a comunicação entre os seres humanos, surgiu o interesse em estudar o impacto que o nome tem para o próprio indivíduo.

O nome é também um vocábulo, uma ferramenta da linguagem, que auxilia os seres humanos a definirem a quem se referem. Apesar do conteúdo significativo do nome ocupar apenas o espaço simbólico, tem muita importância para a forma como o sujeito se vai desenvolver e apropriar do mesmo. O nome é atribuído e concedido pelos antecessores, mas cada sujeito tem de se apropriar da sua denominação, da sua história e consequentemente da sua origem.

O nome surge então como um mapa, tanto da identidade do sujeito, como da sua constelação familiar. O nome esconde em si a história ancestral do sujeito e "revela" a sua identidade, definindo e moldando os processos da sua formação.

O material recolhido junto dos participantes que integram o estudo, através das entrevistas narrativas em associação livre, possibilitou a verificação de factos relevantes para se poder compreender o fenómeno da transmissão psíquica.

Actualmente na prática clínica, a transmissão psíquica transgeracional é pouco tida em conta, este estudo vem evidenciar a importância e relevância dos factos psíquicos que passam entre gerações e que têm impacto no mundo interno dos sujeitos influenciando fortemente os seus processos de formação de identidade.

Um dos destaques deste trabalho é o facto de cada entrevista ter sido realizada em privado, ou seja, tanto o pai, a mãe, como os filhos, foram entrevistados em separado e sem terem conhecimento do que foi partilhado por cada um com a entrevistadora. Coloca-se destaque neste facto pois o material que é recolhido aparece como um puzzle, uma "constelação familiar" possível de decifrar, não só em cada narrativa como com a junção de todas elas ao nível familiar. Nenhuma das narrativas pertencentes aos participantes deste estudo, constituintes de cada família, apresenta conteúdos que contradigam ou causem desconexão com a de outro elemento da família. Este facto chama à atenção para a riqueza que se poderia retirar em realizar um estudo de caso transgeracional, utilizando o nome do sujeito ascendente na linhagem filiativa como texto e pretexto, em que se pudesse aceder às narrativas de três gerações: avós, pais e netos. É com certeza uma ideia a explorar para estudos vindouros.

Outro destaque que toma lugar é o facto de o convite "Fale-me sobre o seu nome..." transportar o indivíduo para o centro da sua identidade fazendo com que este elabore e reflita sobre si próprio, a sua história, o lugar de onde vem e o lugar que ocupa no momento da entrevista. Relativamente ao convite "Fale-me sobre o nome do seu filho (a)..." feito aos pais, é inevitável ao analisar em separado, tanto a entrevista do pai como da mãe (em ambas as famílias), que se evidenciam nuances da relação do casal, supremacias, lugares de compromisso, dimensões sádicas e masoquistas de cada um.

Uma particularidade a referir é que os participantes foram obtidos por conveniência. As dinâmicas intersubjetivas aquando do momento da entrevista estão afetadas no que toca a dois participantes, Bárbara e Miguel, uma vez que a entrevistadora integrava o seu grupo de pares nas relações do quotidiano. No entanto, o material recolhido mostra que esta relação, fora do âmbito da investigação, não comprometeu a recolha de conteúdos válidos para que o trabalho pudesse ser desenvolvido.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo foram-se colocando e evidenciando dificuldades não só ao nível formal de escrever um trabalho científico, bem como ao nível da compreensão e articulação do material obtido. Como estudante e investigadora vi-me confrontada com as limitações da minha inexperiência ao nível da situação de recolha de dados e também com a minha ignorância, ao nível da capacidade de compreender e ouvir, as narrativas recolhidas, para além do que as palavras transmitem numa primeira instância.

A integração no grupo de interpretação revelou-se uma experiência extremamente enriquecedora, não só para a execução deste trabalho, como pela partilha e trabalho conjunto abarcando todas as subjetividades e intersubjetividades ali vivenciadas.

Sugerem-se como estudos vindouros acerca da temática transgeracional a aplicação do mesmo método, mas com modificações na situação de recolha de dados, por exemplo, entrevistar as gerações pretendidas em conjunto acerca do nome dos filhos e do modo como este nome foi escolhido pelos pais. Irão certamente surgir informações e conteúdos ricos para uma análise das dinâmicas relacionais vividas no seio familiar.

*"É meu e vosso este fado
Destino que nos amarra
Por mais que seja negado
Às cordas de uma guitarra
Sempre que se ouve um gemido
De uma guitarra a cantar
Fica-se logo perdido
Com vontade de chorar
Ó gente da minha terra
Agora é que eu percebi
Esta tristeza que trago
Foi de vós que recebi
E pareceria ternura
Se me deixasse embalar
Era maior a amargura
Menos triste o meu cantar"*

Mariza

9. REFERÊNCIAS

- Abraham, N., & Torok, M. (1984). The lost object - me: Notes on identification within the crypt. *Psychoanalytic Inquiry*, 4, 221-228.
- Aisemberg, E. (2004). Generación y Género. Desarrollos y Conflictos. In A. Alizade, M. Araújo, & M. Gus, *Masculino-Femenino: Cuestiones psicoanalíticas contemporáneas* (pp. 108-116). Buenos Aires: Lumen.
- Almeida, M. (2008). A Força do legado transgeracional numa família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 215-230.
- Badoni, M. (2002). Parents and their child - And the analyst in the middle: Working with a transgenerational mandate. *International Journal of Psycho-Analysis*, 83(5), 1111-1131.
- Chabert, C. (2013). Paternel, maternel et bisexualité: La bisexualite, entre-eux-deux? *Revue Française de Psychanalyse*, 77(5), 1517-1520.
- Chatelard, D., & Rehbein, M. (2013). Transgeracionalidade psíquica: Uma revisão de literatura. *Fractal Revista de Psicologia*, 25(3), 563-584.
- Correa, O. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.
- Earles, H. F. (1966). Concerning the development of an identity. *Psychoanalytic Review*, 53(4), p.7-30.
- Eiguer, A. (1991). L'identification à l'objet transgénérationnel. *Journal de la Psychanalyse de L'enfant*, 10, 93-109.
- Eiguer, A. (1997). Transgénérationnel et temporalité. *Revue Française de Psychanalyse*, 61(5), 1855- 1862.
- Eiguer, A. (2003). Le rôle de l'ancêtre. In D. Houzel, & C. Geissmann (Eds.), *L'enfant, Ses Parents et le Psychanalyste* (pp. 311-322). Paris: Bayard Editions.

- Faimberg, H. (2005). *The Telescoping of Generations: listening to the narcissistic links between generations*. London: Routledge.
- Falk, A. (1975). Identity and name changes. *Psychoanalytic Review*, 62(4), 647-657.
- Freud, S. (1996). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp. 233-244). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (1974a). Totem e tabu. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1974b). *Sobre o narcisismo: Uma introdução*. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp. 81-108). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Graves, R. (1990). *Os Mitos gregos*, Vol.1. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2001). Narrative, discourse and the unconscious: a case study of Tommy. In M. Andrews, S. D. Sclater, C. Squire, & A. Treacher, *Lines of Narrative: Psychosocial Perspectives* (pp. 136-149). London: Routledge.
- Hollway, W. (2003). Psychoanalytic Methods. In A. E. Bryman, A. Bryman, & T. F. Liao, *The SAGE Encyclopedia of Social Science Research Methods* (pp. 879-880). London: Sage Publications
- Hollway, W. (2004). An appropriate research paradigm for evaluating psychoanalytically informed practices. *International Journal of Infant Observation and its Applications*, 7, pp. 26-42.

- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In L. Given, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296–315). California: Sage Publications
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Lacan, J. (1978). *A Família*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Lacan, J. (1987). *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim. (Original publicado em 1953)
- Lemaire, A. (1982). *Jaques Lacan: Uma Introdução*. Rio de Janeiro: Campus.
- Levi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrepólis: Vozes.
- Mijolla, A. (1987). Unconscious identification fantasies and family prehistory. *International Journal of Psychoanalysis*, 68(3), 397-403.
- Roche, R. (2012). À propos de la triangulation archaïque. *Revue Française Psychanalyse*, 76(5), 1449-1502.
- Soler, C. (2007, Março, 31). Os nomes da identidade. Trabalho apresentado nas Jornadas Identidade em Questão, Rennes, França.
- Yin, R. (2001). *Estudos de caso. Planejamento e métodos* (2 Ed.). Porto Alegre: Bookman.

10. ANEXOS

ANEXO A

Formulário do consentimento informado



Lia Bernardino Rodrigues

Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149 - 041 Lisboa

Telefones 218 811 700

Fax 218 860 954

E-mail info@ispa.pt

Declaração de Consentimento Informado

Eu _____, BI n.º _____, concordo em participar nesta investigação para recolha de dados.

A finalidade deste estudo é a extração de narrativas pessoais acerca do próprio nome ou do nome que escolheram para dar aos seus filhos.

Após conversa com a responsável pela investigação, foi-me esclarecido como se processaria a entrevista: temas a serem abordados e duração da mesma. Embora seja improvável que haja quaisquer consequências adversas relativamente à participação neste estudo, estou consciente que existe a possibilidade de durante a mesma me confrontar com diversas emoções, tendo possibilidade de cessar a participação em qualquer altura, sem qualquer repercussão.

Toda a informação recolhida neste estudo será confidencial.

Caso este estudo seja publicado numa revista científica, as identidades dos participantes serão mantidas em anonimato. No entanto dada a natureza da investigação alguns nomes poderão ser referidos. Por forma a evitar ser possível identificar o participante em questão não será revelada qualquer informação adicional acerca da identidade do mesmo.

A minha assinatura neste documento serve para indicar que li, compreendi e concordei com toda a informação contida nesta carta de consentimento informado. Quaisquer questões que tenha tido foram respondidas de forma satisfatória. Se assim o desejar, ser-me-á facultada uma cópia deste consentimento.

ANEXO B

Transcrição das entrevistas dos participantes pertencentes à família A

Narrativa da Bárbara (filha):

E - Fale-me do seu nome..

B - *ok.. pronto o meu nome é Bárbara não é.. deixa-me cá ver, o meu nome é Bárbara, sei lá, sempre me trataram assim, um diminutivo ou outro. Odiava quando me chamavam de Bábá. Era horrível, sei lá.. sei que.. os meus pais gostavam do nome e foi por isso que me deram. Ou isso ou era Rebeca e Natacha e por isso dentro do mau, acho que Bárbara não é muito mau. Não sei, prefiro que me chamem Bá, não sei porquê. Não é tão forte ou assim. Por acaso isso vai de encontro ao que os meus pais também queriam, não haver muitas pessoas com o nome Bárbara e isso é fixe porque não há assim tantas e é mais fácil saber quem é que eu sou. Faça-me perguntas por favor...*

E- Falou nos diminutivos, que prefere que a tratem por Bá..

B- *Porque não soa tão forte. Porque também é uma cena mais pessoal, por exemplo numa apresentação formal não vou dizer que me chamo Bá mas sei lá faz com que a relação seja mais próxima entre duas pessoas. Por exemplo Bábá e Bábá não gostava nada.*

E- Porquê?

B- *Epá não sei.. mas nunca gostei, chamavam-me isso para aí no 3.º ano. Uma professora começou a chamar-me e eu: "Oh God, não!" mas há muito poucas pessoas que chamam e as pessoas que actualmente me chamam é na boa porque também sei que não é por mal. Não é a gozar, é porque ficou. Há uma amiga minha que me chama Bábá e é sempre.. e eu: "pronto, ok, já estou habituada." não me incomoda. Bá não há assim tanta gente que me chama, é mais na faculdade e algumas pessoas podem. Para os meus pais é Bárbara, sempre foi. Eles não gostam de diminutivos. E também escolheram o meu nome a pensarem que não haviam muitos diminutivos. Mas Bá gosto, não sei porquê soa-me bem. É a questão de ser mais pessoal.*

E- Parece que as pessoas tratem-na por Bá significa que a relação seja mais próxima, no entanto em casa, para os pais é a Bárbara...

B- *Também nunca lhes pedi e eles nunca me trataram por Bá. Quando eles me chamam é mais "filha", não é pelo nome próprio. A minha prima por acaso chama-me Bábá mas*

também não é por mal.. É mais por.. sei lá.. por ser a cena da proximidade não sei. A cena de os meus pais não me tratarem por Bárbara.. ai! enganei-me. A cena dos meus pais me tratarem por Bárbara sei lá nunca tinha pensado nisso.. agora, agora não me ocorre nada. Por exemplo o meu irmão nunca me tratou pelo nome e agora de à uns três anos para cá chama-me Bárbara e eu odeio isso. Antes era por "mana" e lá está é a cena da distância que eu estava a falar à bocado. É tipo: "Bárbara vem cá!" e eu: "Parvo.. cham-me mana." Mas ele não chama e é horrível. Mas chama-me mana quando está a falar de mim aos meus pais, não é "a Bárbara fez isto." ya e eu curto disso. Portanto neste sentido não gosto que o meu irmão me trate pelo meu nome nem por nenhum diminutivo, prefiro mana para reforçar ali a relação.. mas não ele não fez caso.. Eu comecei a chamar-lhe mano para o chatear, mas não resultou muito. Foi por eu ter entrado na faculdade achou que já era demasiado velha para me chamar "mana". Fiquei um pouco chateada com isso. Então pronto eu sou a Bárbara e ele é o Hugo tanto para nós como para os nossos pais.

E- À pouco disse que se não fosse Bárbara era Rebeca ou Natacha e que dentro do mal...

B- *Pois foi, eu reparei no que disse. Sei lá, Bárbara não é dos meus nomes favoritos, mas uma pessoa habitua-se não é. Não sei... não é o meu nome favorito. E não sei, não preferia que tivessem escolhido outro nome porque sei que eles gostam deste nome. E o nome não é uma coisa assim tão importante, não sei...*

E- Porque é que achas que os seus pais gostavam do nome?

B- *Porque a minha mãe gosta de nomes fortes ao contrário de mim e foi isso que eu percebi no fundo.... Tanto a mim como ao meu irmão deram estes nomes porque são nomes fortes e porque há poucas pessoas que os têm e porque a minha mãe não gosta de diminutivos então escolheu assim... Depois lembrou-se que havia Barbie e que podia haver coisas parecidas... A minha ama tratava-me por Barbie e ela não gostava nada. Mais... porque gosta da Barbra Streisand... ya.*

E- Disse que não gostava de nomes fortes...

B- *Não curto... soa demasiado... não sei explicar..., mas deixa-me cá ver... Por exemplo Ana ou Sara são nomes mais simples. Não sei, não são tão fortes. Soam-me melhor, talvez seja*

por isso que também gosto de Bá. Não me parece tão forte quanto Bárbara, é mais simples. Bá é simples, Bárbara não. É muito grande.

E- A Barbra Streisand em que é que a faz pensar?

B- *É uma boa cantora. Tem uma boa voz e sei que a minha mãe gosta da voz dela, mas por exemplo, no outro dia soube que o meu irmão se chama Hugo, acho que ele não sabe, por causa do Victor Hugo que escreveu os miseráveis. Isso é muito mais fixe do que ser Bárbara por causa da Barbra Streisand, fiquei com bué inveja. Gostava que o meu nome tivesse uma origem muito melhor, mas mesmo assim não é mau. Quando eu disse isto aos meus pais eles disseram: "Mas a Barbra Streisand tem uma grande voz qual é a tua?" e eu: "pronto, está bom."*

E-Acha mais interessante o talento de escrever do que o talento de cantar?

B- *Não mas acho que o Victor Hugo dos miseráveis se calhar tem mais talento que a Barbra Streisand, cantora.... É em caso particular e não em caso de escrita ou de preferir a escrita à música, acho eu.*

E- No fundo é como se a Barbra Streisand fosse mais simples que o Victor Hugo...

B- *Ah então, não é? É! Mas isso é a minha percepção enquanto indivíduo. É que se fosse por exemplo um Freddie Mercury ou um escritor qualquer português, preferia o Freddie Mercury, acho que não tem a ver com o ser um artista musical ou um escritor, mas sim com as pessoas em si. Até porque "Os Miseráveis" são um musical, não sei se a peça original era, mas agora é um musical. Valorizo mais o Victor Hugo do que a Barbra Streisand embora não conheça nada por aí além. Pá não sei... A Barbra Streisand é fixe, mas o Victor Hugo escreveu "Os Miseráveis" né... Tipo não se compara. Mas também só soube disso há uns meses, que o meu irmão deve o nome ao Victor Hugo dos Miseráveis e eu à Barbra Streisand. Não é por causa dela, mas a minha mãe sempre gostou dela e vem daí um bocado. O meu pai... eh ainda não falei dele, que mau. O meu pai gosta do nome porque gosta de como o nome soa em francês que por acaso eu odeio porque é ainda mais forte. Porque eles carregam muito nos "r's", mas ele gosta muito disso porque o meu pai nasceu em África e*

fala-se lá francês onde ele nasceu. Então o francês teve imensa influência e ele gostou sempre do nome. Tudo motivos oposto ao meu.

E- À pouco falou-me em origem e agora está a dizer-me que o seu pai gosta do nome como ele soa em francês...

B- *Não gosto de francês, nunca gostei. Em parte, porque o meu pai sempre gostou muito, o meu irmão é igual, também não gosta nada. A minha origem e o francês não têm grande relação, mas tendo em conta que o meu pai nasceu em África, essa parte já gosto. Porque não vem do francês de França, mas do francês de um país africano, nunca pensei que pudesse estar associado ao nome, mas sinto um grande chamamento para aí. Como se me fizesse sentido ir aí... não sei se será por causa do nome, mas foi isso que influenciou o meu pai a dar-me este nome. Talvez também possa vir daí a minha vontade enorme de lá ir. Está relacionado com isso.*

E- O que é que essa vontade representa para si?

B- *Não sei... é como se alguma coisa tivesse começado lá. Como a família da parte do meu pai teve lá e viveu lá a vida quase toda. O meu avô viveu lá mais de cinquenta anos, a minha avó quarenta, o meu pai vinte, é como uma pessoa querer conhecer a terra dos pais. Acho que é mais por isso. Por sentir alguma ligação lá embora nunca lá.*

E- Quando se apresenta a alguém e diz o seu nome, como é que isso lhe soa?

B- *É super estranho dizer a alguém: "Ah eu chamo-me Bárbara" porque soa-me muito forte e não gosto e depois é demasiado longo e por acaso não gosto de me apresentar assim às pessoas. Não gosto de ter que estar a dizer o meu nome e nunca me soa como se fosse meu, é bué estranho quando relaciono o meu nome a mim. Se for o diminutivo soa um bocado melhor, mas como não há assim tanta gente que me chame Bá, não há tanta relação que tenha a ver comigo, ou seja, no Bárbara não me reconheço tanto porque não me reconheço individualmente. No Bá não me reconheço tanto porque as pessoas não me conhecem assim. Acho que é um pouco isso.*

E- Falou-me que gostava do nome na medida em que não é comum e que os seus pais também o escolheram por isso, no entanto parece que acaba por não se identificar muito...

B- *Talvez se fosse um nome diferente, mas não fosse Bárbara gostasse da ideia. Não sei, já houve uma altura em que eu não gostava do meu nome por causa destas coisas de ser muito forte e assim e isso ficou um bocado. Ma também já me habituei e vou-me identificando cada vez um pouco mais e não faz mal uma vez que me chamo assim. Também não me vejo a chamar-me de outra forma qualquer. E a questão de ser diferente da maioria das pessoas, o nome, também é uma coisa que eu gosto. Embora possa não gostar do nome no geral, há coisas que gosto mais, outras que gosto menos e uma das coisas que gosto mais é não ser comum. É nesse sentido.*

E- Considera ter um nome forte, em que medida é que isso a desagrada?

B- *Acho que é muito agressivo... não sei. É muito rude. Soa-me demasiado agressivo. É nesse sentido. Não sei, não é tão... por exemplo haver um bebé que se chame Bárbara acho que é muito forte para um bebé, entende? Tipo para uma pessoa mais idosa também é muito forte. É muito forte sempre. Só para um adulto é que se calhar não é tão forte. Não sei explicar, mas é uma ideia que eu tenho. Há nomes que são muito fortes para crianças, há outros que são demasiado abebézados para adultos, mas Bárbara não me soa bem em mim, em nenhuma das faixas etárias. Não sei explicar...*

E- Se pudesse escolher o seu nome, qual seria?

B- *Ok, era aquilo que eu estava a dizer, embora não me reconheça muito no nome Bárbara também não me vejo com qualquer outro nome porque sempre foi este que tive, portanto acho que sim, seria Bárbara na mesma. Mas nunca pensei em ter outro nome. Isso é que não combina mesmo comigo porque por todas as qualidades menos boas que o nome possa ter e todas as que eu mais gosto, é o meu nome, portanto vejo-me com ele. Acho que é isso...*

E- Sobre o nome do seu irmão, já me falou que tem a ver com o Victor Hugo... O que pensa desse nome?

B- *Hugo! Acho que é um nome que também é muito bonito e combina com o meu irmão. Também não o vejo com outro nome qualquer. Também é um nome forte, mas não tão forte quanto Bárbara. Não sei, é mais simples acho eu. Também só tem quatro letras, o meu*

também só tem três letras b, a e r. Não sei, por acaso gosto muito mais do nome dele do que do meu se é que se pode comparar nomes de rapazes com nomes de raparigas.

E- Falou-me em simplicidade, agora falou-me no número de letras... Bárbara acaba por ter menos letras do que Hugo...

B- *Nesse sentido é mais simples, quer dizer, mas a organização não é mais simples. Se formos analisar em termos de organização das letras, Hugo pode ter quatro letras, mas só se lê três. Bárbara tem três, mas é muito mais longo do que Hugo nesse sentido, é muito mais complexo o nome. Eu estou a falar e estou a aperceber-me do que estou a dizer...*

Hugo é um nome forte e soa-lhe bem, talvez para rapaz os nomes fortes façam mais sentido. Huguinho não fazia tanto sentido. Ya e no nome do meu irmão não há assim tantos diminutivos também foi outra das razões pela qual ele tem esse nome. É bonito, gosto da forma como soa. Bárbara não gosto tanto a forma como soa. Um nome forte nele soa-me bem, em mim é que não. Um nome forte não me soa bem, mas acho que não tem a ver com o ser eu. Acho que tem a ver com o facto de ser rapariga, tem a ver mais com isso talvez. Nomes fortes ficam melhores em rapazes do que em raparigas, na minha opinião.

E- O que é que acha que difere... Rapazes com nomes fortes. Raparigas com nomes simples...

B- *Não é uma questão de ser mais simples porque Hugo é mais simples do que Bárbara. Mas a forma como soa é levada de uma forma muito mais rude, mais agressiva para os ouvidos do que Hugo. Mas em termos de musical Hugo soa muito mais simples do que Bárbara. É nesse sentido. Em raparigas não fica tão bem. Não gosto muito. Não sei, não acho que fique bem em raparigas nomes tão fortes e agressivos enquanto que em rapaz fica.*

E- Quer acrescentar mais alguma coisa?

B- *Não, acho que não... Quer dizer, posso pensar, mas acho que é só isto. Há coisas no meu nome que gosto. Gosto que seja único, não há muita gente que o tenha, gosto também de saber que os meus pais gostam do nome, não é? E gosto do diminutivo. Mas não gosto que soe tão agressivo e ainda bem que não estou em França porque se não o meu nome seria ainda muito pior embora o meu pai ache que soa bem. Em francês é que iria ser muito mais rude, mais agressivo. Pronto, é isso, não quero falar mais.*

Narrativa do Hugo (filho):

E- Fale-me do seu nome....

H- *O meu nome é Hugo, não é? Hugo Morgado Rocha. Quer que fale sobre o nome próprio ou sobre os outros todos também?*

E- É como quiser....

H- *Não gosto do meu nome. Não é dos meus nomes preferidos. É um nome... tem quatro letras não é, mas o "H" nunca se lê. É como se não tivesse "H". É um nome muito monótono. Um som "Hugo"... Quando as pessoas dizem Hugo eu olho, quando dizem Gugu eu também olho, qualquer palavra.... Os outros nomes, por exemplo Morgado é giro, mete piada, mas não é dos meus nomes preferidos e Rocha gosto, é um nome de família bonito.*

E- Falou-me que tem quatro letras o seu nome.... o que é que isso lhe sugere?

H- *Hugo tem quatro letras, é um nome fácil de escrever também. Não me custa muito. Mas sim, não gosto muito do nome, há outros nomes que eu gosto mais. Por exemplo gosto de nomes que quase ninguém tenha. Hugo não é um nome que muita gente tenha, mas mesmo assim não gosto. É muito simples e não dá também para fazer quase nada com o nome.*

E- Fazer com o nome....

H- *Não é que eu gostasse de ter uma alcunha, mas eu sempre fui dos meus colegas aquele que nunca teve uma alcunha devido aos nomes que tinha. E era giro ter, mas mesmo assim nunca gosto do nome Hugo que é feio.*

E- Porque é que acha isso?

H- *Não sei.... mas há nomes mais interessantes do que o meu. Hugo não é grande coisa porque não é bonito. Sinceramente acho que não é bonito... Não sei que mais...*

E- Se pudesse escolher o seu nome, como seria?

H- *Mudava de nome. Para já não gosto da letra "H", não se lê. Mudava para um nome interessante daqueles que ninguém tem, mas com peso. É que a cena é essa, tem de ter peso.*

Ou então para um nome daqueles que toda a gente tem, mas que nunca são tratados por esse nome.

E- Pode dar-me um exemplo?

H- *Por exemplo Rafael, Ricardo, Francisco, João sempre gostei foi dos meus nomes preferidos, Miguel também. Luís. Não sei mais nenhum.*

E- Esses nomes que me fala são os que depois as pessoas nunca são tratadas dessa forma?

H- *Os nomes que eu mais gosto e que normalmente as pessoas nunca tratam por esses nomes.*

E- Falou-me também em nome que ninguém tem....

H- *É difícil de lembrar, mas as pessoas da família da minha mãe, da mãe da minha mãe, a minha avó materna são pessoas do circo e têm todos nomes estranhos como Gilbertos e.... Gilberto é horrível, mas.... agora estou-me a esquecer dos nomes deles porque são estranhos e são muito difíceis de relembrar. Mas gostava de ter um nome desses. Ivan também....*

E- Ivan também tem quatro letras....

H- *Sim, mas é mais bonito que Hugo, mais místico.*

E- Fale-me agora um pouco sobre o nome da sua irmã.

H- *A minha irmã. Gosto do nome da minha irmã. Bárbara. Para já gosto de todos os nomes que têm um "B" e gosto do "B" e Bárbara lembra.... é um nome um pouco forte por causa dos bárbaros e sempre... gosto de dizer Bárbara porque mete piada. Dizer Bárbara e chamar alguém de Bárbara parece estar tipo a falar rude, mas de uma maneira simpática, Bárbara. É... mete piada.*

E- Disse que acha ser um nome forte... e Hugo, o que acha?

H- *Não, é um nome fraco. Por exemplo há nomes mais fortes, mas também depende das idades. Hugo e Bárbara são nomes que se podem dar tanto a pessoas novas, como adolescentes, como velhos e assim. Bárbara também, mas por exemplo, António que é o nome*

do meu pai. Chamar a um bebé António é estranho. Jorge e Ricardo também. Ma Hugo não é HUGO, é Hugo e é a Bárbara.

E- Acha que são nomes que acompanham geracionalmente...

H- *É, é... é um nome que consegue acompanhar.*

E- Em relação ao que falou de Hugo ser um nome pequeno e de que o "H" não se lê, não dá para fazer diminutivos ou alcunhas.... Porque é que gostava de ter tido uma alcunha ou um diminutivo?

H- *Porque assim.... porque aquelas pessoas, por exemplo, Guilhermes era o Gui, Rodrigos eram os Rodas e esses outros nomes.... e também gostava de ter dois nomes próprios, assim haviam pessoas que me chamavam por um e outras que me chamavam por outro e eu sinto-me como se fosse uma pessoa que é só o Hugo. Não é por exemplo, uns chamavam-me Guilherme e outros chamavam-me Gui, uns chamavam Rafael, outros chamavam Rafa. Francisco, outros Chico. Não, é só Hugo. É sempre Hugo, não havia mais nada.*

E- E se tivesse um segundo nome.... Qual seria?

H- *Com Hugo? Com Hugo nunca pensei porque nada fica bem com Hugo. Mas gosto do nome Luís e Manel, juntos. Mas não é o Manel Luís Goucha. É Luís Manel. Manel Luís não mas Luís Manel é giro.*

E- Por alguma razão?

H- *Não... sempre gostei do nome Manel e Luís juntos. Por exemplo, João Maria também.*

E- Conhece pessoas com esses nomes?

H- *Conheço, conheço pessoas com esse nome.*

E- Relaciona isso?

H- *Acho que tem a ver, por exemplo tinha um amigo meu chamado João Maria que ninguém lhe tratava por João. Nós chamávamos-lhe o Maria. E era... E era... Toda a gente sabia quem era o Maria. "João Maria, qual deles? Ah é o Maria."*

E- É uma questão de ser identificatório?

H- *É o conseguir identificar melhor a pessoa e uma pessoa quando sente que não lhe tratam só pelo nome... há diversificações em termos das pessoas, sempre que têm uma espécie de relacionamento especial com essas pessoas. Quando têm um nome que é sempre a mesma coisa... Toda a gente é-lhe igual.*

E- O que é que sente por o ser nome ser Hugo e não outras coisas?

H- *É como se não houvesse diferença. Por exemplo já uma pessoa que eu odeio chamar-me Hugo e uma pessoa dos meus melhores amigos chamar-me Hugo, para mim é a mesma coisa. Estão-me a tratar pela mesma coisa*

E- Quando se apresenta a alguém e diz o seu nome.... (interrompe-me)

H- *Não, eu odeio dizer o meu nome. Quando me perguntam "Como é que te chamas?" eu demoro sempre dois ou três segundos a responder porque odeio dizer o meu nome.*

E- Porque é que acha que isso acontece?

H- *Não sei... Eu estar a dizer Hugo, eu gosto, acho engraçado e motiva-me quando as pessoas dizem Hugo. Uma pessoa chamar-me " Hugo precisas disto?" "Hugo ajuda-me lá aqui nesta cena..." eu gosto que me chamem, apesar de não gostar do nome gosto que me chamem porque sei que é o meu nome. Mas não gosto nada de dizer o meu nome às pessoas.*

E- Há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre o seu nome ou sobre o nome da sua irmã?

H- *Sobre o nome da minha irmã, não... só chamo-lhe Bárbara mas à uns anos chamava-lhe "mana" como todos os irmãos mais novos. Comecei-lhe a chamar Bárbara só para chatear, mas também porque depois ficou Bárbara. Eu gosto do nome Bárbara. É só isso.*

Narrativa da Dulce (mãe):

E- Fale-me sobre o nome da sua filha.

D- *É assim... o meu marido em princípio vai dizer-lhe a mesma coisa. A Bárbara, a escolha do nome teve de ser consenso entre os pais e queríamos um nome que ambos gostássemos. Eu gostava de uns, ele não gostava. Ele dizia outros e eu não gostava. Ele gostava muito de Natacha. Ele está muito ligado à parte francesa, cresceu num país africano, com muitos belgas e então gostava de nomes assim mais para o lado do francês. Natacha... e eu não gostava muito. Eu não gosto muito de diminutivos e então chegámos... Eu gostava de Raquel, ele não gostava de Raquel. Chegámos ao consenso de Bárbara e eu Bárbara é um nome que eu sempre gostei porque uma cantora que eu gosto muito é a Barbra Streisand e eu ouvia na minha adolescência. E foi sempre um nome... apesar de ser Barbra e não Bárbara foi um nome que eu sempre gostei. E pronto chegámos os dois... "Olha Bárbara!" e ele "Bárbara (diz em sotaque francês) também é engraçado" e pronto, ficámos por ali. Na altura por acaso nem me lembrei, mas Barbarinha ninguém lhe vai chamar, não soa muito bem, mas não me lembrei das bonecas, das Barbies na altura. Mas também nunca ninguém lhe pôs Barbie. Mas vá lá a primeira pessoa que ficou com ela, era uma ama, ao princípio foi logo Bábí e eu assim "Oh Meu Deus! Bábí!" eu não gostava nada, mas pronto, ela era carinhosa com ela e chamava Bábí e eu gostava. Logo eu não queria diminutivos, mas sempre gostei do nome Bárbara. E pronto queria um nome que fosse forte embora talvez nem pareça assim muito adequado para bebé. Não sei, eu tinha noção disso, mas gostava do nome Bárbara e era assim. "Bom, vamos escolher Bárbara" Gostavam os pais. Há pessoas de família que eu sei que não gostaram. Por exemplo o avô não gosta do nome Bárbara, mas claro que está habituado e foi o nome que nós os dois... e outra coisa! Eu não gostava de dois nomes, Ana qualquer coisa, Maria qualquer coisa, e queria escolher um nome que na altura não fosse muito ouvido. Também não gosto que tenha um nome igual ao de toda a gente. Na altura haviam muitas Marianas, muitas Anas, muitas Ritas, Patrícias e... Ela ao longo do tempo não tem tido muitas Bárbaras como colegas e pronto... gostava. Não queria que fosse muito igual. Pronto! Eu sou um bocado individualista nestas coisas e escolhi nessa base. Gostei de ter só Bárbara, o Morgado meu, o Rocha do pai. Pronto! Três nomes, simples de escrever e Bárbara com acento. Pronto! Foi outra coisa que eu também quis, olha... achei que tinha de ter acento o nome Bárbara pronto.*

E- Em português escreve-se com acento, não é?

D- *É. Mas se calhar há outras pessoas que usam o Bárbara, mas não põem o acento no Bá e ela mesmo sabe que o nome dela tem acento no Bár-bara. É um pormenor pronto! Picuinhices, pronto! Manias, não interessa! Mas foi o gosto que nós tivemos.*

E- Falou-me que não gostava de diminutivos...

D- *Não gosto muito. Não sei... e... pronto, porque depois acaba por não se usar o próprio nome que nós damos. É por isso que também não gosto muito dos dois nomes. Por exemplo Ana Maria, depois ou se chama só Ana ou só Maria... Ana Raquel, ou é só Ana ou é só Raquel é assim. Pronto queria uma coisa que fosse só o nome próprio. Pronto! E aí não há uma diferença de dar um ou outro, usa-se sempre só um que é o nome dela, que é o principal.*

E- Falou-me na Barbra Streisand, em que medida é que foi inspiradora para si?

D- *Ah! Adoro a voz, as músicas são ótimas, mas principalmente pela voz que tem. Pronto e na altura eu ouvia muito quando era adolescente e foi sempre um nome que me ficou, ainda hoje é uma das minhas cantoras preferidas e pronto. Não pela personalidade nem por nada de especial, mas porque era um nome que na altura ficou. Por qualquer motivo... porque realmente eu gostava das músicas dela, gostava da voz principalmente dela. É intemporal. Ainda hoje... A Bárbara ouve. Mas é assim.... eu pensar em nomes, nomes de coisas que nós gostamos e depois naquela altura em que estamos à espera de uma criança e eu sabia desde o início que era uma menina... aaahh.... Começámos logo a ver um nome que fosse do nosso gosto, pronto foi logo quase que automaticamente que se soube que era menina que ficou escolhido o Bárbara, não foi no momento, foi logo praticamente quando soubemos que era rapariga.*

E- Falou-me que queria de alguma forma que tivesse um nome diferente, porque é que atribui importância?

D- *Talvez mania minha... Não, não, não... Talvez porque assim fosse mais fácil de distinguir, como única, pronto! Acho que Não é a Bárbara, quando por exemplo se fala com outras pessoas e na escola se fala da Mariana "Ah, qual Mariana?" "Ah é a Mariana M., é a*

Mariana S. ou a Mariana F.?" Pronto é Bárbara, só havia uma Bárbara. Era mais fácil distinguir quem era a Bárbara. Pronto!

E- Por uma questão de identificação...

D- *É! É único, pronto! Esse era um dos meus motivos, era o de não ser um nome que fosse muito usado, muito ouvido, pronto. Para ser única.*

E- Falou-me também que não chegou logo a um consenso com o seu marido...

D- *Não... Não...*

E- Quando soube que era menina qual foi o primeiro nome que... (interrompe-me)

D- *Eu gostava de Raquel. Também não era um nome na altura também muito usado, pelo menos na altura. Se bem que ela da idade dela teve uma colega chamada Raquel, Mas não era um nome... e também é um nome forte! Portanto não é aqueles nomes melódicos. É um nome forte pronto. E eu gosto, gosto. O meu também é um nome forte, talvez por isso eu também quisesse nesse sentido pronto. E também não é, não é vulgar... aaahh e foi mais nesse sentido. Não queria uma coisa na boca de todos pronto!*

E- Falou-me que não gostava de dois nomes porque podia ser uma coisa ou podia ser outra...

D- *É... É personalidade! Pronto vá lá! Talvez não seja o termo correto para dar para uma pessoa, mas pronto, pelo menos para mim eu queria, queria essa, era essa ideia que eu queria transmitir. Pronto!*

E- Disse-me também que achava que não era nome para um bebé...

D- *Porque é um nome forte. Normalmente as pessoas quando vêm os bebés, tendem a ser lá está, uma coisa pequenina e pôr... diminuir "Ah... Bárbara, dizer Bárbara! Ai! É um nome tão forte! Tão pesado!" Diziam-me "ah tão pesado, tão pesado para uma criança!" mas eu dizia "Não vai ser bebé a vida toda." Pronto e era nesse sentido, um nome que vai acompanhar o resto da vida e então acho que depois disso se dilui. Nesse aspeto.*

E- No que toca ao nome da Bárbara acho que está... acha que quer dizer mais alguma coisa?

D- Não, mas sim, sempre foi o gosto que eu tive e na altura era essa a ideia e mantenho pronto. Se tivesse outro filho, como exemplo, iria dentro do mesmo sistema procurar um nome assim. Que não se usasse pelo menos na hora ou um nome que... pronto... que tivesse ficado no ouvido por qualquer motivo e era nesse sentido que o ia pôr.

E- Agora pedia-lhe para me falar acerca do nome do seu filho.

D- Hugo. O Hugo seguiu mais ou menos o mesmo critério. Também não era um nome que na altura se ouvisse. Haviam muitos Diogos, muitos Gonçalves, muitos Bernardos. E depois é assim... eu gosto de alguns nomes, mas já tinha amigas que tinham os nomes... por exemplo gosto muito de Ricardo, mas tenho uma amiga que o filho já se chamava Ricardo. Gosto muito de Rafael, também ela tem outro filho chamado de Rafael. E eu não queria, vá lá, dizerem-me "Copiaste o nome!". Eu sou picuinhas com estas coisas. O Hugo... Eu sempre gostei do nome Victor Hugo, são dois nomes... Mas gostei de Victor Hugo. Eu em adolescente, também já vem de adolescente. Eu lia muito, mas lia obras normalmente... que era o que havia disponível para ler em casa de tios ou do meu pai e uma das obras que eu li para aí com doze, treze anos, para além de muitas outras li *Os Miseráveis*.

E- Uma leitura forte...

D- Forte! Li o *Guerra e Paz* para aí com doze, treze anos. Portanto o que eu estou a dizer é que eram obras que haviam na altura, não tinha assim acesso a outros tipos de romances que talvez houvessem. Hoje há com muita facilidade romances à venda em todo o lado. Na minha adolescência não havia. Havia aquelas obras que, claro, clássicas. Li os três mosqueteiros, li essas obras que haviam, mas nunca mais me esqueci d'*Os Miseráveis*, que é uma literatura muito forte e com o percurso que tem do autor principal. Ele tem um passado muito atribulado e é uma pessoa que quer vingar na vida e proteger... Não sei se viu o filme? agora recentemente, por acaso este musical que eles fizeram está espetacular porque através da música eles conseguem retratar, mas continua a ser pesado na mesma. E gostei da obra, gostei da escrita do Victor Hugo e era um nome que eu gostava. Eu pertença a uma família, Não sei se a Bárbara tem problemas que eu diga se não! Mas a minha família materna pertence ao circo. Um nome que eu depois acompanhei e que também gostava precisamente por ter o mesmo nome era o Victor Hugo, Cardinali. Mas lá está... o mesmo problema, dois nomes! Victor sozinho não me diz nada. Não... até nem gosto. Acho... desculpem-me quem se

chama Victor, mas acho que é vulgar. Hugo já não acho. O problema de pôr o nome ao Hugo foi que nunca soubemos até à altura de ele nascer, se era rapaz, se era rapariga. Só no parto quando ele saiu... Para rapariga, eu agora já não me recordo sinceramente, mas para rapariga já tínhamos chegado também a um consentimento, agora não me recordo qual era. Mas sei que para aí uma semana ou duas antes do Hugo nascer quase que tive um ataque de choro porque ainda não tínhamos chegado a nomes que ambos gostássemos os dois. Ele gostava de uns, eu gostava de outros, agora não estou bem certa. Lá conseguimos chegar os dois "Então e se fosse Hugo?", "Olha Hugo era bom. Hugo. Gosto, gosto. Hugo. Hugo. Está bem." Lá está também só Hugo, sem mais nada. Lá está Victor Hugo eu não queria porque eram dois nomes, Victor não me dizia nada e Hugo sim. E não era um nome também que se ouvisse. Continuo Hugo ao longo do tempo não houve nenhum colega que ele tivesse que se chamasse Hugo. Sinceramente não. Diogos... há imensos. Teve colegas, mas Hugo também não. E voltava eu a querer ter um nome que não fosse muito ouvido. Também é um nome com impacto, é um nome forte. E pronto, é a mesma questão, foi que eu me lembrava. Claro! que agente acha, como toda a gente, depois andamos ali nos livros à procura dos nomes "Ah não gosto deste. Não gosto deste. Ai não gosto deste. Aí eu gosto, mas o outro não gosta, pronto!".

E-Parece que foi sempre uma coisa muito partilhada...

D- *Sim! Sim! Mas só realmente entre pais, não me recordo assim de termos falado com a família de nomes. Talvez as minhas sobrinhas na altura tivessem opinado, mas não foi mais nada que me tivesse marcado que tivesse ficado com a ideia do que é que elas gostassem. Também gostava muito de Pedro, mas tinha um primo chamado Pedro. Gosto muito de Raúl, tenho um primo chamado Raúl. Eu li. Pronto... e os nomes que eu gostava, o meu marido poderia gostar, eu já tinha pessoas de família com esses nomes que nem eram muito ouvidos, mas pronto, eu não queria! Pronto, lá está! Mania minha.*

E- Primar pela diferença...

D- *Talvez... Talvez fosse essa a razão mais forte.*

E- Disse-me que leu Os Miseráveis com doze, treze anos... voltou a ler depois?

D- *Não, não voltei a ler.*

E- O que é que a marcou, como se lembra da obra?

D- *Agora está muito mais recente porque fui ver o filme, não é? Mas de qualquer das formas já... já. Por acaso eu acho que não tenho. Aqui nas minhas obras eu acho que não tenho. Mas já saquei o livro. De novo. E já li várias coisas. Gosto, gosto. Gosto muito. Gosto... é a história de uma pessoa que é presa, não é? Justamente porque roubou! É evidente que roubou, mas roubou para ajudar porque aquilo... momentos muito difíceis na altura... naquela altura! E depois o que mais me impressiona é alguém com ciúmes de uma... de uma... da atriz ou protagonista do livro acaba por ser despedida e acaba por viver na miséria e tem uma filha que é dependente dela e está a ser explorada por outras pessoas que se vê obrigada, e isso no livro é descrito e é um bocado aflitivo, ela acaba os cabelos e acaba por vender os dentes para poder... porque ela era muito bonita e na altura era moeda de troca para outras pessoas. E isso é uma coisa que no livro foi muito marcante. Aaahh... acaba por morrer de infeção porque... por causa dessas coisas todas e na altura era uma obra que... pronto! Marcante. Gostei! Gostei muito de ler. Gostei. Porque lá está, eu na altura não tinha outro tipo de livros. Agora, romances. Cordel, não me faz diferença nenhuma. Sabrinas, Blancas, aquelas coisas que haviam eu dobrava isso tudo porque eu leio sempre. Mas na altura era aquilo que eu tinha disponível para ler e li muitas dessas obras.*

D- Falou-me dos nomes dos seus dois filhos e ambos estão ligados a uma personalidade... A Bárbara à Barbra Streisand e o Hugo ao Victor Hugo.

G- *Sim. Sim. Eram nomes... Pessoas que eu conhecia da parte de... de ... de ... artística talvez e se calhar foi por isso que funcionou, não sei. Mas estão ligados, estão. Fui coerente nos dois, são mesmo de...*

D- Há mais alguma coisa que queira acrescentar?

G- *Hum... Não. Não estou a ver... Não. Pode ser que surja depois "Ah esqueci-me de dizer isto!" Mas não, isto foi sempre também aquilo que eu lhes disse a eles e acho que não muda muito e já se falou às vezes e aliás quando me falaram que vinha cá fazer a entrevista e eu disse "Olha aquilo que eu tenho a dizer é aquilo que às vezes quando me perguntam porque é que chamaste Bárbara, porque é que chamaste Hugo..." normalmente é aquilo que eu digo. Ah! Outra coisa! "Só te lembras de Santa Bárbara quando faz trovões!". Bárbara, Santa*

Bárbara é a padroeira dos bombeiros e acho que também ajuda os pescadores por causa das trovoadas, das tempestades do mar. Achei engraçado isso... só vim a saber isso mais tarde. Porquê? Por causa de saber porquê é que se diz Santa Bárbara. Porque é que se diz Santa Bárbara? Só se diz Santa Bárbara quando faz trovões.... Pronto. Mas não foi por ser Santa realmente não foi por isso. Claro que depois andando à procura mais tarde já uma vez... Uma vez até imprimi qualquer coisa para eles "Olha o significado do vosso nome." Pronto, e acho que é engraçado ver-se isso. Na altura li, foi as... vários sobre aquela lista que há. Todos... Mesmo para nomes, para procurar. Qualquer pessoa que vá ter um bebé normalmente alguém oferece ou alguém diz "Procura aí nomes..." Agente vai à internet... É assim, é ir à internet e pôr "Significados dos nomes" ou então "Procura de nomes" ou "nomes femininos" e há uma lista sem fim de nomes. Normalmente até há livros que se compram para oferecer às mães quando é para escolher o nome. Mas...

E- Não foi o caso...

D- *Não me recordo, mas sei que existe esse livro. Claro que isso no entretanto já fui ver, há muitos anos, claro lá está, o significado do nome deles e isso tudo. Há a Santa Bárbara, do Hugo não sei e sinceramente não me recordo de onde é que vem. Há uns anglo-saxónicos outros vem... vem. sei lá, de imensos sítios os nomes de onde eles nascem não é, pronto. Nenhum deles deve ser português com certeza.*

E- Como é que foi quando se aperceber que o nome da sua filha pertencia a uma Santa?

D- *Achei piada haver uma Santa sim... E que é muito importante. Achei engraçado pronto, acaba por ser importante, que tenha a ver com o nome dela. Achei engraçado, mas na altura não foi por isso que escolhi. Não, não me recordo disso. Pronto na altura chegámos ali ao consenso, pronto! Gostamos os dois, pronto! Não houve problema nenhum. O nosso problema foi mais na parte do Hugo que não sabiam realmente o que era, não me recordo qual foi o nome que nós tínhamos chegado a consenso se fosse rapariga o Hugo. Mas sei que nele, nome de rapaz já foi quase pertinho... Eu dizia "Ainda nasce o miúdo e agente chama-lhe bebé!" "Ainda vamos chamar Bebé porque não há nome.". Era a única coisa que eu me recordo disso, era ter sido mais difícil escolher um nome para rapaz.*

E-Existiam mais discordâncias ou... (interrompe)

D- Não gostávamos. Aquele que eu gostava ele não gostava, outros às vezes eu nem sequer opinava porque já tinha pessoas com esses nomes. Eu acho que ele gostava do nome Bernardo, já não me recordo, mas tem um amigo com esse nome e eu tenho uma amiga que o filho também se chama Bernardo. Bernardo também não quero, pronto! E depois tinha medo que lhe chamassem Becas e eu... diminutivos... Hugo, o avô chama-lhe Huguinho. Mas é um diminutivo maior, não é muito fácil de usar. A minha ideia realmente não era essa. Pronto eu também tive um diminutivo, o meu nome é Dulce e eu, de miúda, toda a família me chamava Zelinha, pronto.

E- Não gostava?

D- Da família não me importo porque me habituei... pronto... acho que... é carinhoso. Não... Os diminutivos normalmente são carinhosos. É... Eu não gosto é quando se muda, quando se adultera o próprio nome para outro. Bernardo para Becas, Já não tem nada a ver. Faz-me um bocado de confusão, porque depois já não é aquilo que nós pusemos para identificar a pessoa. Se há alguma coisa que nos identifica, pelo menos que seja o nome, claro que pode não dizer nada.

E- Quando alguém lhe pergunta pelos seus filhos e diz os nomes deles, como é que sente isso?

D- Agora já não, mas recordo-me que ao princípio talvez por... principalmente a Bárbara quando era pequenina diziam-me "Bárbara!?" mas pronto... agora... depois, para já, não. Não me recordo que tenha havido assim... Lá está Hugo, toda a gente sabe quem é o Hugo. Agora... há um Hugo. Sempre houve só um Hugo, então aqui na escola com os amigos, que ele estudo... teve a vantagem de começar na primária com um grupo e da primária para o ciclo preparatório que normalmente se desmembram as turmas, eles foram todos juntos na mesma. Do 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos foram sempre juntos porque tinham um elemento na turma com trissomia... um colega, o Diogo, e a mãe conseguiu que houvesse uma união entre a turma para não desmembrar e consegui que a turma nunca fosse separada e criava um bom ambiente e eles tinham um ambiente espetacular. O Diogo M. é um miúdo encantador e Diogos haviam para aí uns quatro, cinco, seis, mas lá está, o Hugo toda a gente conhece, toda a gente sabe quem é o Hugo e lá está continuo a ouvir pouco. Sinto-me satisfeita que

aquilo que eu queria foi exatamente... há poucas Bárbaras, há poucos Hugos e pronto... é fácil de identificar. É essa e a era a minha vontade na altura.

Espero que isto não tenha parecido muito complicado e espero que eles gostem dos nomes deles!

Narrativa do António (pai):

E- Fale-me sobre o nome da sua filha...

A- *Sobre o nome dela... é um nome que eu sempre quis ter se tivesse filhos como é evidente. Desde se calhar dos onze, doze anos que eu sempre gostei de miúdos e crianças e, portanto... e sempre disse que se algum dia tivesse alguma filha seria... seria Bárbara. A decisão foi assim.*

E- Não houve discórdia na escolha do nome então...

A- *Nunca! Nunca! Foi direto, se houvesse alguma filha teria que ser Bárbara ponto final. Não tinha direito a escolha.*

E- Porque é que acha que sempre teve essa ideia assim tão vincada....

A- *Porque eu gosto do nome. Eu nunca vivi cá em Portugal, aliás nasci fora de Portugal, nasci num país Africano de língua francesa ou belga e o nome Bárbara um som que compete! E a minha língua mãe de falar, digamos assim, era francês apesar de que em casa agente falava português, frequentei a escola portuguesa do sítio onde vivi que foi num país africano, mas a língua oficial era francês.*

E- Hoje em dia quando alguém lhe pergunta como se chama a sua filha, como é que se sente ao responder?

A- *É Bárbara com gosto! Com muito gosto! Eu sei que ela não gosta, mas pronto.... Agora não posso fazer mais nada.*

E- E em relação ao seu filho, fale-me sobre o nome dele....

A- *O Hugo foi.... Foi um nome que apareceu. Podia não saber o que era... se era rapaz ou rapariga. Não havia escolha. Se fosse rapariga era um nome também derivado ao francês,*

sempre à língua francesa que é uma.... é a minha maneira de estar na vida e depois a Dulce disse que era Hugo e ficou Hugo, pronto ok.

E- O que é que sente em relação a essa identificação com a cultura francesa, é muito diferente da que partilha hoje em dia?

A- *Completamente. Não tem nada a ver.*

E- Pode-me falar sobre isso?

A- *É uma convergência com várias raças, Portugueses, Belgas, Italianos, Gregos... Os locais, Airense.... Há maneiras diferentes de pensar, e pronto depois ali juntou-se digamos uma salada de muita gente a pensar de algumas maneiras. A maneira portuguesa, a maneira francesa, a maneira belga, os italianos, os gregos e a língua mãe era o francês. E o francês sempre ficou. Quando vim viver para cá falava um português afrancesado ou melhor um francês aportuguesado. A minha primeira língua é o Francês.*

E- Conhecia pessoas com o nome Bárbara?

A- *Não... Conhecia duas amigas francesas, belgas. Falo francês porque é a língua, mas lá é mais o belga do que o francês. Não, mas pronto gostava do nome, do termo. O falar é diferente.*

E- O Hugo foi uma surpresa até ao fim....

A- *Exatamente. O nome apareceu, gostámos, pronto ok.*

E- Os seus filhos, ambos só têm um nome próprio, por alguma razão?

P- *Acho que não é lógico ter dois nomes não é... E como a Dulce só tem um, eu tenho dois, mas acho que o segundo nome não tem uso, é só para ter o trabalho de escrever mais. É o que acontece, por isso eu até só escrevo o primeiro e o último, para não ter de escrever muito.*

E- Quando alguém lhe pergunta como se chama o seu filho e diz o nome Hugo, como é que sente isso?

A- É um nome forte. É um nome muito forte. Ambos os meus filhos têm um nome forte... Desde nascença até agora, se formos ver o historial deles, na vida, a maneira de pensar, está completamente.... foi posto ali no.... no... no sítio. Isto é a minha maneira de pensar, atenção!

E- Há mais alguma coisa que queira acrescentar acerca dos nomes dos seus filhos?

A- *Está tudo dito.*

ANEXO C

Transcrição das entrevistas dos participantes pertencentes à família B:

Narrativa do Miguel (filho):

E- Fale-me sobre o seu nome.

M - *Eu sou Miguel porque os meus pais não sabiam que nome é que me haviam de dar, claro que gostavam do nome, não é? Por isso é que mo atribuíram, mas foi o meu irmão que me deu o nome. Portanto ele tinha nove anos quando eu nasci e fiquei Miguel. A título de curiosidade na minha família sou o quarto descendente, quarto grau que sou Miguel. O meu trisavô era Miguel tal como o meu bisavô e o meu tio avô, e é mais por aí.*

E- Pensa que o seu irmão fez essa ligação quando lhe deu o nome?

M- *Não, foi coincidência. Já lhe perguntei várias vezes porque me deu este nome, mas ele sempre me disse que era por gosto pessoal. Não há assim nenhum simbolismo.*

E- Referiu que os seus pais não sabiam que nome é que lhe haviam de dar....

M- *Acho que depositaram no meu irmão essa escolha.*

E- Fale-me agora sobre o nome do seu irmão, como é que ele se chama?

M- *Rui Pedro. Acho que não é um nome muito comum, Rui há mais com Manuel e com outro tipo de nomes. Uma coisa mais engraçada é que eu em casa sou Miguel, mas o meu irmão não é Rui, é Rui Pedro. Eles associam sempre os dois nomes porque o meu pai disse, já desde os tempos de faculdade quando ele e a minha mãe se conheceram lá entre o grupo de amigos deles, que ele quando teria um filho rapaz se chamaria Rui Pedro. E a mim soa-me um nome, não é bem importante, mas é.... marca pela diferença pelo lado positivo, tem um certo poder entre aspas. Marca um bocado a diferença.*

E- O Miguel não tem segundo nome?

M- *Sou Miguel Filipe. Não gosto. Por acaso não sei se o Filipe foi ideia do meu irmão ou não, isso já não sei ao certo.*

E- Sente que os seus pais não fazem a associação entre os seus dois nomes?

M- *Não. Só quando a minha mãe está um bocado zangada comigo "Miguel Filipe vai arrumar o teu quarto!" (imita a voz da mãe). Só nesse tipo de contextos.*

E- Quando ouve as pessoas chamarem o seu nome, o que é que sente?

M- *É assim... para além de me identificar como é obvio, sinto que era um nome diferente até ao meu 12.º ano em que eu era o único que conhecia. Quando entrei na faculdade não porque há poucos rapazes e há muitos Migueis. Não desgosto do meu nome, mas também não gosto. É-me indiferente. Não é aquela coisa de gostar muito do meu nome ou de odiar, só não gosto é da conjugação Miguel Filipe. Se eu não tivesse segundo nome ou se fosse outro segundo nome gostaria mais à partida.*

E- E em relação aos seus apelidos....

M- *Eu sou Silva Pereira, mas supostamente devia ser Cabelo Pereira. Tanto eu como o meu irmão somos Silva Pereira. É que a minha mãe é Filipa Silva Cabelo logo devíamos ter o Cabelo, mas o meu pai não queria que fôssemos vítimas de bullying e quis então que ficássemos Silva e ficou assim.*

E- Falou-me que noutras gerações o seu nome já existia na família, para si tem algum significado?

M- *Não acho que tenha importância, acho mais curioso do que importante. Liguei essa informação pela piada que tem, entre aspas, essa descendência. Tem imensa graça se algum dia tiver um filho com o nome Miguel ou um neto porque é quase um nome de família, mas como nome próprio.*

E- Com o nome do seu irmão também há assim alguma ligação desse tipo?

M- *Não, só o meu tio é que é Rui, mas é Rui Manuel acho eu. Porque para os meus pais é mesmo como se fosse um nome junto, como se Rui Pedro fosse pegado e não é claro. Miguel Filipe já não, é bem separado e é muito raro chamarem-me. Ainda bem.*

E- Há mais alguma coisa que queira acrescentar...

M- *Apenas que o meu irmão se fosse rapariga era Isis e eu era Raquel. A minha avó é Raquel, mas é porque a minha mãe diz que é o nome preferido dela para rapariga. Eu não gosto, de todo. E pronto era mesmo por gostarem do nome, não havia assim nenhum valor, nada por de trás.*

E- E Isis....

M- *Porque a minha mãe adora o nome.*

E- Acha que se tivesse nascido rapariga os seus pais não teriam delegado essa escolha ao seu irmão?

M- *Acho que era exatamente igual. Quer ele fosse rapariga ou rapaz e eu também. Era indiferente.*

E- Lembra-se de mais alguma coisa que queira partilhar?

M- *Sim, como os meus pais são professores de história ainda pensei que tivesse a ver com o Miguelismo mas nem tem nada a ver com isso.*

E- À pouco disse-me que era o único Miguel até ao seu 12.ºano, como é que sentiu quando chegou à faculdade e se deparou com outros Migueis?

M- *Senti apenas a diferença de contexto na medida em que quando referiam um Miguel podia ser para o Miguel S., Miguel C. ou Miguel P. entre outros. Eu olho só que não é para mim e isso é uma coisa que eu nunca tinha sentido antes ou teria sido muito, muito raro. Só num contexto de férias em que houvesse um ou outro rapaz Miguel, mas era muito, muito raro. E foi só o estar a lidar com isso.*

E- E se tivesse oportunidade de escolher o seu nome....

M- *Diego. Acho piada. Não há nenhum significado, porque gosto mesmo do nome. Associo também muito à minha personagem preferida do filme "A idade do gelo" o que tem os dentes de sabre chama-se Diego. Mas claro isso é brincadeira, claro que gosto, mas sempre gostei do nome Diego. Se fosse rapariga era Lorena. Eu quando tiver filhos gostava de lhes chamar assim.*

E- Como é que é essa personagem dos dentes de sabre de que me falou?

M- *É uma personagem em que aparenta ser o mau da fita, mas é bonzinho. Aparenta ser uma pessoa.... Ai que estupidez! É uma personagem rude, fria, que inicialmente até é mau. Está numa, não sei como se diz, não é alcateia nem matilha é um conjunto de dentes de sabre. Só*

que depois fica bom. Torna-se bom. E é a pessoa... aí, é a personagem que tem mais afeição pelo bebé da história, que é um humano.

E- E Lorena....

M- *Lorena Sofia de Portugal foi a primeira mulher a progredir em Portugal, teve estudos até mais longe. Estudei em história do secundário e sempre achei piada ao nome. Acho que soa.... é romântico... e é muito assim.*

E- Se tiver filhos qual seria o nome que escolheria, já disse que gostava de Miguel para continuar a descendência, já disse que gostava de Diego....

M- *Diego. Acho piada à continuidade que o nome Miguel traz, mas gosto mais de nomes que sejam mais invulgares.*

E- Isso é importante para si....

M- *É importante porque identifica melhor a pessoa. Por exemplo se tu me falares numa Patrícia aqui na faculdade eu vou-te perguntar se é a Patrícia S. ou se é a Patrícia M., etc. Por exemplo com o seu nome, Lia, acho que há mais uma, mas como não conheço. Mas Lia é um nome mais incomum ou o nome Mia que também é muito incomum, é raro e também gosto muito. Mas lá está... é mais uma questão de identificação da pessoa, é menos vulgar. Não estou a dizer que torna a pessoa vulgar, não é isso. É no sentido de identificação. Não é identidade é identificação. Acho que ainda há aquele estigma de que os nomes invulgares são mais feios, mas eu não sou dessa opinião, acho que são invulgares e são bonitos.*

M- *Uma coisa que também é curiosa é que os meus pais deram o nome de Rui Pedro, quase que é pegado, portanto deram uma importância muito grande ao seu segundo nome fundindo digamos assim como um primeiro e a minha sobrinha só tem um nome. É Clara. Sempre foi o nome preferido do meu irmão, ele sempre disse desde pequenino que se tivesse uma filha se chamaria Clara e assim o é. Se fosse rapaz seria Henrique, ele até gosta, mas não é por aí. É porque o seu sogro faleceu quando a minha cunhada tinha 12 anos de ataque cardíaco e seria uma espécie de dedicatória.*

E- Chegou a conhecer algum dos seus familiares com o mesmo nome que o seu?

M- *O meu tio avô apenas. Mas mal o conheci. Só em festas de família e era muito raro, nunca tive grande ligação.*

Narrativa da Filipa (mãe):

-Fale-me sobre o nome do seu filho.

Portanto quer saber sobre a origem do Miguel, do nome Miguel. Porque é que me lembrei do nome Miguel. São várias razões, uma das razões é que eu sempre gostei muito do nome Miguel. A segunda razão é que o meu avô, materno, de quem eu gostava muito também era Miguel. E a terceira razão é porque o meu filho mais velho, o irmão do Miguel, o Rui Pedro, quando.... quando soube que ia ter um irmão disse que o mano se ia chamar Miguel e ainda por cima Miguel Filipe. Foi ele que deu o nome ao irmão.

-Miguel Filipe?

É o nome do Miguel. O Filipe não sei.... não sei, isso já foi obra do mais velho. Mas o Miguel foi um consenso porque efetivamente todos gostávamos muito e achávamos graça que o miúdo tem 9 anos de diferença do irmão quando eu estava grávida e soube que era rapaz "Ah mãe vai ser Miguel, Miguel Filipe." O Filipe já não sei porque é que foi.

-Disse que gostava muito do seu avô materno.

Sim, eramos muito próximos.

-Do que é que se lembra?

Muita coisa, de muita coisa. Porque ele era um homem, um homem muito calmo. Extraordinário. Contava muitas histórias. Era um contador de histórias e isso, acho que foi por causa dele que fui para, que tirei o curso de a licenciatura em história porque efetivamente.... Devido às histórias que ele me contava. Histórias que ele inventava, histórias tipo histórias da Carochinha, não é? Que toda a gente sabia. E histórias do tempo dele porque ele tinha nascido nos finais do século XIX, portanto tinha passado pela.... pela.... pela implantação da República, lembra-se de terem andado na aldeia dele a dizer que tinham matado o rei, por exemplo. Portanto foi por causa disso. Tinha uma grande ligação ao meu avô. O Miguel nunca o conheceu, nunca o conheceu, claro.

- Hum... E o seu filho mais velho de onde acha que ele tirou essa ideia?

Do nome Miguel? Não sei.... Também não percebi. Se calhar ele teria percebido que eu gostava que.... que o irmão fosse Miguel caso fosse rapaz. Talvez tenha a ver com isso. Provavelmente porque o nome dele, o nome do meu filho mais velho quem escolheu foi o meu marido. Quando eu conheci o meu marido, ainda nem sequer tinha nada com ele e ele já dizia que quando tivesse um dia um filho iria ser Rui Pedro, que é o mais velho. Então eu como não pude escolher o nome do mais velho, digamos assim, provavelmente pensou, interiorizou que eu gostava de Miguel e é verdade. Gostava.

-Parece que é como se o seu filho levasse a sua ideia a cabo.

Sim, sim. Penso que sim.

-Acaba por ser um nome de família?

Sim, sim. Exatamente, vem mesmo de família. O meu avô era Miguel, o filho mais velho do meu avô, o meu tio era Miguel e depois terminou ali porque mais nenhum neto tinha o nome de Miguel e depois veio o bisneto ter o nome do avô, do bisavô.

-Associa o nome Miguel a algum filme, livro, personagem....

Não. Só mesmo ao meu avô. Só mesmo ao meu avô.

-Na altura da sua gravidez recorda-se de algum sonho que tenha tido ou se costuma sonhar com o seu filho....

Não. Não. Não. Não. Sobre isso só lhe posso dizer que quando andei grávida, quando estava grávida do meu filho mais velho sonhei que.... penso... já não me lembro se foi na altura em que eu sabia que ele era rapaz ou não, penso que não, sonhei que ia ter uma menina. Por acaso sonhei isso, mas depois nunca se concretizou. Porque na altura do meu filho mais velho nunca se faziam as ecografias que se fazem agora, só fiz uma. Só mesmo no final da gravidez é que eu percebi que era um rapaz. Provavelmente terei tido esse sonho antes de ele nascer, não sei. Mas foi a única vez que sonhei com uma criança. Foi nessa altura, não me lembro de ter sonhado assim mais com crianças.

-Quando está a falar com alguém e diz como os seus filhos se chamam como é que sente o nome do Miguel?

Sinto-me bem e gosto bastante do nome e gosto de ter um filho Miguel e acho graça que como eu sou professora, tenho muitos Migueis, ao longo dos anos tenho tido vários Migueis e associo sempre àquele, ao meu filho que também é Miguel.

-Tem mais alguma coisa a acrescentar?

Sobre isso do nome? Não... Não. Posso acrescentar que eu acho que ele não gosta do nome. Não gosta do nome. Aqui há uns tempos dizia que gostava de ter sido Ricardo (Ri-se). Não sei, agora também nunca mais falámos sobre isso, não tem remédio, não é? Mas penso que ele não gosta muito do nome.

- Essa ligação que faz com o seu avô materno de ser um contador de histórias, lembra-se de alguma em particular?

Sei lá... tantas histórias... tantas histórias que ele contava. Contava histórias que tinham sido com ele. Tinha sido sacristão na igreja da terra, da aldeia dele. O meu avô é da aldeia do Saramago, da Azinhaga. Aliás a minha avó, a mulher do meu avô ainda era parente afastada do Saramago e pronto e lembro-me de ele dizer que era sacristão, ele detestava a igreja precisamente porque tinha sido durante muitos anos sacristão. Ele contava histórias dos padres e então eu achava, achava imensa graça às histórias que ele me contava sobre os padres, sobre as terras, sobre aquilo que as pessoas diziam. Muita, muita, muita história engraçada. Muita história muito engraçada que ele me contava. Era realmente uma pessoa extraordinária. Lembro-me com muito carinho dele. E acho que as pessoas novas agora lhes faz muita falta terem um avô ou uma avó que lhes conte histórias. Hoje em dia não há muita ligação entre as crianças, as crianças ou os adolescentes e as pessoas idosas. Não há paciência, não há.... Acham que... tem um bocado a ver com a vida moderna. Nós vivemos numa sociedade em que as pessoas mais velhas não têm valor. A experiência que as pessoas mais velhas têm, não tem valor nenhum. Interessa é mexer nos computadores e nas novas tecnologias e aquilo que os novos sabem, com todo o mérito, que os novos, pronto, também admito que saibam muito mais coisas do que sabem as pessoas de idade, mas há uma grande.... Há um ostracismo muito grande às pessoas de idade. Não têm em conta a experiência que elas podem trazer, transmitir às pessoas.... Eu acho que isso também tem um

bocado a ver com o facto de os jovens não terem sido educados com os idosos e eu fui, eu vivi com o meu avô. Portanto eu vivi em casa do meu avô, não visitava o meu avô. O meu avô vivia comigo, vivia comigo. E a minha avó vivia comigo, com os meus pais e comigo. Portanto isso acabou por dar... para mim foi uma mais valia.

-Nota muito essa diferença?

Sim, noto, noto. Noto uma grande diferença.

-O que é que acha que se perdeu?

Perdeu-se essa ligação dos mais velhos aos mais novos e dos mais novos aos mais velhos. O mais porque perceberam que os mais novos estão num patamar que eles nunca conseguem, não conseguem atingir. Tomam decisões, tomam atitudes que eles não compreendem, pronto. E os mais novos também não têm respeito nem têm, nem olham para os velhos como uma fonte de informação, de experiência, de atenção, de, de, de proteção. Não olham assim. Não sei se isto algum dia mudará. Não sei.

-Mas o que é que acha da sociedade moderna?

Acho que a sociedade moderna perdeu muitos valores. E está a perder cada vez mais valores e isso tem a ver com a situação económica, com a situação social, com a situação política, mas também tem muito a ver com a situação social e a forma como as pessoas levam a vida hoje. As pessoas não têm... não olham para o próximo, as pessoas não olham umas para as outras. Comunicam muito com o telemóvel e com as mensagens, mas depois falar, frente a frente com outra pessoa, não têm muito esse cuidado. E depois só dão valor às coisas que não devem ter valor que é aos carros bons, se o vizinho aparece com um carro bom então as pessoas olham e são amigas ou se a pessoa se veste muito bem ou se pinta muito bem e depois vêm aqueles programas de televisão que não interessam a ninguém, estou a lembrar-me desses Big Brothers e dessas porcarias todas que eu acho que são porcarias e que portanto acaba por desmistificar um bocado o papel da família, o papel das pessoas na sociedade, a ligação com as pessoas. Acho que vivemos numa sociedade um bocadinho complicada.

-Nessa ligação que teve com o seu avô o que é tem pena que o Miguel não tenha agora?

Paciência para o ouvir por exemplo, para estar a falar com ele, para esperar por ele como eu fazia à noite quando ele vinha.... Ele jantava sempre mais tarde do que eu e eu estava sempre ali à espera dele para ele contar coisas... pronto gostava de estar ao pé dele, gostava de o ouvir. É verdade.... (Suspira) tenho muitas saudades. Desde pequena que vivi sempre com os meus pais e com os meus avós, até que cresci e eles faleceram. Até que eles faleceram, não. Eles faleceram já eu estava casada. Já tinha saído de casa dos meus pais, mas vivi com eles durante 24 anos, foi a altura em que eu saí de casa.

-Quando o seu filho mais velho surgiu com a ideia de Miguel falou com o resto da sua família?

Foi automaticamente Miguel, acho que o meu marido já estava por tudo. (Ri-se) O primeiro é que tinha de ser Rui Pedro agora o outro podia ser como eu quisesse. Fiquei contente, é também uma maneira de homenagear o meu avô. Quando olho para o Miguel lembro-me do meu avô embora sejam muito diferentes um do outro. Ele não tem nada a ver com o avô, é muito diferente. O meu Miguel é muito diferente de tudo. O Miguel é à parte, portanto com o meu avô não tem mesmo relação nenhuma.

-Em que é que acha que são assim tão diferentes?

Não tem paciência, o meu avô era uma pessoa com paciência, uma pessoa que brincava. Na altura não era muito normal, portanto se ele tinha nascido no final do século XIX, portanto quando os filhos nasceram seria, seria em princípios do século XX, não é? Porque ele também casou cedo. E lembro-me da minha mãe contar que ele era capaz de se pôr no chão, ele tinha 6 filho. Os filhos todos por cima uns dos outros, por cima dele, não é uma coisa muito normal nos homens daquela época, sobretudo nos homens de Portugal, não é? E ele fazia isso. Portanto era uma pessoa assim muito dada à brincadeira, muito carinhoso. Carinhoso não estou a dizer que o Miguel não é, mas tem, é uma maneira de encarar o mundo diferente. Completamente diferente. São outros tempos também, pois. Exatamente. Não se pode comparar. Pronto era tudo o que eu tinha para dizer.

Narrativa do João António (pai):

-Fale-me sobre o nome do seu filho...

Sobre o nome do Miguel.... O nome do Miguel foi escolhido.... foi uma espécie de, como é que eu hei-de explicar, como eu escolhi o primeiro filho depois não tive grande coragem para fazer exigências em relação ao segundo não é. Por acaso gosto, gosto do nome de Miguel até porque é um nome que eu associo a figuras.... a figuras assim proeminentes da cultura, da vida humana, da presença humana sobre a terra. Acho que é um nome engraçado, Miguel Ângelo por exemplo do renascimento. Mas vamos lá, talvez o nome, o fundamental da resposta seja que como de facto, se fosse assim um nome, uma coisa horrorosa eu teria que intervir, não é? "Ah vamos pôr Bonifácio ou coisa assim", mas como de facto eu fui um bocadinho determinante em relação ao nome do primeiro filho depois em relação ao nome do segundo deixei as coisas correr. Mas achei bem, achei uma escolha interessante e bonita. Acho um nome engraçado, acho que é um nome que tem música, é um nome que tem música, é um nome... é um nome latino, quer dizer não tenho conhecimentos para saber se é latino a 100%, mas por exemplo há noutras línguas, não é? Quase que é universal porque... é o Miguel em Espanhol, Michael, não será bem Miguel, mas é o equivalente, não é? Acho um nome engraçado. Mas repito, o fundamental na resposta para este tipo de trabalho é que acabei por não ter uma intervenção, na medida em que como optei pelo primeiro, ou seja, deram-me possibilidades de eu escolher o primeiro, já agora não sei se isto tem importância para o trabalho, mas uma coisa que tem piada: eu em relação aos nomes das pessoas sou um bocadinho complexo sabe? Complexado entre aspas. Eu vou-me explicar muito rapidamente, não sei se por pertencer a núcleos escolares onde havia muita brincadeira e muita galhofa com os nomes, não é? Em que nós eramos impiedosos, eu sou estudante, sou de turmas muito conhecidas de alunos, pessoas que ficaram conhecidas na sociedade portuguesa do Passos Manuel, políticos, advogados, engenheiros, médicos mas há amizades que ainda as mantenho hoje, 40 anos depois, temos uma tertúlia e tal e então eu lembro-me, tinha sempre aquela ideia de que havia de haver algum cuidado com o nome sobretudo os apelidos, ora e o meu sogro tinha de apelido "Cabelo" e eu comecei logo a imaginar um filho meu com este nome, chega à escola é uma prisão e por minha intervenção nem um, nem outro é cabelo e portanto têm o meu nome e também têm o da Filipa não é? Por exemplo, o caso do Miguel é Miguel Filipe Silva de Pereira. Este Silva é da Filipa e o Pereira é meu. Eu comecei logo a

imagina, Cabelo está tramado. Não sei se isto tem interesse, mas como tem a ver com nomes pronto.

-Tudo o que tiver para dizer tem interesse.

Foi isso, mas repito, o sumo, a essência da resposta é que de facto como com o primeiro filho fui um bocadinho ditador entre aspas, muito entusiasmado pelo aquele nome, depois o segundo fiquei impávido à espera que viessem propostas, quando veio essa do Miguel, até tendo em conta que havia ali uma homenagem grande ao avô da Filipa também. Que era uma pessoa muito ligada até à tradição oral, popular, contava histórias, um Ribatejano de gema. Achei engraçado e também engraçado ter dois nomes próprios, não ser só Miguel e acho que o outro nome também está bem encaixado, Miguel Filipe.

-O que é que associa ao nome Filipe?

Não... Também acho importante, um nome português. Em relação aos nomes também nunca fui muito apologista daquelas modernices, estrangeiradas, nomes tradicionais, João, António, Pedro, António, António, acho que se deve manter a tradição por aí. Mas até acho que isso tem sido pior é para as raparigas, não é? Há mais essa incidência de nomes um bocado estrangeirados e pronto depois para os rapazes também tem épocas, não é? Há uma determinada altura que há uma quantidade de Tomás, nas escolas nós notamos quando é assim, quando estamos a fazer as cadernetas aparecerem nomes assim que é por moda, não é? Por em exemplo em relação ao Miguel, um apontamento engraçado, acho que é intemporal porque o indivíduo podia ser Miguel no século XIX ou século XVIII e também há Miguel no século XXI, quer dizer é um nome que não perdeu, não perdeu atualidade, mas há muitos nomes em Portugal que não perderam atualidade, mas este é um dos que não perdeu não é.

- À pouco falou-me que associava a figuras históricas....

Miguel Ângelo. Associo, associo, associo a figuras históricas positivas e negativas também. D. Miguel, o rei, o rei que não era liberal, portanto, o rei conservador e aqui não me identifico com essa política, mas quer dizer o nome Miguel tem ao longo da história, tem assim personagens interessantes e desde monarcas a figuras do desporto também.... É um nome engraçado nessa perspetiva mas o Miguel Ângelo trago bastante na memória por causa

do renascimento, por ser uma figura que ajudou a marcar a diferença. Mas como lhe disse o nome deste segundo filho foi assim, como no primeiro tinha sido muito incisivo depois tive que me aguentar. Eu não pude, não pude fazer grande exigências, não é? Mas digo-lhe ficou em sintonia porque acho... acho que está bem, está bem escolhido. É um nome engraçado, não sei se ele gosta, parece que não gosta muito, mas também tem fases. Nós temos momentos em que os nossos nomes não gostamos e depois passamos a gostar, às vezes nós próprios evoluímos não é, pronto. Por exemplo o meu nome é João António e eu.... não vou exagerar, mas 70% das pessoas que já me conhecem há bastante tempo tratam-me por José António. Porque tem a ver, por exemplo na minha época, eu sou uma pessoa de 58, nasci em 58, havia uma tradição muito grande de pôr aos rapazes José António e a minha mãe por acaso.... foi a minha mãe que escolheu pôs João António. Parecendo que não, marcou a diferença e, portanto, eu só tenho medo às vezes é quando é, por exemplo, viagens de avião, em que põem o primeiro e o último nome, se não meterem João arrisco-me a não embarcar, não é? Agora o resto borrifo-me quer dizer.... A não ser assim documentos oficiais importantes mesmo às vezes nalgumas escolas, José António para ali, José António para a esquerda, José António para a direita, já nem reajo, não me preocupo com isso, mas reconheço que os nomes das pessoas, de facto tem muito a ver com os momentos históricos de.... com os momentos que se vive não é. Os anos 60 entre os anos 50 e os anos 70 havia a nível musical um conjunto muito conhecido que era o conjunto de José António e havia de facto muito José António, as pessoas achavam que tinha mais música José António do que João António e então é sim, fiquei João António e acho piada. Hoje é diferente, acho piada. Mas mais novo não achava assim tanta piada. Era como se fosse uma coisa um bocado incaracterística, parece que a minha mãe dizia que se eu fosse rapariga seria Ana Paula e depois como sai rapaz, ficou João António. Isto é o que se contava na altura.

-Também pensou em nomes de raparigas antes de Miguel nascer?

Tanto para o primeiro como para o segundo nós tínhamos algumas ideias já pensadas, algumas até utópicas, não por influência minha, mas por exemplo, lembro-me que achávamos muita piada ao nome Isis. Isis que assim na altura para pessoas assim mais conservadoras "ah Isis coitada da miúda, depois ninguém vai perceber, vão lhe chamar Isa e não sei quê". Isis era uma homenagem a uma Deusa, a uma Deusa Egípcia era um dos nomes.... Mas eu não sei se teríamos depois a audácia para pôr isso. Se calhar depois à

última da hora talvez mudasse e daí não sei, talvez ficasse com outro nome. Mas já agora outra coisa engraçada é que agora já há mais liberdade, mas há uns anos atrás havia mais dificuldade no registo. Agora com a liberalização de.... com o choque de culturas com esta vinda dos brasileiros e com as telenovelas começam a aparecer nomes que são estrangeiros, mas que são aceites. Mas raparigas tínhamos também alternativas e a mais engraçada era essa, Isis.

-Na altura em que a sua esposa ficou grávida do Miguel, lembra-se de ter tido algum sonho? Sonhos? Tive! Tive! E ainda tenho porque agente sonha muito, não é? Agente até julgamos que sonhamos pouco, mas depois pomo-nos a pensar e sonhamos. Aqui neste sofá, quando me deixo dormir um bocado no intervalo dos filmes, quando defendo a teoria que dormi um bocado bem é porque inclusivamente sonho, aqui sentado. Portanto acredito que.... Portanto essa história do sonhar é.... Nos sonhos o que me dá a sensação é.... não associo nomes.

-Bom, esta pergunta não tem propriamente a ver com nomes, é se sonhou com o seu filho. Tive como toda a gente tem sempre aquelas preocupações com o nascimento. Se corre bem, se não corre bem. Se é um parto rápido, se não é. E quer agente queira ou não, acho que isto é transversal a todas as mentalidades, estamos sempre com aquela ideia de que queremos um filho perfeito. Isso marcou-me também. Sonhava... sonhava... Aquelas coisas esquisitas de as coisas estarem mal e eu querer ajudar e não conseguir e depois acordar isso não, nunca me aconteceu. Foi sempre pelo lado positivo, foi sempre sonhos pelo lado positivo. Do género de eles estarem divertidos e a rir e não associado a sonhos, mas um apontamento que também pode ter piada é que o facto de o Miguel ser um pouco, um pouco não, muito... ele nasce por pressão do irmão porque não queria ser filho único. Daí a diferença de idades. Portanto... Porque de facto em princípio estava previsto ser só um. E a pressão do mais velho fez com que viesse o mais novo.

-Mas os pais também aceitaram essa ideia....

Claro até porque eu tenho um irmão, por exemplo a minha mulher não tem. Eu ainda hoje e sempre, sempre achei muita piada à base, para mim é base fundamental de uma sociedade que é a família, não é? E.... se calhar isto até é um discurso ligado a um sector mais conservador, que é a família e tal, que eu acho uma loucura porque eu acho que as questões

da família não têm fronteiras políticas e ideológicas. Eu acho que, uns pequenos parênteses para ser rápido, acho que a esquerda perdeu um bocadinho esse combate tal como perderam em relação a outras matérias, tenho pena porque eu gostava que eles não tivessem perdido. Por exemplo aquela questão das famílias numerosas, o apoio às famílias que têm muitos filhos.... É um combate que ficou um pouco entregue a sectores mais conservadores da sociedade. Há uma ligação, a ideia de família está muito ligada a sectores conservadores, quando eu acho que não devia de haver fronteiras. Tanto à esquerda como à direita, conservadores e não conservadores quer queiram ou não a família é a base, é a célula fundamental da sociedade. E sendo a célula fundamental abençoadas as famílias onde há muitos filhos, onde há muitos irmãos, acho isso giríssimo, acho que é importante. E pronto e hoje sinto, apesar de nós termos opiniões diferentes e não estarmos muito em sintonia entre nós e eu gosto e sinto alegria pelo meu irmão que é mais novo que eu, 6 anos, é uma diferença grande. E, portanto, essa história dos filhos e dos irmãos, acho que é uma matéria muito interessante e acho muita piada. Sou um estudioso, um estudioso no sentido de observador e achar muita piada que as famílias... ênfase entre famílias em que há muitos irmãos. Acho engraçado até, a maneira como as famílias se têm que orientar, a gestão, a organização, a disciplina, a distribuição de tarefas. Um pai que tem um filho, o afeto vai todo para um, não é? É canalizado para um, se tiver 5 filhos, a sua capacidade de dar afeto tem de ser dividido por 5. Isto é engraçado caramba! Isto é uma coisa gira, não é? Pronto, acho piada. Acho piada e acho que é um desafio. E acaba hoje por ter uma atualidade muito grande esta conversa, parece que o ano passado em Portugal o número de óbitos foi, ou superior ou muito parecido com o de nascimentos, ou seja, este país, está a ficar um país de velhos, não é? E um país onde não nascem crianças é um país condenado. Aliás neste momento já há analistas que falam em consequências, deste período que estamos a viver, deste problema geral que agente está a viver, as pessoas falam de consequências negativas no plano económico, a nível de emprego, no plano social, no plano cultural e há quem diga.... e no plano demográfico, não é? Porque se isto continua assim, não é? Quer dizer, se não há uma renovação da sociedade, isto é complicado. É um país falido em termos humanos, não é? Agente bem vê aqueles países evoluídos, a valorização que é dada à maternidade. Hoje em Portugal as pessoas evitam ter filhos, e cá para nós têm razão em evitar, a nível de emprego, uma mulher que comece a meter, a meter baixas ou a usufruir da lei que a defende, não é? Da, em relação à gravidez, em muitos empregos é prejudicada. Agente de facto... a lei da

maternidade e da paternidade permite aos homens, aos pais também usufruir, há aí muitas empresas em que se alguém pretender isso vão parar à prateleira e depois os próprios receios económicos das pessoas não poderem sustentar os filhos. Isto hoje é uma realidade. Vejo isso com muita pena, com muita mágoa.

-À pouco falou-me que acha que o papel da família tem muita importância...

Sem dúvida. É a célula principal de uma sociedade. Repare a sociedade pode ter empresas, instituições, organizações, estruturas, mas a base é a família. Porque é aquela que, vamos lá a ver, só se agente vivesse num mundo de robôs não é, mas sendo uma sociedade humana a base é a família, a célula principal. Todos estes problemas, desemprego, cortes salariais, problemas no sistema nacional de saúde, isto é um cerco, não é? Qual é a família de hoje que começa a crescer? As pessoas têm medo! Têm medo e evitam ter filhos. Isto é... eu acho que isto pode ser dramático. Não já claro, mas daqui a dez anos, 9, 8, 12, 14 anos, isto pode-se pagar muito caro. Para já pela pontificação social e depois pela descaracterização do país. Quer dizer... é uns com muletas, outros para lá a caminhar e não há uma renovação. Aliás vejam o esforço.... isto já outro nível de conversa, mas o que algumas das câmaras têm feito para manter os casais jovens que até davam prémios pecuniários e se agente criticasse isso.... quer dizer é quase um desespero! Dar dinheiro às pessoas por cada bebé que nascesse, era sinal que as famílias estavam a restabelecer aqueles locais não é.... e estamos a falar de terras, e algumas que não são propriamente lá atrás do sol posto.... eu lembro-me de estar aqui perto de Fátima e, e relativamente... vamos lá, zonas não muito afastadas, onde esse problema.... é hoje profundamente dramático, profundamente dramático.

-Mas, por aquilo que me está a dizer parece que gosta e que é apoiante de famílias com vários filhos, mas só pensou em ter o segundo filho por causa da influencia do seu primeiro....

Na altura também por causa de questões de profissão, que estava também ligado à comunicação social e sinceramente não sabia como é que ia ser a minha vida, não é? E talvez porque também não tenha aquela capacidade que eu acho que os pais e os filhos têm que ter. Essa capacidade de que, pormenores que lhe falei há bocado: gestão familiar, gestão financeira, uh... disciplina, espírito de sacrifício uh... por exemplo há, há casais, eu, eu.... quando os meus filhos eram pequenos tive que organizar por exemplo a questão dos tempos livres de uma determinada maneira. A partir do momento em que eles cresceram, como eu só

tinha dois, comecei a ter mais liberdade também para poder ir com a minha mulher para certos sítios, para o estrangeiro e para passear e etc. Ora quando se tem filhos pequenos não é bem assim. Portanto eu só valorizo as famílias numerosas como também valorizo a coragem e a determinação dos pais. Tem que se ter de facto um espirito.... Uma pessoa não pode... tem que dar muito de si, não é? Não pode, como é que hei-de explicar, não pode ter, fingir que não pode ter depois aquelas responsabilidades, não é? Tão lá os pombinhos em casa com o bico aberto à espera, não é? A questão dos espaços, do tipo de casa, o tipo de automóvel, o tipo de vida, o tipo de compras. Quer dizer, eu conheço famílias onde há 5, 6, 7 filhos onde por exemplo, há uma certa disciplina até na maneira como se compra o leite e os iogurtes. Tem que ser apropriada. Qual gestão, tem que ser uma coisa.... A maneira como a roupa passa de uns para os outros, a luta contra o desperdício.... A disciplina, o saber partilhar... esses pais são maravilhosos, são pessoas com uma, com uma estrutura mental acima da média. Eu invejo essas pessoas e dou-lhes um grande... Eu pressinto que talvez não tivesse essa coragem. Mas como lhe disse também uh... as ambições que eu tinha profissionais, na altura, depois chegaram a não ser concretizadas, fez com que, com que só tivesse 2.... E o segundo, dizendo a verdade, por pressão do primeiro que de facto, queria muito ter um irmão. E nós sempre associamos aquela ideia que de facto ser filho único podia ser chato. A minha mulher não se queixaria, não se queixava muito porque tinha muitos primos, não é? Mas de facto primos são primos e irmãos são irmãos

- Há bocadinho também disse que o Miguel provavelmente cria uma homenagem ao avô da Filipa... chegou a conhecer?

Sim.

-E então? O que é que achou, o que é que tem a dizer sobre o senhor?

Repare, é aquilo que eu estava a dizer um, um ribatejano muito humanista, tipicamente ribatejano uh... Com um espirito de humor muito engraçado, sempre bem-disposto uh, e um homem que, pela maneira que contava as coisas com uma formação, não vou dizer uma autodidata, mas quase, ou seja, uma pessoa que não tendo estudos tinha por exemplo, uma caligrafia muito engraçada, tinha conhecimentos da vida, interessante e....e era um excelente contador de histórias, por exemplo. Era um homem muito interessante.

-Lembra-se de alguma historia assim....que lhe venha há memória?

Ele contava era à Filipa quando era pequena, mas ainda ouvi assim ecos sobretudo de histórias com incidência na província.... Sobretudo do Ribatejo. Até porque estamos a falar de uma zona do país onde a vida também não era fácil, não é? Daí muitas das pessoas de lá terem saído para procurarem melhor vida, mas mesmo em Portugal, não é? Era abandonar o Ribatejo para depois arranjar um emprego em Lisboa ou noutra sítio qualquer. Um êxodo porque aquilo ali já estava a ser uma vida complicada e ele próprio é o exemplo disso porque foi depois em Lisboa que ele desenvolveu a família dele. Lá está, uma família também com vários irmãos, portanto a minha mulher tinha várias tias, ou seja, a minha sogra tinha vários irmãos, portanto uns 6, 5,6 ou... Hoje em dia há planeamento familiar e há aqui uma coisa que também, bem não sei muito bem como hei-de explicar, não é muito politicamente correto, mas posso dize-lo e está confirmado por investigadores e por.... e está confirmado por tradição confirmativa oral que nos chegou até nós. Em muitas zonas do país as pessoas tinham muitos filhos porque também era um fenómeno, entre outras de riqueza. Ou seja, como não havia aquela ideia de que iam todos estudar, longe disso, os filhos muitas vezes também eram braços de trabalho. Uma pessoa que tivesse uma boa rede de colaboradores ali domésticos a trabalhar era ótimo. Isto claro tipicamente é incorreto dizer isto porque... pronto. A sociedade também está diferente e de facto essas pessoas precisavam, estou-me a lembrar, por exemplo, Trás-os-Montes, aquelas famílias que tinham muita agricultura, não é? Quem é que trabalhava nessa agricultura? Nos lameiros? Nos terrenos das famílias? Eram os filhos, não é? E, portanto, isso não tenho dúvida nenhuma que até viam uma aposta e daí até ver gerações que tinham, 8, 9, 10 irmãos. Falei de Trás os Montes por exemplos que eu conheço, mas sei que isso era frequente os filhos serem também mão de obra, não é?

-E em relação ao nome do Miguel, tem mais alguma coisa a acrescentar?

Não.... Eu a única coisa que acrescento é que ter filhos dá muita experiência de vida, a maneira como encaramos o segundo filho, eramos mais especialistas, eramos mais profissionais, já tínhamos tido um e, portanto, penso que fomos mais maduros, mas isso é típico porque é a natureza humana quer dizer... Eu se pratico uma determinada atividade há 6 anos com certeza que nos primeiros meses a minha qualidade de trabalho não seria igual aos últimos anos, na última etapa porque a pessoa vai evoluindo. E os pais, assistirem ao

fenómeno do nascimento e ser pai e dar os primeiros passos, tem um.... também dá evolução, não são só os filhos que evoluem, os pais também, não é? Senti-me mais maduro, mais capaz. Senti, senti. Em relação ao primeiro eu tinha aquela... não sei se isto interessa ou não, tinha aquela ideia que é uma ideia muito engraçada. Engraçada para mim, não é? De meter na cabeça que quando tivesse um filho havia de ser Rui Pedro e.... e eu associava isto, quer dizer, eu tive um grande amigo que trabalhou na rádio chamado Rui Pedro, mas não foi por homenagem a esse amigo, que é uma coisa que eu acho muita piada, como eu tenho uma voz muito enrouquecida, aprecio muito vozes e esse indivíduo era de facto uma voz radiofónica, mas claro que não era por isso, não é? Nem era pelos dotes, quer dizer, é que eu.... aquele nome já tinha sido atribuído àquele indivíduo, não é? Pronto, foi uma lembrança que aquele nome existia, por acaso é uma pessoa minha conhecida e é um locutor de rádio chamado Rui Pedro. Para si não lhe diz nada, mas para gerações antigas é um nome da rádio mais ou menos conhecido. E eu fiquei sempre com aquela ideia que era um nome extraordinariamente musical, Rui Pedro, Rui Pedro, tinha música e eu então... então pá quando tiver um filho, há aí tantas pessoas cheias de dúvidas com os nomes, eu nisso não tenho dúvidas nenhuma. É uma espécie de uma opção que está tomada, portanto isto é apresentado com tanta clareza, com tanto entusiasmo, com tanta franqueza que epá que raio, não me há-de aparecer uma mulher, uma companheira que me vai negar esta... este favorzinho, não é? Eu pôr este nome de facto.... se for rapaz claro! Se fosse rapariga negociávamos, mas rapaz, aquele nome de facto.... aquele nome dizia-me muito. Acho que é um nome... um nome com música, diz-se rápido. Se o indivíduo não gostar de ser Rui podem-lhe chamar Pedro, mas Rui Pedro, Rui Pedro, tem música, tem movimento e tem.... e fiquei contente porque saiu rapaz e deu para por esse nome e, portanto, é um nome completamente diferente do Miguel, mas eles também são diferentes, portanto está tudo operacional. São diferentes até pelo futuro profissional que escolheram, não é? No caso do Miguel ainda não sei, mas tudo aponta que seja na área da educação que está a tirar, não é? da psicologia, o outro é militar e, portanto, completam-se e dão esta variedade, esta diversidade que é uma riqueza, não é? Agora os nomes é uma coisa muito gira e.... e até se calhar é uma matéria que não está muito bem estudada. Quanto às origens, por exemplo isto dos apelidos eu penso que nós temos uma influência Judaica gigantesca, não é? Digo eu, no meu pouco, no meu pouco conhecimento muitos dos apelidos em Portugal têm origem na cultura Judaico-Cristã nomeadamente os nomes de árvores, não é? Pereiras, Nogueiras, Pereiras.... Silvas, está a ver? E por aí fora.... Mas o objeto do

estudo é os primeiros nomes próprios, não é? De facto, em relação ao primeiro é muito curto porque é, é.... até poderemos dizer assim, vamos lá respeitando a coisa e não levando a coisa muito para o lado negativo um pouco ditatorial entre aspas porque o entusiasmo às vezes também provoca isto que é a pessoa está muito entusiasmada numa coisa que parece que nem dá hipótese.... Foi mesmo uma coisa.... Em relação ao Miguel, houve essa opção em homenagem ao avô da Filipa com a qual eu me identifiquei. Não estou a dizer que, quase que não tinha capacidade para negociar ou para impor, para tentar pôr em cima da mesa alternativas, mas também é um nome que me agrada por isso é que não fiz.... não.... não apresentei alternativas. Eu por exemplo acho que sem exagerar muito, que antigamente se exagerava um bocadinho mas também lá está, temos de compreender a cultura e o ambiente antigo que era a tradição que em alguns sítios era radical e que ainda chegou um bocadinho aos meus tempos, ainda chegou um bocadinho aos meus tempos que era... e eu acho que você deve saber isso também, que era a tradição forte que existia de muitas vezes se dar à criança o nome do padrinho e às vezes havia pessoas com padrinhos com nomes horrorosos ou com nomes menos bonitos não é? E, portanto, eu por exemplo tenho, nós temos uma prima que tem um nome muito bonito, Teresa, mas levou com Joaquina porque, não é? Temos pessoas que ficaram com nomes dos padrinhos e às vezes como os padrinhos eram pessoas antigas e os nomes eram assim um bocado coiso e tal, mas pronto... Não haja dúvida que o nome é uma coisa que marca muito a pessoa e que. e que... quase que dá vontade de dizer assim "e se fosse o próprio a escolher?" não é? Por exemplo a pessoa nascia e levava um número e depois passado um tempo dizia qual era o nome que queria, aliás eu penso que a lei permite mudar de nome. É uma coisa que também não investiguei muito, mas acho que sim. Já agora em relação ainda a nomes, uma outra matéria que eu acho também interessante, ora já falámos da influência Judaico-Cristã... Ah! é aquilo que eu lhe disse no início da minha conversa de que há momentos na vida em que de facto a questão do nome marca! Quer dizer... na escola, na tropa, nas instituições e há sítios em como sabe o apelido é às vezes mais importante. Por exemplo na tropa é só o último nome que conta e mesmo nalguns sítios ainda hoje o que conta é o último nome, não é? O primeiro nome é assim uma coisa mais pessoal e eu quando ele nasceu, quando eles nasceram, a preocupação do primeiro e do segundo, portanto um deles é Rui Pedro Silva de Pereira e o outro é Miguel Filipe Silva de Pereira, quer dizer, às vezes fico a olhar assim, epá será que? Aí também pressionei também um bocadinho porque estava a imaginar eles depois se fossem Cabelos a malta a gozar com

eles, não é? Nesses sítios por onde eles andarem. O que também é uma burrice nós devemos ter orgulho nos nossos nomes, mas como está lá o Silva, está lá o nome da mãe, havia uma alternativa. Se não houvesse alternativa é que era pior. Também acho piada às pessoas que têm nomes pequenos. Acho mais piada do que as pessoas que têm nomes compridos. Eu tive um grande amigo que faleceu que era uma pessoa mais velha do que eu. Um amigo que quando morei em Lisboa, em S. Bento que era apenas João Antunes. O meu avô paterno era só Bernardino Pereira. Portanto um nome próprio e um apelido, chega, ponto final. Claro que se fosse assim agora ia dar uma grande confusão a nível de nomes iguais, não é? nos bilhetes de identidade, mas acho mais piada a nomes mais pequenos do que a nomes muita compridos. Há pessoas que têm nomes que nunca mais acabam, não é? Faz lembrar aquelas figuras históricas da monarquia. Se precisar de mais algum esclarecimento ou mais alguma opinião que eu possa dar.... Assim de repente acho que mais ou menos o que penso em relação aos nomes.... Já agora um último apontamento não me choca que os nomes aos filhos sejam atribuídos em homenagens que nós queremos fazer a pessoas que mereçam essa homenagem. Que mereçam e que... parece que é uma forma, não direi de manter os outros vivos, morreram coitados, mas é uma forma de manter viva a memória que nós temos sobre pessoas que nos marcaram positivamente. Não me escandaliza nada que agora... guardo... conheço pessoas que viveram isso em termos religiosos, políticos, não é? Pessoas que meteram aos filhos nomes de dirigentes políticos, nomes de Papas, etc.... acho uma coisa, não me lembro bem se havia, mas a nível familiar.... e também não me choca sinceramente pensando bem que se dê um nome a um filho em homenagem a uma figura que tenha praticado o bem por exemplo, não é? Por exemplo aquelas pessoas que puseram aos filhos o nome de Francisco, em homenagem a Francisco de Assis, acho uma ideia engraçada. Não me choca que a escolha dos nomes não tenha apenas a preocupação musical do gostar, que há nomes que são bonitos e outros que não são, não é? Mas também que haja uma atitude ideológica entre aspas na escolha de um nome, acho isso interessante. O Miguel está ligado com o avô e o outro, o outro é nitidamente musical, Rui Pedro, achei piada sempre embora não tenha ligações à música, achei que era um nome que tinha música e que era um nome que o ia fazer, como é que eu hei-de explicar, que eu gostaria de ser isso, que iria ser... que o iria acompanhar bem ao longo da vida e não me enganei porque ele, por exemplo ele no meio militar é Pereira mas entre os amigos há quem lhe chame Rui, há quem lhe chame Pedro e há quem lhe chame Rui Pedro, que também se diz rápido. São nomes curtos

exatamente. Por isso e como foi dois casos de rapazes não é, portanto em caso de raparigas já não tínhamos tantos.... mas por exemplo eu não me escandaliza.... não me escandaliza que as pessoas vão buscar nomes antigos que vão buscar nomes mais ou menos históricos, como por exemplo Constança, Mariana. Acho piada, acho muito mais bonito do que ir buscar aquelas influências brasileiras e das Cátias Vanessas e das, dessas coisas assim, pronto. Acho isso. Acho isso. E o nome acaba por ser uma coisa interessante porque é uma coisa que nos acompanha até para lá da morte, depois ficam coisas, ficam sempre associadas ao nosso nome, não é? E visita-se um cemitério, está lá o nome na campa. Depois há uma coisa engraçada, nisto os apelidos no caso dos rapazes, exatamente, estou a dizer bem no caso dos rapazes, o último é o do pai, não é? Exatamente, depois quando eles tiverem filhos vão dar o último, portanto há uma altura que o nome da mãe cai, por acaso é injusto. É um bocadinho injusto é.... Depois ainda há outra coisa engraçada sobre os nomes... sobre os nomes... Ah! um último apontamento para não a chatear mais porque acho isto muito engraçado e acho que a lei aqui atuou muito bem, o facto de os homens também poderem escolher os nomes das mulheres no casamento, terem o apelido. A minha mulher tem o meu apelido Filipa Silva Cabelo Pereira, mas eu se quisesse também podia ter importado o nome dela. Acho interessante apesar de não ter praticado. Acho porque é... como é que hei-de explicar...torna... torna isto mais democrático, não é? Devemos ter a questão da igualdade de género e de igualdade de direitos, acho engraçado que seja, tal como a lei da maternidade que dê também paternidade, também acho bem, para responsabilizar o pai e para dar.... é porque o filho é da mãe, mas é do pai também, não é? E, portanto, quilo de uma pessoa dizer assim agora a minha mulher vai ela para o trabalho e eu tenho direito a 8 dias ou 10 dias e manter o emprego, era o que eu lhe estava a dizer há bocado, nos tempos que correm com o desemprego, com as pressões nas empresas, pressões vindas de vários pontos é um bocado difícil as pessoas estarem a usar essa legislação. Acho eu. Eu conheço é pessoas que evitam... evitam, não é? E há aí casos que deviam ser denunciados de pessoas que quando estão a ser entrevistadas para empresas uma das perguntas é: "Não pensa engravidar nos próximos tempos, pois não?". Esta pergunta é intimidatória, não me venham com tretas. Um a mulher com uma pergunta destas, precisa daquele trabalho, mas por outro lado quer ser mãe, mas ouve uma pergunta destas... por amor de Deus! Não está a pensar ser mãe nos próximos tempos, pois não? O que é que esta pergunta está a fazer? Está a intimidar, está a pressionar... A legislação em Portugal é muito avançada sem dúvida

nenhuma, mas depois uma coisa é o que está no papel, outra coisa é o que se pratica e que são as próprias pessoas que fazem auto... autocensura porque muitas vezes o pior... como é que eu hei-de explicar, a pior repressão, é a autorrepressão que a pessoa em função dos medos, costuma-se dizer "Qual é a melhor maneira de defender um direito?" Exerce-lo! Sim, mas muitas vezes a pessoa para exercer o direito depois sofre e pode ter represálias e agente bem sabe aí certas mulheres que... um filho, dois, três, quatro, há uma altura em que o diretor lá da empresa diz "epá você não está a pensar em ir para casa?". No estrangeiro pode-se ir para casa com 2, 3, 4 filhos, aquilo que o estado paga, dá para isso, mas as pessoas têm direito a ser mães e a ser profissionais. E pronto, desculpe se fui um bocadinho longo, mas as conversas são como as cerejas e em relação a nomes acho uma matéria muito interessante.